coleção de saberes

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA NO CORPO DIVINO

Orixá encarnado

Yasmine Moraes

artelurgente!
Instituto BR
CEARÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA

SECULT CEARÁ

Governador do Estado do Ceará
Camilo Sobreira de Santana
Vice-Governadora do Estado do Ceará
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho
Secretário de Estado da Cultura
Fabiano dos Santos
Secretária Executiva da Cultura
Luisa Cela
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna da Cultura do Estado do Ceará
Mariana Teixeira
Chefia de Gabinete
Luziana Pinho

Coordenadora de Economia da Cultura
Laizi Fracalossi
Coordenadora de Desenvolvimento Institucional e Planejamento
Sofia Leonor Von Mettenhim
Coordenadora de Políticas de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas
Goreth Albuquerque
Coordenadora de Comunicação
Ivna Girão
Coordenadora Jurídica
Daliene Fortuna

Coordenador de Tecnologia da Informação e Governança Digital
Thyago Souza
Coordenadora Administrativo Financeira
Wilma Jales
Coordenadora de Artes e Cidadania
Valéria Cordeiro
Coordenadora de Patrimônio Cultural e Memória
Cristina Holanda
Coordenador de Conhecimento e Formação
Ernesto Gadelha

Equipe da Coordenadoria de Conhecimento e Formação
Bianca Silva Campello
Daniele Amaral Lima
José Ferreira Mota Neto
Maria Janete Venâncio Pinheiro
Nílbio Thé
Paula Gomes da Silveira
Raquel Santos Honorio

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
e Instituto Br apresentam

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA NO CORPO DIVINO

Orixá encarnado

Yasmine Moraes

Coleção de Saberes
Arte Urgente

CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

FICHA TÉCNICA
ARTE URGENTE

Direção e Coordenação Geral
Mardonio Barros / Paulo Victor Feitosa

Direção Administrativa
Ingrid Ferreira

Direção Executiva
Pedro Ortale

Coordenação Pedagógica
Francis Wilker

Produção Geral
Henrique Castro

Técnica de Pesquisa e Acompanhamento
Angelica Castro

Técnico para Tabulação de Dados
David Paulo

Financeiro
Fernanda Araújo e Yane Lima

Coordenação de Comunicação
Leo de Carvalho

Gestão de Mídias Sociais
Nerice Carioca

Design Gráfico de Redes Sociais
Faruk Segundo e Kathelyn Freitas

Design de Interface
Leo de Carvalho

Produção de Conteúdo
Grasielly Sousa

Streaming
Saimon Oliveira Barros

Gestão de Tecnologia
Techdiffer

EDITORA
QUITANDA SOLUÇÕES CRIATIVAS

Organização Editorial
Mardonio Barros / Paulo Victor Feitosa

Conselho Editorial
Alexandre Barbalho, Claudia Leitão, Ingrid Ferreira, Mardonio Barros, Nayana Misino, Paulo Feitosa, Pedro Ortale, Rachel Gadelha, Renato Abê, Vinicius Wu, Nilde Ferreira

FICHA EDITORIAL
COLEÇÃO DE SABERES

Curadoria
Alexandre Barbalho, Beatriz Furtado, Francis Wilker, Guilherme Marcondes, Roberto Marques, Thereza Rocha

Produção
Leo de Carvalho e Pedro Ortale

Projeto Gráfico
Faruk Segundo e Leo de Carvalho

Diagramação
Faruk Segundo e Lux Farr

Catalogação
Gustavo Augusto-Vieira

M828f MORAES, Yasmine; 1986 -

Fotografia e memória no corpo divino: Orixá encarnado / Yasmine Moraes - 1a ed - Fortaleza: Quitanda Soluções Criativas, 2021.

2571 kb; PDF. (Coleção de Saberes)

ISBN 978-65-84558-17-5

1. Fotografia 2. Cultura 3. Memória
I. Título

CDD: 770

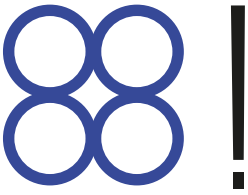
QUITANDA
• Soluções Criativas •

MATRIZ
Av. Historiador Raimundo Girão, 366 - Praia de Iracema - Fortaleza - CE - CEP 60060-570

FILIAL
Av. Rio Branco, 115 - 19º e 20º - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20040-004

www.quitandasolucoescriativas.com.br
+55 (85) 3235.4063

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
e Instituto Br apresentam



Coleção de Saberes

Arte Urgente

Realização

Instituto BR · QUITANDA · Soluções Criativas · · Labs. Culturais

Prod. Executiva

CINCO ELEMENTOS PRODUÇÕES · MARCO ZERO

Apoio Institucional

PORTO DRAGÃO · INSTITUTO DRAGÃO DO MAR · UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI ALDIR BLANC · ceará cultura SECULT · CEARÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA · SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA · MINISTÉRIO DO TURISMO · PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Sumário

Ecologia de Saberes 9

Conhecimento e formação como políticas culturais 13

Uma coleção de saberes urgente 15

À Guisa de Prefácio 21

Introdução 26

Memória entre montanhas: diário aberto 48

- Cariri emerge: do estrangeiro à alma do outro 79
- Luz, complexidade e beleza: Candomblé Cariri 91
- Fotografias da memória 100
- Fotografias do silêncio 128

Lembrar e esquecer: a memória e seus tesouros 157

- Corpo divino em performance de existência 175

Nunca se está sozinho:
o destino do sertão é o mar 196

Referências 209

Apêndices e anexos 209

Ecologia de saberes

Paulo Feitosa

Diretor Geral do Arte Urgente

Diretor da Quitanda Soluções Criativas

"Precisamos ser melhor formados para depois ficar bem informados. Essa é uma tarefa da universidade, para mim, assim como é para ti. É preciso que um tema como esse seja realmente discutido. Ensinar não é trazer para a escola um pacote de conhecimentos, às vezes desarticulados. Ensinar é produzir a possibilidade da produção do conhecimento por parte do aluno", provocou o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. A educação superior, desde as origens, busca criar, transmitir e alastrar conhecimento — nas sociedades contemporâneas, a universidade ocupa estratégica posição socioeconômica. Os crescentes cortes de verbas para as instituições federais, no entanto, fragilizam o direito à educação pública: em valores atualizados, o orçamento do Ministério da Educação (MEC) para o ensino superior em 2010 seria hoje o equivalente a R$ 7,1 bilhões. Neste ano, o repasse é de apenas R$ 4,5 bilhões.

Com a pandemia de Covid-19, o negacionismo da ciência no Brasil alcançou proporções ainda mais alarmantes: minimização da gravidade da doença, boicote às medidas preventivas, subnotificação dos dados e tentativa de descredibilização da vacina. Diante deste cenário, o grande desafio é repensar o mundo — e a universidade é central na criação de

outros possíveis. A Coleção de Saberes, ação do projeto Arte Urgente, comprometeu-se em divulgar e valorizar pesquisas acadêmicas no campo da arte e da cultura no Ceará, como uma ponte entre estes trabalhos e um público diverso e interessado em aprender e aprofundar conhecimentos. A partir de uma chamada pública, a iniciativa selecionou pesquisas realizadas em todo o Estado e as disponibilizou em e-books com acesso gratuito.

A Coleção de Saberes elegeu 20 trabalhos originais e inéditos que costuram relevantes debates sobre arte e cultura no Ceará em suas múltiplas linguagens. Álvaro Renê Oliveira de Sousa escreve sobre as contribuições para um teatro negro de resistência; José Brito da Silva Filho aborda a experiência da Cia. Ortaet de Teatro no centro-sul cearense, entre percurso pedagógico e processos criativos; Manoel Moacir Rocha Farias Júnior investiga o gênero na cena performativa-política de Fortaleza; e Thaís Paz de Oliveira Moreira apresenta o Grupo Independente de Teatro Amador (GRITA).

Nas cartografias memorialistas desta Fortaleza em devir, Ethel de Paula Gouveia desbrava a vida esculpida com os pés do poeta Mário Gomes; Carlos Renato Araujo Freire pesquisa o engajamento cultural do historiador Nirez em prol do passado da Capital e da música popular brasileira; e Lais Cordeiro de Oliveira escreve sobre o Rei de Paus e a coprodução de personagens, objetos e lugares no maracatu. No audiovisual, a recepção de cinema no Cuca Barra do Ceará é objeto de interesse de Luciene Ribeiro de Sousa; e o cinema brasileiro contemporâneo como ato coengendrado na elaboração do morar avizinha-se nas palavras de Érico Oliveira de Araújo Lima.

Adentrando o Ceará Profundo, Izaura Lila Lima Ribeiro resgata memórias brincantes a partir do corpo e da poética

do Maneiro Pau do Mestre Cirilo no Crato; e Johnnys Jorge Gomes Alencar debruça-se sobre a agremiação literária cratense Club Romeiros do Porvir. É também no Cratim de Açúcar que a investigação de Larissa Rachel Gomes Silva sobre bonecas e memórias femininas no processo de poíesis se concentra. O patrimônio e cultura material canavieira do Cariri nos anos 1930 a 1970 é recorte do artigo de Naudiney de Castro Gonçalves; e Yasmine Moraes Alves de Lacerda analisa o universo cultural caririense ancestralmente negro a partir das narrativas fotográficas dos Orixás. Já em Baturité, José Wilton Soares De Brito Souza desenvolve um estudo antropológico sobre a memória e os espaços com ouvidos atentos aos contos e causos de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Onde tudo que é bonito é absurdo, Ridimuim borda um arquivo radical, impermanente, desorientador, ameaçador, premonitório e infinito do sertão.

O papel da coleção Arthur Ramos nos itinerários do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará é objeto de pesquisa de Maria Josiane Vieira. Ainda nos meandros educacionais, Marise Léo Pestana da Silva questiona como a educação somática possibilita o gesto dançado e quais os aportes para a criação em dança contemporânea. A pedagogia e política na experiência do corpo também instigam Renata Kely da Silva, que estuda memória como território metodológico. Em um texto-corpo-pensamento, por fim, Noá Araújo Prado nos apresenta escritos de uma Guerra Planetária ao encarar de modo radical o não-distanciamento do seu corpo de pesquisadora.

Essa pluralidade de conhecimentos heterogêneos que se entrelaçam é nomeada pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos como “ecologia de saberes”. Nos feitiços

subterrâneos das vidas, severinas e de viés, os saberes correm velozes feito sangue nas veias e atravessam gerações. Dos profetas das chuvas aos seminários nas salas de aula, cultura é tudo aquilo que construímos entre todos. “Volto a dizer que a universidade não tem de salvar-nos, não se trata de salvar ninguém, digamos mesmo que a universidade tem de assumir a sua responsabilidade na formação do indivíduo, e tem de ir além da pessoa, porque não se trata apenas de formar um bom informático ou um bom médico, ou um bom engenheiro, a universidade, além de bons profissionais, deveria lançar bons cidadãos. Creio que universidade pode, creio que vós podeis”, apostou o escritor português José Saramago (1922-2010) em conferência realizada na Universidad Complutense de Madrid no ano de 2005.

As autoras e os autores publicados na Coleção de Saberes receberam pagamento pela pesquisa, medida de estímulo, reconhecimento e respeito ao trabalho intelectual. Pensando em uma maior acessibilidade dessas pesquisas, os e-books possuem ainda um versão em audiobooks.

Conhecimento e formação como políticas culturais

Fabiano dos Santos Piúba

Secretário da Cultura do Estado do Ceará

Doutor em Educação (UFC), mestre em História (PUC-SP)

A Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE) realizou no âmbito da Lei Aldir Blanc, um conjunto de editais que se conectam com seu Plano de Gestão 2019 - 2022, denominado "Ceará, estado da cultura". Dessa maneira, realizamos nossas ações de acordo com os eixos das políticas e dos programas estabelecidos no Plano Plurianual – PPA e do Plano Estadual da Cultura, instituído pela lei 16.026/2016, sancionada pelo governador Camilo Santana. Dentre os eixos de atuação e programas, destaca-se a "Promoção e Desenvolvimento da Política de Conhecimento e Formação".

A agenda de formação e conhecimento ganha relevo na Secult a partir de 2016, obtendo status de programa orçamentário e se transformando em eixo das políticas culturais, além de uma Coordenadoria própria na estrutura da Secretaria. Foi assim que lançamos o "Edital de Chamamento Público para Programa de Formação e Qualificação para o Setor Artístico/Criativo do Ceará", visando à manutenção e o fortalecimento da economia da cultura e das expressões artísticas em nosso estado.

O próprio edital estabelecia um roteiro para apresentação das propostas, considerando a clareza de seus objetivos em desenvolver um programa de formação e qualificação da

cadeia produtiva da cultura, promovendo a qualificação artística e técnica, possibilitando a geração de renda, desenvolvimento pessoal e profissional, com ênfase no empreendedorismo dos setores criativos e produtivos por meio não só de projetos, mas também de planos de negócios e de marketing, bem como de planejamento estratégico para gestão administrativa, jurídica e financeira. Noutras palavras, tínhamos em mente a necessidade da qualificação dos projetos, mas também de sua gestão e resultados. Além desses objetivos específicos, destacamos a promoção e difusão do conhecimento científico e acadêmico, considerando que formação e conhecimento são agendas indissociáveis.

O edital teve como instituição selecionada o Instituto BR Arte que apresentou um projeto de excelência para os objetivos estabelecidos pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Os Ateliês de Criação com formação artística e técnica, as Janelas Formativas com 100 cursos livres, a Agência de Futuros com suporte técnico e de gestão de projetos e a bela proposta da Coleção Saberes com a seleção e publicação de 20 pesquisas inéditas foram linhas de ações do projeto "Arte Urgente: a cultura como farol do Ceará".

A "Coleção de Saberes" reúne um conjunto de títulos extremamente relevantes para a pesquisa e produção do conhecimento acerca do fazer artístico, do patrimônio cultural e da memória, da diversidade e da cidadania cultural no Ceará e no Brasil. São vinte obras selecionadas que não deixam de expressar o caráter de urgência, de emergência, mas também de resistência, componentes próprios das artes e da cultura como criação, reflexão, pensamento, posicionamento e reinvenção de vidas e de mundos.

Uma coleção de saberes urgente

Alexandre Barbalho

Professor dos PPGs em Sociologia e em Políticas Públicas da UECE

Líder do Grupo de Pesquisa em Políticas de Cultura e de Comunicação – Cult.Com

A cultura é o lugar da norma e da regra. A vasta tradição de pesquisas e elaborações teóricas das ciências humanas e da filosofia fundamenta tal afirmação. Contudo, é esse mesmo estabelecido corpus de conhecimento que informa como a cultura também é o lugar da crítica e do desregramento.

Esse formato bifronte da cultura, essa sua tensão constituinte, impõe uma lógica processual e múltipla que resulta nas diferenças diacrônicas e sincrônicas entre os mais variados tipos de agrupamentos humanos. Tal tensão pode receber diversas leituras. Para um pensamento conservador, por exemplo, quando a cultura afirma a coesão ela se denomina de civilização. Quando, ao contrário, ela dá vazão à contestação, se manifesta como barbárie.

Podemos entender essa tensão também como uma relação agonística, uma disputa cujo sentido final é adiado infinitamente. Contudo, parece que nesse jogo, o adversário que está há bastante tempo em situação de defesa, quase acuado e pedindo desculpas por ainda permanecer na disputa, é a cultura como exercício crítico. "A cultura é a regra", afirmou Jean-Luc Godard em seu filme Je vous salue, Sarajevo. Ou

tempos mais atrás, quando visitava o Brasil nos anos 1980, Félix Guattari, em debate com o movimento negro na Bahia, dizia que a cultura era um "conceito reacionário".

Trazer essas duas colocações deslocadas de seu contexto discursivo tem o intuito de provocar o leitor e possibilita destacar a importância da "Coleção de Saberes" inserida no projeto de sugestivo nome: "Arte Urgente".

Reunindo um conjunto de pesquisas que foram originariamente dissertações ou teses acadêmicas, em diversas disciplinas, a coleção amplia o pensamento crítico e não normativo sobre a cultura feita no ou sobre o Ceará. São vinte títulos que refletem o estado a partir de uma perspectiva ampla, nada provinciana, no sentido pejorativo da palavra, de visão tacanha, mesmo quando toca em assuntos profundamente provincianos, no bom sentido da palavra, das coisas que nos afetam.

Trata-se portanto de uma **coleção de saberes urgentes para os tempos que correm**.

Laroiê, Exu!

Agô, Oxalá

Para Jerusa

À Guisa de Prefácio

A mudança não mudou o que já era.

Dona Lourdinha

A verdade num tá no fim nem no começo, ela se dá pra gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa

Sou uma brasileira convicta. Quero bem ao Brasil. Não sei se existe reencarnação, mas, se existir, rogo a Deus para repetir minha nacionalidade. Contudo, por outro lado, tenho a convicção de que não existe o Brasil. Existem, isso sim, os Brasis espalhados entre o Oiapoque e o Chuí. Brasis diferentes, mas igualmente formados por uma cultura maternal e plástica que os mantém coesos e convergentes entre si.

Falamos uma língua neolatina, fomos colonizados por portugueses, em nossos tempos inaugurais fomos convertidos à confissão religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, porém, nunca fomos ortodoxamente ocidentais. Leopold von Ranke costumava dizer que "cada nação traz a marca de seu anjo". Acho que o historiador alemão tinha razão: as nações realmente têm os seus anjos! E o nosso, mesmo antes do descobrimento, já nos havia antecipado, já era um anjo mestiço!

Brasis múltiplos só compreensíveis se à sua diversidade for incorporada a mistura à origem de todos eles. E aqui já sobressai nítida e irrecusável, a coerência do trabalho de Yasmine. Ancestralidade não é palavra vaga, abstração. É palavra viva, concreta, cotidiana.

Somos essencialmente aqueles que nos foram antes. Razão pela qual devemos tratar o passado com cautela, pois, o passado nunca está inteiramente consumado. Desde o tempo remotíssimo em que descemos das árvores e adquirimos verticalidade, repetimos o gesto de nossos avós. Deveríamos, por gratidão, diariamente orar a Deus pela bem-aventurança da alma do nosso ancestral que inventou esse artefato formidável que é a roda. Aos individualistas é sempre oportuno lembrar o predomínio da sequência. Somos frugais descendentes do inventor da roda que alimenta e transporta, ainda hoje, bilhões de pessoas!

É Yasmine, você entendeu tudo!

Brasil Kariri! Com K (acho mais imponente).

Interposto entre a África e a Chapada do Araripe.

Povoado pela memória de índios altivos subindo a serra a caminho do mar cujo espírito ficou encantado no caminho, sob a sombra tênue e misteriosa da Jurema Sagrada. Caboclos e Senhores Mestres já estavam à espera dos que viriam! E eles vieram.

E não houve disputa ou hostilidade, pois, em qualquer parte, as águas, as terras, as árvores, e as pedras são fraternas. Em pouco tempo, os Orixás estavam solidamente instalados no Kariri. E sempre, indulgente com as contradições dos seus fieis, os Orixás aceitaram até a companhia de um desconhecido: uma entidade de olhos azuis sem pé de dança, vestida de preto, Cícero Romão Batista. O Padim!

Kariri! Os subterrâneos da fé.

Sem fé, os Brasis seriam incompreensíveis.

À diferença de outras nacionalidades mais cépticas ou mais formais, os brasileiros convivem com o sagrado de um modo muito particular. São íntimos de suas devoções. O Santo, o Orixá é protetor, amigo, parceiro, confidente. Cura a doença, recupera o cônjuge infiel, ajuda a pagar a prestação da casa própria e em períodos de penúria, ajuda até a acertar no bicho para suprir as compras no mercadinho. A tudo eles atendem. No Brasil, os subterrâneos da fé estão impregnados de compaixão.

Contudo, o trabalho de Yasmine não é laudatório, ingênuo. Sem proselitismo de palanque, há nele denúncia. Os santos católicos serão, acaso, mais eficazes e mais solícitos do que os Orixás? Ou sobre os Orixás, ainda pesam as sombras sinistras da servidão?

Em Grande Sertão: Veredas Guimarães Rosa, que era um sábio, disse com todas as letras: "pra trás não há paz". Não há mesmo. Não há nada absolutamente a fazer para restituir a vida e a liberdade aos milhares de africanos sacrificados ao Brasil durante o período colonial. Pedir-lhes perdão? Oferecer aos seus descendentes um resgate? É risível. É pior, é ofensivo. Seremos sempre seus devedores.

Como convém a um trabalho acadêmico, a escrita de Yasmine é circunspecta. Mas não é árida. Há passagens em que ela tangencia a literatura como, por exemplo, quando nos descreve a marcha ritual dos Kariris a caminho do mar, ou quando nos descreve as qualidades dos Orixás. Há sim Yasmine, magia na floração dos cajueiros! E sem água, sem raio, sem rio, sem fonte, sem pedra, sem mata... sem beleza, não há Orixá. Axê.

Ademais, o trabalho de Yasmine possuí substância etnográfica. Fisicalidade. Nele percebe-se a veracidade da pesquisa. Mãe Célia, Mãe Ciça, Mãe Maleozazi, Pai Bira, Edson (se o caju é bonito, posso dar ao meu Oxossi). Estão vivos, nítidos no texto. Eu não os li, eu os conheci.

E a História? E a Memória? A História não se repete como farsa. A História permanece um mistério. Quando menos se espera, retorna no tempo, e volta a assustar e a oprimir. Diante de seus desígnios, a Ciência recua atordoada e as pessoas voltam a pedir clemência à hora de morte. Nesses períodos, a memória transforma-se em trincheira, em esconderijo. O passado ressurge em socorro do presente.

A imagem não é complemento. É prolongamento do texto. As fotos combinadas entre si e inseridas na narrativa transportam o leitor para o universo investigado. Consubstanciam a fisicalidade já alegada a favor do trabalho e ratifica a frase escrita em 1655 pelo padre António Vieira no Sermão de Sexagésima: "No Céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra há tão poucos que o amem, todos o ofendem. Deus não é o mesmo, e tão digno de ser amado no Céu e na Terra? Pois como no Céu obriga e necessita a todos a o amarem, e na terra não? A razão é porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No Céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos: Videbimus eum sicut est; na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: Fides ex auditu; e o que entra pelos ouvidos crê-se, o que entra pelos olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muitos outros".

Nenhuma objeção ao trabalho? Talvez, um esclarecimento. Eu tive a ventura de morar na África. No coração do continente. No Cameroun. Mas, também, tenho meu filho morando na Nigéria a quem vou visitar com certa frequência. Lá conheci um velho velhíssimo, a cabecinha branca como algodão, os olhos cintilantes como obsidianas finamente lapidadas. Às margens da nascente do Rio Oxum, foi ele quem me disse que Ewá, o Orixá que enganou Iku, a morte, era a "noite estrelada". Com certeza deve ter sido por causa do fuso horário que, entre nós, ela se transformou em crepúsculo. HI HÓ IYÈWÁ! Brasil. Brasis. Múltiplos. Encruzilhados. Brasil Kariri. Território de fé. Dívida. O Sertão já foi mar. ODÓ-IYÁ. Parabéns, Yasmine.

Ciema Silva de Mello.

Introdução

Perceber como se expressam as manifestações culturais, de caráter profano ou sagrado, na região do Cariri, localizada no sul do Ceará, é ser imerso no universo cujo invólucro é de matrizes européias, africanas, indígenas e árabes. O contexto deste conjunto, que representa a cultura brasileira, é configurado por matrizes e preceitos simbólicos africanos, europeus e indígenas.

Essa conjuntura cultural é explicada pela pesquisadora Leda Martins através do termo ***encruzilhada***.[1] A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos preceitos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim.

A diversidade das religiões de matrizes africanas no Brasil é imensa e não há como generalizá-las. Por entre os olhos do presente, pretende-se enfatizar a cultura negra no Cariri cearense, tendo em voga a religião ***Candomblé***[2]. Coube comunicar a cultura negra e contribuir, assim, para o afastamento desta da obscuridade, através da análise do universo simbólico da religião e da memória transcorrida nas narrativas dos ***Orixás***[3] em performance.

| 1 | MARTINS, *Performances do tempo e da memória*, p. 45.

| 2 | Segundo Pierre Verger, no livro *Orixás deuses iorubás na África e no novo mundo*, a palavra *Candomblé*, de origem bantu, designa, na Bahia, as religiões africanas em geral.

| 3 | Os Orixás são pontos de força imanentes da natureza, de características também humanizadas.

É respeitável dizer que utilizamos a forma afrobrasileiro[4], sem hífen, seguindo orientação da pesquisadora Yeda Pessoa de Castro, com a qual estamos de acordo. O termo refere-se a uma cultura, ou um forte segmento da cultura brasileira, e não a uma articulação entre duas culturas – uma africana, outra brasileira, que não existe sem seu elemento africano. A articulação do hífen pode remeter a uma quebra, ou uma separação de fala. Tratamos *afro* como imersão cultural, não divisível. Por isso o hífen, que pode causar ruptura, é inútil para se tratar de afrobrasileiros, pois as culturas são somadas, não simplesmente unidas por um sinal em forma de pequeno traço – hífen – que tanto une como separa.

Por ora, é indiscutível que as culturas afrobrasileiras e indígenas[5] ainda são marginalizadas no nosso país. Isto porque se faz recorrente o estigma, configurado por este sistema, sobre as diversas formas de expressões culturais e religiosas e, também, sobre os grupos e comunidades protagonistas dessas manifestações e práticas cotidianas. Tal marginalização é reflexo do modelo escravagista pelo qual fomos criados.

O Cariri é africano, indígena, europeu; porém, sua ascendência africana está posta em um abismo, elucidando o desconhecimento e abafamento cultural considerável desta e das manifestações oriundas dela. Os apontamentos existentes e a memória histórica, que expõe a cultura afrobrasileira na região, emaranham-se nos poucos escritos, gravações e imagens. A fotografia foi o meio escolhido

| 4 | O conceito de *afrobrasileiro* foi retirado do artigo "Afoxé Obá Orum: relato de experiência afrobrasileira no Cariri cearense"; de autoria de Yáskara Rodrigues e Ridalvo Félix.

| 5 | Utilizamos o termo *indígenas*, bem como *índios*, por serem substantivos comuns de conhecimento geral, da nomenclatura usada no decorrer da história para nomear os habitantes naturais do Brasil. Porém, sabemos que tais substantivos generalizam povos e culturas diversas, como os Kariris no Cariri cearense.

para evidenciar a cultura negra no Cariri cearense, ainda marginalizada e oculta dos merecidos alvos de notoriedade. Assim, a imagem nos permitiu transmitir a vivência deste universo.

Na região do Cariri cearense, destaca-se, especificamente, o município de Juazeiro do Norte por ser uma região caracterizada pela religiosidade católica. Romarias atraem um grande número de fiéis e são destaques turísticos quando se fala na região do Cariri, tendo como foco o Padre Cícero. Entretanto, o candomblé, esta "outra" religião, é tão vívido quanto as romarias. O candomblé é uma religião que agrega e que compõe o universo cultural caririense, caracterizado pelo posto "lado a lado" com a religião dominante, formam dimensões simbólicas contemplativas.

Juazeiro do Norte, submergida pelo catolicismo e candomblé, é uma cidade que vive em função do misticismo e da religiosidade, constituída por artesanatos de santos feitos nos mais variados materiais: madeira, plásticos, gessos e tecidos. É aqui, neste ambiente, que o candomblé acaba aparecendo pouco nas notáveis mídias públicas. Em contrapartida, ao candomblé cabe um expressivo número de adeptos. Há de mencionar e lamentar, com isso, a violência que os povos das religiões de matrizes africanas sofrem pelas autoridades policiais.

Existe um grande número de terreiros na região do Cariri. Porém, não há nada no governo local que permita e estimule o recenseamento dos mesmos. Foram mais de 100 terreiros fotografados para a exposição ***Bombogira***: exposição fotográfica

itinerante, que se traduz no movimento de pomba-gira, concebida em 2009 na Mostra SESC Cariri de Culturas, idealizada pelo pesquisador Ridalvo Félix. Essa exposição impulsionou a realização de mais duas exposições relacionadas ao tema: ***Javalu: Rota Ngoma Cariri e AGÔ!***, ambas assinadas pelo Coletivo Café com Gelo.[6] Entretanto, o número de terreiros na região está distante de ser exato.

O corpo que configura o divino, que perpetua a cultura e o sagrado, é posto como primordial analítico na fotografia documentada. A fotografia tem real importância para que se tome partida do universo simbólico e do que flui dele dentro, da reminiscência do corpo performatizado. Como registro de experiência, a fotografia transporta relatos presentes na discussão que envolve corpo, performance e memória.

Sujeito da fotografia, o Orixá, é tomado como o rijo sujeito de análise, por ser atribuído a ele a força divinal nas religiões de matrizes africanas. O estudo dos signos referentes à exaltação dos Orixás, em resistência e negociação, abonou a ênfase ao contexto sócio-histórico-cultural que envolve a cultura afrobrasileira na região do Cariri.

Durante a escrita da dissertação, a partir do que foi vivenciado, bem como a partir da força comunicacional e política na fotografia, foi possível notar o quanto este trabalho pode contribuir para a visibilidade e valorização da tradição de matriz africana que envolve as manifestações religiosas ancestralmente negras.

| 6 | O Coletivo Café com Gelo foi idealizado por mim, onde atuei como escritora e fotógrafa. O Coletivo Café com Gelo é legítimo do Cariri cearense. Desde 2009, o Coletivo usou a internet como porta principal de entrada para sua própria galeria digital. Para tanto, seu maior fascínio é de transformar a imagem em objeto de arte. Os artistas *cafécomgelenses* trabalham com imagens, abraçando-as, mas é, por essência, um coletivo de fotógrafos. O Coletivo caminhou com a pretensão que foi além do fato de "ser visto" digitalizado. Andou desvencilhado de amarras que intimam o teor feroz que se designa na arte; fez das galerias ocupadas por eles, um envolvente cenário de cores, imagens e sentidos.

Acreditado, assim, que a ênfase deste universo cultural contribui para a implementação da lei 10.639/2003; lei esta que determina o estudo da história e da cultura africana e afrobrasileira na educação de formação. Este trabalho é uma gota na imensidão cultural negro e índia, negroíndia, na região do Cariri, por isso acreditamos que ele venha a ser veículo de comunicação da presença, beleza e justiça sobre a cultura negra, lei formadora cidadã do povo caririense.

O objeto deste trabalho são os Orixás no candomblé, na natureza e na cultura do Cariri cearense. O registro fotográfico é parte constituinte desta dissertação. Os Orixás em performance da existência, presentes no ambiente de culto e no hábito das Mães de santo, elucidam, através de suas características aprazadas no corpo e ao corpo, a memória cultural grafada em atos, sentimentos, gestos e artefatos que carregam sobre si; no dia a dia e na alusão da incorporação.[7]

A fotografia é arquivo vivo, portador da memória, e ainda é objeto político e analítico, constituídos no corpus desta dissertação. Assim, coube ao ***corpus*** os registros fotográficos oriundo da pesquisa de campo e da pesquisa da memória vivenciada. Intimista, as fotografias criam espaços de uma memória imagética durante a travessia do sertão para o mar.

O sertão interior é de travessia, um ir e vir constante. O sertão se define em variabilidade infinita, em que o melhor significado está na dualidade longe-perto, deserto-povoado, deserto-oásis, terra

Um dos maiores feitos do Coletivo Café com Gelo foi ser protagonista da expedição documentária Nordestes emergentes, Fundação Joaquim Nabuco, Pernambuco. Assim, o Coletivo materializou a primeira e maior exposição fotográfica para o acervo permanente do Museu do Homem do Nordeste, em Recife.

| 7 | Incorporar é receber no corpo físico, do adepto do candomblé, a energia do Orixá, sua força divinal, ou seja, dar passagem para que o divino adentre na matéria física.

árida-terra fértil, campo-metrópole.[8] Nesta complexa dualidade, o Cariri está contido e sussurra uma existência exuberante. O Orixá vibra nas águas do Cariri. O corpo dual também é sertão e mar.

| 8 | FERREIRA. Um longe perto: os segredos do sertão da terra, p. 34.

Os terreiros fotografados são Nação Ketu; Ilê Asé Omó Obá, de Mãe Ciça; Ilê Asé Oxum Tunji, de Mãe Célia e Mãe Alice; Nação Angola; Nzo Ngana Nzazi, de Mãe Mametu Maleozazi. O terreiro que tivemos contatos frequentes e acolhida indispensável foi o terreiro Ilê Asé Amó Olwayê, de Pai Bira, que foi ponte para o terreiro de Mãe Ciça, onde tivemos contato frequente de conhecimento, segredos e permissões para ir e vir, entrar, ouvir e, sobretudo, calar quando preciso.

Como objetivo geral, almejamos comunicar e discutir a memória cultural negra e seu universo simbólico a partir das fotografias dos Orixás nos terreiros de candomblé na região do Cariri cearense. E, ainda, especificamente, propomos a discussão crítica conforme a relevância cultural negra na região do Cariri cearense, analisando os signos referentes à imagem que performatiza, a imagem em presença íntima, a sequência fotográfica de cada Orixá, em atribuições elucidadas no âmbito da cultura negra.

É notória a abundância das manifestações culturais de matrizes africanas no Nordeste brasileiro; dentre elas, o candomblé. Sabemos também que essa diversidade cultural é riquíssima; porém, não tem sido alvo exímio para que se tenham registros como se deve da presença dessa cultura na região do Cariri cearense. Interrogando, então, o papel

desempenhado pela fotografia e pela memória, chegamos ao potencial do processo imagético e semiótico a ela atribuído, como possibilidade de comunicação e integração da cultura negra no Cariri cearense no campo da comunicação.

Falar em memória é adentrar em um universo oriundo de imagens evocadas das lembranças. Essas lembranças carregam ações nas quais o corpo é o verdadeiro responsável para transportar este mote de informações e sentidos capturados pela visão. A memória recria ações que se fundamentam nas ações do corpo em performance. A fotografia carrega estas informações, já que ela é descrita como objeto detentor estático da ação.

Ainda carece dizer que no acervo[9] da Fundação Pierre Verger, na Bahia, encontram-se mais de 63 mil fotografias e negativos feitos até o ano de 1973, número considerável de imagens que relatam sobre a cultura negra imanente no Brasil. O fotógrafo Pierre Verger documentou não só o estado da Bahia, mas também vinculou Salvador à África, à cultura negra e às suas dimensões sócio-históricas através de fotografias, que são documentos de registro. Nesse vasto documento, sabe-se que, apesar de difundir a cultura negra e suas divindades, infelizmente não se tomou devido cuidado às percepções imagéticas, folclorizadas pelo olhar do estrangeiro vigente.

Esta escrita foi uma gota diante da imensidão e diversidade de expressões da cultura afrobrasileira existente no Cariri. Porém, o que nos motiva com a fotografia é contribuição para a preservação,

| 9 | Sabemos da importância do trabalho realizado pelo fotógrafo Pierre Verger, dando ênfase a cultura negra vigente no território nacional. Entretanto, vale ressaltar que as fotografias feitas de rituais contém violência simbólica entranhada no olho das imagens que circulam, folclorizadas e diamonizadas, a religião dos Orixás.

ressaltando a importância dessa cultura na região. Vale observar que o Cariri, claramente, não foi alvo de investigações em pesquisas que abrangeram relevantes produções de pesquisadores no âmbito cultural de religiões e manifestações cotidianas, oriundas de matrizes africanas, como o candomblé na sua ênfase, dentre outras.

As religiões de matrizes africanas têm na oralidade, ratificando as grafias da memória, manifesta pela ação do corpo, o meio escolhido para a sua transmissão. A partir disso, observamos, segundo Jean Derive,[| 10 |] que as sociedades africanas, bem como se continuou no Brasil e nas Américas, escolheram a oralidade para manter e repassar seus conhecimentos, saberes e fazeres seculares. Sim, escolheram, uma vez que o Egito, que está em África, foi onde a escrita teve grande importância para o sagrado e cotidiano. Por estas vias, as imagens foram elementos propiciadores de uma análise cultural decorrida da memória, e foi a partir deste contorno que vimos e pensamos a cultura afrobrasileira no Cariri central cearense.

A apropriação do objeto de pesquisa se abonou com o Coletivo Café com Gelo nos anos de 2010 e 2012, período no qual foram materializadas mais duas exposições fotográficas sobre religiões de matrizes africanas no Cariri cearense. Tais exposições fotográficas, cometidas mediante convite do SESC Crato, proporcionaram minha vivência e contato com o povo de terreiro. A partir desta vivência, esta escrita foi idealizada, visto que se fazia necessário e urgente visibilizar a cultura negra no Cariri.

| 10 | DERIVE. *Literarização da oralidade, oralização da literatura*.

Uma das exposições, ***AGÔ!***, deu-se como instalação. A ocupação foi na galeria do SESC Crato. A instalação representava um terreiro em si. ***Agô,*** palavra de origem iorubá, quer dizer: pedir permissão pelo que está se fazendo, pedir licença. O nome da exposição, escrito em letras maiúsculas e seguido de um sinal de exclamação, semanticamente propositou o grito de notoriedade para o tema proposto.

O coletivo trouxe para a galeria uma série de elementos remetidos à vivência dos artistas nos lugares percorridos pela câmera fotográfica. Além das imagens, o cheiro de alfazema, as cores azul e branca, cortinas e comidas dos Orixás fizeram parte dessa ocupação. Desta forma, a galeria se fez terreiro, atmosfera de canto acolhedor e lugar sagrado. Essa foi a maneira de resgatar sentidos da memória dos artistas e atribuir, através da exposição, as sensações vividas por nós aos espectadores. Aos fotógrafos e artistas do Coletivo, coube conferir o próprio aprendizado adquirido enquanto se fazia o registro fotográfico.

Em outubro de 2017, foi realizada mais uma exposição do Coletivo Café com Gelo, no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Juazeiro do Norte. A exposição ***DeFauna*** trouxe à galeria uma série de quatro retratos intitulada os ***pontos de força,*** representando os Orixás na região do Cariri. Nesta composição fotográfica, o documental não condiz com a intenção da imagem, criando-se, assim, um conceito de corpo e natureza na mesma imersão simbólica.

Um dos eventos importantes sobre o tema da cultura negra tem espaço na Universidade Regional do Cariri – URCA. Anualmente, o evento mundial intitulado Artefatos da Cultura Negra do Ceará, realizado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, tem apoio de várias outras instituições públicas e privadas. Esse evento conta com sua nona edição e é um portal de relatos, publicações e encontros cabidos ao tema.

Também, uma vez no ano, em Juazeiro do Norte, acontece a Caminhada contra a Intolerância Religiosa, em que se fazem presentes um grande número de terreiros e fiéis, percorrendo ruas centrais da cidade. Vestidos de branco, carregando adereços, o povo do terreiro pede respeito à sua religião que é alvo de violência.

Importante enfatizar a relevância do corpo nas religiões de matrizes africanas, religiões estas arraigadas em memória. O corpo em performance une Orixá/humano e faz do corpo o verdadeiro conhecedor cultural. Paul Zumthor descreve a importância do corpo: "Ora, não somente o conhecimento se faz pelo corpo, mas ele é, em seu princípio, conhecimento do corpo. O corpo é o ambiente de desenvolvimento". E segue: "os fatos corporais não são jamais dados plenamente nem como um sentimento, nem como uma lembrança; no entanto, não temos senão o nosso corpo para nos manifestar".[11]

Zumthor, ao descrever o conceito de performance, em detrimento da voz, afirma que é no corpo que emana o locus emocional do texto vocalizado e, assim, o corpo, e o que é atribuído a ele, se torna arte, e é do

| 11 | ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*, p. 78.

corpo em performance que se mantém a totalidade da obra viva. Deste modo, a performance e o conhecimento nela contido é recebida, admirada e neste discurso se faz memória e saber. A obra peformatizada é assim diálogo, mesmo se no mais das vezes um único participante *tem* a palavra: diálogo sem dominante nem dominado, livre troca".[12] Beleza e sentimentos se entrelaçam. Tratamos a performance dos Orixás em performance da existência, permeada nos signos, gestos, objetos, sentimentos e memória sagrada em cada Mãe de santo entrevistada nesta construção imagética.

| 12 | ZUMTHOR. A letra e a voz, p. 78

O candomblé é composto de poéticas. O corpo é dançante, as festas são fartas de comida, de ritos que ligam o céu, a terra e os elementos da natureza em uma linha tênue que se pode ver. Os Orixás são divindades em sua mais exuberante grandeza e força, o que reafirma a solidez que existe, envolvendo religião, em seus seguidores e fiéis. Por isso, contribuir para conservar essas manifestações é acentuar sua importância para que se quebre, um dia, uma hora, o que ainda rodeia a cultura negra no Cariri: o lamentável abafamento, preconceito e racismo.

Escolhemos tratar os signos que constroem a memória da cultura negra no Cariri cearense, provindos, primeiramente, das narrativas orais, manifestadas na performance da existência, na vida de terreiro, em ato inerente ao corpo por este atualizado, retidos nas fotografias. Esses signos somaram à cultura índia, cultura de soma, resultada em negroíndia, em afinidade de experiência, entrelaçadas em presença.

Aos relatos visuais, cabem os gestos e adereços arraigados dentro do ar poético, emergido da memória. Este estudo aspirou contribuir para que se coloque em notoriedade merecida as honrarias destas divindades e do povo que a cultua, como uma religião dignificada; religião que por tanto tempo foi invisibilizada pelo eurocentrismo. A escrita transcorre para comunicar a existência deste Cariri afrobrasileiro.

Para a fundamentação teórica, nos debruçarmos na semiótica da cultura e em suas perspectivas, procuramos mergulhar mais a fundo, ganhando profundidade para estudar o campo cultural proposto. Na riqueza que nos foi dada, em relação às culturas e suas formas diversas, Jerusa Pires Ferreira menciona que "num crescendo, vai nos mostrando que cultura é informação, codificação, transmissão, memória", de forma a não deixar lapsos: "somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória".[13]

Tratamos a memória como "avalanche de matéria viva".[14]

A definição teórica de performance abordada foi conceituada ainda por Gregory Battcock: "antes do homem estar consciente da arte ele tornou-se consciente de si mesmo". Segundo Cohen, "a investigação da performance tem migrado, desde os anos 1990, de seu ponto de partida nas contundentes ações antropológicas e investigativas da consciência e da corporeidade humana".[15]

| 13 | FERREIRA. *Cultura é memória,* p. 5.

| 14 | LOTMAN. *La Semiosfera II*, p. 109.

| 15 | BATTCOCK apud COHEN. *Performance como linguagem*, p.14.

Esta dissertação constituiu um estudo da cultura negra, dos Orixás no candomblé e da região do Cariri sob a perspectiva da semiótica da cultura. Iuri Lotman (1998) abonou subsídios conceituais adequados para edificar este pilar. Aos estudos da semiótica da cultura, tratados como valor teórico, propõe-se entender a cultura além do estipulado e do central em cada tradição. Jerusa Pires Ferreira (1994/1995), sustenta este trilhar teórico com os escritos referentes a Lotman e aos estudos sobre memória. E em Jerusa Pires Ferreira (2003) encontramos o subsídio para se falar de memória. O corpo e seus desígnios são referenciados em Paul Zumthor (1993 e 2010). Cabe a Ronald Walter (1997), Sérgio Costa (2006), Paul Gilroy (2012) e Renato Barbiere (1998) as referências às diásporas negras e à sua encruzilhada de riquezas.

Às religiões de matrizes africanas coube a performance, o canto e a oralidade como fontes de memória. Consideramos que "cultura é memória"[16], e cruzamos entre o jogo permanente da memória e esquecimento; própria construção de mecanismos oriundos da memória, permeados em lembranças e esquecimentos. A memória, por mais profunda e enraizada que seja, está sujeita a mudanças e transformação e aberta ao esquecimento. A memória da cultura transita pelo apagamento e não apagamento em textos, escritos ou não, que aparecem e desaparecem.

| 16 | "Cultura é memória" é o título do artigo de Jerusa Pires Ferreira sobre Lotman, publicado na *Revista USP*.

A cultura consiste em armazenamento e processamento constante de informações. Tais informações e fluxos estão sujeitos à memória, que também é esquecimento. A estrutura comunicacional de automodelação cultural se dá através de explosões, processos de trocas de informação, são

> mecanismos culturais de aviso que, a compor os sistemas de signos, dão origem às maiores expressões humanas; num crescendo, vai nos mostrando que cultura é informação, codificação, transmissão, memória, e conclui de forma a não deixar lapsos: somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória.

A imagem de memória interligada às grafias corporais em sua dimensão simbólica é posta na fotografia, realidade em recorte, para redefinir o que há no plano imagético que estão os Orixás, incorporações vívidas nos adeptos da religião de matiz africana: o candomblé, na sua ênfase. Investigamos o universo sígnico do corpo performatizado na imagem habitual, contexto cotidiano de terreiro nas Mães de santo fotografadas.

A memória está presente nas grafias da memória cultural e escrevemos em imagens, os Orixás na natureza, pontos de força, do Cariri cearense. Em um contínuo imagético, os Orixás nos corpos sujeitos das Mães de santo escolhidas trouxeram, nos seus artefatos corporais ou não, identidades que indicam cada uma das divindades que, assim, se convergem nas formas de designação identitária para os adeptos no cerne dos terreiros.[18]

| 17 | FERREIRA. Cultura é memória, p. 5.

| 18 | Terreiro é o lugar da casa do Pai e/ou Mãe de santo onde se realizam as festas religiosas do candomblé. O terreiro pode ser o quintal da casa, como também pode ser o lugar inteiro, não sendo, exatamente, somente o quintal, mas o lugar próprio dos acontecimentos dos ritos religiosos.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos.[19] Ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes e particulares. O que temos de invólucro para elucidar a perspectiva do corpo imagético dos Orixás na cultura afrobrasileira é a memória transitória em resistência, negociação, tradução cultural e fluidez.

Ao corpo, atribuímos a eclosão de paradigmas da memória dita nas narrativas, posta em imagem fotográfica. É entre o corpo, o sentido e o sentimento, envolvidos nos rituais religiosos, que o conhecimento desta memória em que os seus adeptos instruem e compartilham saberes é garantido. Para Paul Zumthor, "nosso 'sentimento', na significação mais corporal da palavra, a visão, a audição, não são somente ferramentas de registro, são órgãos de conhecimento".[20]

Ora, todo conhecimento está a serviço do vivo, a quem ele permite preservar na imagem de existir; o estar vivo de uma informação, de uma cultura. Tendo em vista que é através das características aprazadas no corpo e ao corpo, tomamos a diáspora como um liame para enfatizarmos a relação de paridade entre Cariri/Brasil, visto que a região e o país foi/é constituído de África.

Sabemos que as diásporas negras foram a maior dispersão forçada do mundo. A partir dela, disseminaram-se culturas e povos que contribuíram para a construção cultural do patrimônio imaterial do Brasil. Com o comércio do tráfico negreiro, inúmeros africanos foram transportados nos navios em condições precárias, como também

| 19 | NORA. *Entre memória e história.*

| 20 | Zumthor. Introdução à poesia oral, p. 123.

sabemos. Como consta nos livros de história é esse "mau trato", verdadeiro genocídio, a razão da escravidão brasileira: o trabalho nas lavouras de cana de açúcar e a mineração, por exemplo, foram empreendimentos que geraram grandes lucros na época do império.

Tais ações produtivas e comerciais dependeram da escravidão, porém, os africanos trazidos para a condição de escravo, na maioria das vezes nus, nos navios negreiros, vieram vestidos de crenças, memória e conhecimentos, dos quais não abriram mão mesmo nas condições que lhe foram aprazadas. Para melhor condizer à diáspora, lemos em Ronald Walter:

> Viver sem limites e fronteiras, tornar-se uma encruzilhada diaspórica significa que a subjetividade evocada nesta existência é constituída por múltiplas trajetórias históricas, linguísticas, etnorraciais, culturais. [...] Portanto, é crucial lembrar que noções de identidade, ethos, cosmovisão, lugar, espaço, fronteira, tempo e o agir interagem, se interpenetram e se caracterizam mutuamente.|21|

A diáspora está para a recriação de África nas terras banhadas pelo oceano Atlântico. Prova disso é a imagem dos navios, navegantes Atlântico: embarcações que são em si um sistema vivo, micropolítico e microcultural em movimento.|22| Por meio da diáspora, a religião de matriz africana, o candomblé, ocupa um lugar de destaque, um locus epistemológico em que o simbólico se realimenta de memória coletiva.

|21| WALTER. *Transferências interculturais*, p. 6.

|22| GILROY. *O Atlântico negro*, p. 309.

O Atlântico negro aborda uma causa maior, proporcionada pela diáspora na conjuntura histórica enquanto formas culturais. A diáspora dispersou a cultura negra em suas estruturas comunicacionais, sentimentais, de produção e de memória. E nessa dispersão que a cultura negra não pode ser mais considerada propriedade dos negros, já que formam agora uma conjuntura cultural: o afrobrasileiro, sem hífen, sem quebra.

Não cabe somente à fotografia o teor documental pelo qual está vinculada. Também compete a ela a função de imagem portadora do instante que pousa e pausa, disposta a tocar o espectador vindouro. Imagem a emaranhar os logradouros da memória, lemos em Maurice Halbwachs:

> Se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas suas substâncias, é que nossa memória não é uma tábua rasa, e que nos sentimos capazes, por nossa própria força, de perceber, como um espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado.|23|

A câmera fotográfica é o estatuto técnico do dispositivo de representar, cabendo à fotografia a tarefa de imaginar e instruir os lugares da memória, sendo o fotógrafo o sujeito do que se narra. Avante com este pensamento, Philippe Dubois propõe um conceito de fotografia ascendente. Conforme Dubois, em primeiro lugar, a foto é ato icônico. O autor afirma que uma imagem é

| 23 | HALBWACHS. *A memória coletiva,* p. 28

somente uma imagem se assim preferirmos, mas também é, no seu proceder, algo que se pode conceber fora de suas circunstâncias, um objeto totalmente pragmático.[24]

As fotografias nos remetem a dois instantes imagéticos. O primeiro deles é a fotografia através da memória cultural, intitulada fotografias da memória. A segunda, a fotografia do silêncio, a imagem através dos corpos e objetos, respeitosamente permitidas à visitação da câmera. As duas instâncias fotográficas são possibilidades transitórias de conservação,[25] tanto da memória cultural sagrada quanto da memória do silêncio responsáveis pela resistência.

Fotografias do silêncio, as imagens, respeitosamente, registram os terreiros percorridos. Todas as imagens foram autorizadas e vistas, primeiramente, pelas autoridades dos templos religiosos, cabendo, assim, nosso devido respeito às divindades.

Este silêncio está contido em segredos, resistência e temporalidade mística e ancestral. As fotografias estão como lugar de visitação, antes fechado, e agora, como lugar em que se pode penetrar, pela memória escrita e pela grafia da luz. Signos que se tornam imagens iluminadas nas fotografias. Nas luzes, os signos são janelas, memória de lembranças, associadas aos Orixás no ambiente que emerge o Cariri cearense. Os signos fazem parte das fotografias, que chamamos de imagens do silêncio; imagens fotográficas recortadas pela câmera na luz calma e amarela nos terreiros de candomblé escolhidos.

| 24 | DUBOIS. *O ato fotográfico e outros ensaio*, p. 65.

| 25 | COLOMBO. *Os arquivos imperfeitos*, p. 47.

No ambiente dos terreiros, o Orixá compõe o universo imagético do espaço e soma-se ao corpo, portador de todos os fundamentos, símbolos, oralidade, o universo complexo tradutório da memória cultural negroíndia caririense.

A foto é espécie de prova suficiente e necessária. A fotografia atesta incontestavelmente a existência do recorte, aquilo que está, que foi fotografado. E o que foi fotografado é um Cariri cearense essencialmente múltiplo, memória negroíndia, em que os Orixás vivem em força vibrante.

Em suma, neste contexto, podemos dizer que a fotografia equivale ao momento exato da lembrança. Uma fotografia é sempre uma imagem mental: nossa memória é feita de fotografia. A foto é o arquivo que pode ser revisitado, como a memória viva, mas sujeita ao esquecimento, como a fotografia encontrada, memórias lembradas.

A metodologia oriunda em pesquisa e registro dos terreiros de candomblé na cidade de Juazeiro do Norte. Todavia, é importante ressaltar que mediante a aproximação estabelecida com os demais terreiros, escolhemos três deles para serem fotografados, tendo em vista as nações presentes na região. Terreiros de real estima dentro da comunidade cultural negra, por tempo de existência e por manifestações em cumprimento ritualístico até os dias que seguem esta pesquisa.

Devido ao tempo, fotografamos duas nações presentes no Cariri cearense: a Nação Ketu e a Nação Angola, tendo ainda conhecimento da Nação Jeje, na qual estabelecemos contato com Mãe Maria. A ela, devemos projetos vindouros e que em tempo há de nos caber para integrar a Nação Jeje em linhas comunicacionais.

Tivemos como objeto as imagens fotográficas intimistas, imagens do silêncio oriundas da memória e selecionadas respeitosamente. Nos detemos a fotografar e selecionar imagens feitas a partir de um maior envolvimento e diálogo com as autoridades de terreiros da região.

Seguimos, depois da coleta fotográfica, com a análise das imagens selecionadas. Essa análise partiu das fotografias escolhidas que tiveram, como primordial teórico, o corpo e o seu artefato simbólico e performático envolvido pela memória. O entremear deste ***corpus*** consiste na fotografia seguida de análise, mediante aos estudos dos signos culturais na memória cultural.

A dissertação foi executada no tocante da coleta de imagens de acordo com as permissões que se deram para se entrar nas casas de candomblé, das quais nos aproximamos no decorrer da idealização do projeto.

Os Orixás estão presentes tanto na memória cultural, fusão dos sujeitos índios e negros, como na tessitura dos corpos por ele encarnados. Os Orixás estão presentes no ambiente do terreiro, a formar espaços imagéticos complexos míticos, perpetuando e vibrando África, beleza e força.

Estas páginas se dividem em água do mar e vastidão. As montanhas, lombadas de terra, resumem distâncias, levando o longe, a imensidão da caatinga, para perto: ato de unir memórias, imensidão sertaneja e águas de mar.

Memória entre montanhas: diário aberto

O *reino dos Mestres* compõe a trajetória de observação. Tomamos como inspiração e referência para esta dissertação e para as fotografias de travessia imaginada este livro citado de Luíz Assunção. Nesse relato, Assunção nos conta que os índios dividiam o ano em dois, metade dele no interior e a outra metade no mar.

A travessia para o mar também é relatada no livro *O reino dos Mestres*. Relatar é fazer das imagens memória criada e percorrida do sertão ao mar adentro, imaginadas a partir dos pensamentos de Assunção. Em *O reino dos Mestres*, o autor ainda faz menção ao porte físico dos índios kariris: grandes homens que pegavam os cajus dos cajueiros só levantando as mãos.

"Sabia que o Cariri já foi um grande lago e que o mar, com sua água salgada invadiu esse lago? E que é por isso, pelas águas salgadas do mar e pelas águas doces do lago que temos tantos fósseis? Porque essas águas depois secaram e deram origem às montanhas".[26] Essa é a razão para as tantas ondulações montanhosas na paisagem.[27]

No fim do mês de agosto de 2017, tomei rumo para o mar. Nessa ida, sabia da necessidade de observar melhor não só as cores que compunham a vegetação, que por essas bandas do mês e pela

| 26 | Relato feito na viagem até o litoral do Ceará pela bióloga Márcia Saraiva, professora da escola André Cartaxo, município de Mauriti, no Ceará, em 26 agosto de 2017.

| 27 | Small (1913-1914) realizou o primeiro estudo geológico da bacia do Araripe, posicionando arenitos conglomeráticos sobrepostos ao embasamento cristalino. Esses arenitos foram denominados por Beurlen (1962-1963) como formação Cariri e, por Anjos (1963), como formação Mauriti. Os arenitos ocorrem em afloramentos, entre as cidades de Juazeiro do Norte e Milagres, com espessura variando de 25 a 50 metros, descritos como

ausência de chuva, já são marrons, cinzas e brancas, mas não menos vivas. Fui mesmo sentir a longa estrada de passagem que separa o Cariri do mar; sentir o tamanho e peso de atravessar as montanhas, perceber o cheiro dos cajus, que, por ora, o vento atravessado do carro em movimento, me ajudava respirar esses cheiros.

As montanhas já aparecem nos primeiros quilômetros da BR-116. As rochas cortadas pelo homem para dar passagem ao asfalto compõe uma tela abissal de texturas, de um lado e do outro da estrada. O caminho é longo: mais de 400 km nos separam do mar. Os cactos, galhos e árvores adormecidas, frondosas sem folhas, nos relembra do caminho extenso que iríamos percorrer.

Nessa viagem, vez ou outra, vinha na imaginação a imagem do povo kariri, caminhando até o mar, na época de estiagem nos oásis daqui. Porque a miséria foi criada quando não se pode mais ir, quando não podiam mais dividir o tempo do ano em dois: seis meses no interior e seis meses no mar.

Homens grandes e fortes sabiam bem da distância que os separava do mar e dos cajueiros maduros. Idealizo os antepassados kariris caminhando e colhendo cajus com as mãos, fazendo a rota parecida da que fazemos para chegar no mar. A sabedoria de ir em busca de abundância nas terras de areia branca só reafirma que esses povos conviviam em harmonia com o todo presente. O caminho de ida são dos kariris, o caminho de volta, dos negros, aqueles que desbravaram as montanhas em busca de água para o gato do explorador.

arenitos conglomeráticos feldspáticos, branco-amarelados, localmente silicificados, fraturados, apresentando estratificação cruzada, com granulação de média a grossa. Embora a idade da unidade venha sendo considerada como do Devoniano, Ponte e Ponte-Filho (1996) consideram a formação Cariri (ou Mauriti) como do Ordoviciano-Siluriano, por estar correlacionada em parte à formação Ipu, do grupo Serra Grande, a partir de dados palinológicos. Na verdade, esses arenitos conglomeráticos podem ser mais bem posicionados como fazendo parte do embasamento que propriamente da coluna estratigráfica da bacia do Araripe (Cf. VIDAL; CAMPOS. *Explorando calcário e salvando fósseis na Chapada do Araripe*, p. 308).

Pelos poucos registros que temos dos kariris e dos negros no Cariri, o que resta é imaginar como eles caminhavam até à costa do estado do Ceará, em que a vida simplesmente se dividia em duas estações: metade do ano na região do oásis do Cariri cearense e a outra metade no paraíso litorâneo. Pelo modo de vida operante das civilizações das florestas, percebemos que a simplicidade fazia parte do bem viver da comunidade. Capaz de relacionar, assim, o modo de vida também do negro, que pelo culto aos Orixás, também se tratava de comunidades da natureza, elo homem-natureza indivisível. Motivo pelo qual os índios e negros aparecem sempre juntos, como fusão, e a eles atribuímos o elo em alteridade.

O caminho entre montanhas nos conta histórias idealizadas nas idas e vindas dos negros e kariris do litoral ao interior e do interior ao litoral. Essas histórias fazem parte da memória ancestral que temos e que somos. Essas memórias estão presentes, certamente, na força e coragem que esta população tem de resistir ao sertão vasto e seco, não da terra e de seus climas, mas da fome política que o destino traçado pelo colonizador proporcionou. | 28 |

Depois das montanhas, cortadas pelos homens, nasceram as estradas de asfalto, as palmeiras | 29 |; as zonas alagadas, tomam conta da vista. Quando as palmeiras aparecem, a impressão é que o mar está mais perto, mas não. As montanhas retomam a paisagem que vemos do automóvel e, agora,

| 28 | Para saber mais sobre a fome que tanto afeta o Nordeste brasileiro e os sertões do Brasil, conferir o livro *Geografia da fome*, de Josué de Castro. Os livros contam pouco da valia que os kariris, os negros e o povo do Cariri possuem, como toda cultura que se põe à margem dos grandes centros urbanos e comerciais.
As pegadas na história, que não constam nos livros, estão sussurrando mistérios no caminho até o mar. O presente nos dá a inspiração vinda pelos sussurros das montanhas, que nos pedem para ver a abundância que esta região tem, não pelo estado de deserto, que as queimadas insistem em traçar, mas pelo modo de vida, pela sabedoria dos nossos que sabiam conviver na

essas montanhas ficam maiores e ganham coloração amarelada. No horizonte, formam paredões rochosos, parece até que o mundo acaba por lá, nas ondulações montanhosas; visão atravancada.

Mas os cajus aparecem. Depois de duas horas de montanhas a cerca de 80 km/h somadas a mais duas horas de palmeiras e outra hora de montanhas, os cajus tomam conta, durante alguns minutos, do cenário. Cajueiros se apresentam à frente e aos lados das estradas, sinal que o mar está mais perto. O verde dos cajueiros é diferente e, somados às nuances de vermelho e amarelo dos cajus, parecem até pequenos sóis do fim de tarde, pendentes entre o verde vistoso da folhagem.

Chegamos ao mar. Depois de seis horas de viagem de carro, chegamos à praia mais próxima, do município de Majorlândia. Em busca de um mar azul em infinitude, chegamos à Canoa Quebrada; nossos registros imagéticos do mar de Iemanjá é aqui. Há de respirar profundamente e permitir lavar a alma quando ouvir o vento, sentir o calor, olhar para o infinito de amor de mãe que é o mar da rainha Mãe dos filhos peixes.[30]

A imagem dos povos Kariris se alimentando dos frutos do mar na travessia e podendo pescar na praia do litoral são fotografias criadas do que não vi e que nenhum registro fotográfico poderia captar.

Os cajus faziam parte do regime alimentar do kariri e, sem dúvida, do negro e dos colonizadores que pelo litoral penetraram no interior do Ceará à procura de água para o gado. Árvore nativa, o

vastidão de terra. A terra que tinham para percorrer todo ano de uma vida.

| 29 | As palmeiras que aparecem na paisagem são as carnaubeiras, planta comum nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Essa planta possui grande importância na indústria, na produção de acessórios de informática, tintas e cosméticos. A madeira é utilizada na construção de casas e móveis, suas flores, pequenas e amarelas, em cachos pendentes, guardam o néctar, alimento de abelhas e insetos nativos (Cf. MAIA-SILVA et al. *Guia de plantas visitadas por abelhas na caatinga*).

| 30 | Em iorubá, Iemanjá – Yèyé omo ejá – quer dizer "mãe cujo filhos são peixes".

cajueiro tem a castanha como fruta, que possui alto valor protéico e a polpa vermelha-amarela-laranja tem nela água, sais e açúcar. O caju, de copa verde singular é farto em energia necessária ao corpo; o cajueiro gosta do solo arenoso, de areia da praia.

O cajueiro, assim como o kariri, são representantes da paisagem e do ambiente; estão em harmonia com a natureza, sem a interrupção violenta dos brancos exploradores e sem a presença dos bons negros. O caju foi usado, como árvore nativa, na alimentação costumeira dos povos primitivos daqui. A abundância era tamanha que pensar em alguns quilômetros de cajueiros na margem da paisagem antes do mar é pouco para os olhos.

Dos quinhentos milhões de cajueiros existentes no país, trezentos e cinquenta milhões estão no Nordeste. [31] O verdadeiro fruto não é a polpa vermelho-amarelo-laranja-suculento, e sim a castanha, ambos de alto valor nutritivo. Do caju, podemos falar muito, porque ele é realmente mais que alimento dado da terra para a sobrevivência dos povos da floresta. Ao cajueiro e seu fruto, atribui-se propriedades curandeiras. [32]

Escrever sobre o litoral e o seu caminho nos leva a saber que chegamos ao mar, primeiro na imaginação e depois na imagem. Imaginar a imagem do kariri e escrever sobre a abundância e felicidade dos frescores trazidos quando finda a travessia, nas águas, sóis e areia branca da praia é viver uma memória oral e espiritual. Na abastança do que as suas terras de palmeiras e cajus nos proporcionam, sendo essas terras mais abundantes justamente pela presença dessas árvores, mora a singularidade das zonas da mata. [33]

| 31 | CASTRO. *Geografia da fome*, p. 123.

| 32 | Em seu livro *Higiene alimentar*, publicado em 1908, Eduardo de Magalhães faz a apologia do caju: "Fala-se em cura de uvas, cura de mangas, de laranja, de limão, de cerejas e também de figos, maçãs e tâmaras. Bem, serão todas eficazes, não contesto, mormente a primeira, a cura de uvas; nenhuma, porém, competirá com a cura do caju. Indivíduos fracos, magros, eczematosos, reumáticos, enfastiados, diarréticos, sifilíticos, recolhem-se no verão a uma das belas praias de Sergipe, onde os cajueiros amarelos e vermelhos são uma bela floresta, e atirando-se aos cajus cujo caldo ingerem chupando-os ou em cajuadas, e de lá voltam nutridos, nédios, nem parecem os mesmos que para lá foram. Do caju se pode

As árvores de caju são silvestres, o caju nasce naturalmente e forma verdadeiras matas. O verde das árvores carrega luzes vermelhas, amarelas e laranjas de cajus maduros, feito penduricalhos coloridos. A maré e as correntes marítimas são responsáveis pela proliferação dos cocos e cajus. Na zona da mata, essas árvores se concentram em pequenas porções chamadas de pomares.

Os coqueiros que enfeitam a paisagem com suas altas ramagens, de nome científico Cocos nucifera, vieram da Índia e parecem que sempre estiveram aqui de tão boa adaptação que têm nas praias e nas paisagens que a antecedem e se tornam parte de que constitui a tipicidade. Árvore de tantos usos e tão abundante, o kariri fez dela predicado, e o negro fez do coco ingrediente de manjares.[34]

Na praia, os kariris viajantes nômades, divisores do ano em dois, recebiam sua recompensa na praia, quando chegavam em longes mares. Nas praias, predominavam os longos magros e altos homens que se alimentavam dos mariscos ricos em iodo, se alimentavam também do ar da praia, exercitando permanentemente a sua tireóide, glândula responsável pelo crescimento dos ossos.[35]

Fotografamos as aparições dos cajueiros e palmeiras que enfeitam a ida e vinda ao litoral. Mesmo sabendo da matança da vegetação, causada pela cultura de queimada,[36] os cajueiros, coqueirais e brejos de massapé são longos na paisagem. Da grandeza, as palmeiras nos dizem que estamos perto da água doce, de lagoas e lamaçais, enquanto os cajus, nos dizem que estamos perto do mar.

dizer que o próprio abuso é proveitoso" (MAGALHÃES. Higiene alimentar apud CASTRO. *Geografia da fome*, p. 126).

| 33 | As florestas, na zona da mata, como um todo, foram dizimadas em labaredas para darem lugar aos canaviais. Todo o Nordeste brasileiro foi uma grande queimada. Em tudo foi ateado fogo, da zona da mata às caatingas, (que, em tupi, significa "mato branco"). Segundo Castro, a cultura do explorador europeu de queimar a terra antes do plantio da cana tornou o solo pobre, sem volta ao humos natural, em proporções cada vez mais deploráveis, de modo que nenhum adubo químico daria jeito. Hoje, sabemos que as zonas da mata também são de cajus e coqueiros; essas árvores se vão terra adentro do sertão,

Há de se cruzar montanhas: do mar da capital Fortaleza até o Cariri cearense faz-se cerca de quase 500 quilômetros. Dentro da paisagem, uma vegetação espinhosa, seca, de flores em cactos, mandacarus grandes, aves, cavalos e vacas na pastagem. Cercas disformes, inteligentemente construídas de vegetação espinhosa. As montanhas cinzas esverdeadas sãos elementos constitutivos do panorama somado ao asfalto e ao grande plano de terra alaranjada-marrom-verde escuro, mas mais verde no inverno.

O triângulo Crajubar constitui a teia ambiente por onde aflorou essas linhas escritas. Ante o triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha, há as três cidades de maior reservatório de água e, por isso, vida: Crato, Barbalha e Missão Velha, que recarregam a energia simbólica do Juazeiro do Norte, já que essas três cidades apresentam nascentes, olhos d'água e florestas.

O oásis do sertão,[38] o Crato, de verdes fontes da chapada do Araripe, tem o ar fresco e é uma cidade do passado, de museus e histórias ainda aceites nas construções do centro urbano. O Crato, a cidade da cultura, como é cantada pelos reisados, é um lugar de pensamentos novos e de novas ideologias que podemos sentir nos tantos estudantes da Universidade Regional do Cariri, a URCA. As ladeiras de pedra, as nascentes e os fósseis fazem do Crato uma cidade do presente e do passado em um mesmo instante.

Adentrar na Missão Velha, a cidade antiga, é sentir que já estamos chegando no Juazeiro. Depois de Milagres, a estrada se faz mais curvilínea e mais comprida até o destino. Antes, atravessava-se a

mas o uso, pela presença da cana, não é tão intenso quanto no litoral.

| 34 | CASTRO. *Geografia da fome*, p. 132.

| 35 | Todo o relato sobre a comida e a geografia foi retirado do livro *Geografia da fome*, de Josué de Castro. Vale resaltar que o índio e o negro não aparecem como sujeitos em seus livros, mas sim o homem do Nordeste como um todo.

| 36 | Sobre a devastação, Castro afirma: "Quatro séculos de ação tão extremada, a serviço de um só objetivo, deram processo de transformação econômico-social do Nordeste o sentido de uma dramática experiência sociológica, servindo às mil maravilhas para demonstração viva de uma infinidade de pontos de vista fundamentais em ecologia. [...] Na

cidade, que à tardinha, tem cheiro de pão de coco vindo das padarias que rodeiam a praça central. Uma cidade marrom, de cores e cheiros de troncos das árvores.

Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha formam o triângulo do movimento, dos ciclos das tais idas e vindas, do entrecruzar. As cidades tríade formam o pólo do giro comercial, região metropolitana[39], depois da capital Fortaleza. Se nos dermos conta da geografia, a teia do triângulo Crajubar faz-se um mosaico fluido e fervilha em todos os sentidos: sociais, comerciais e culturais.

Estou do lado de cá do mapa, São Paulo, Sudeste do País, ano de 2017; sinto falta do calor singular do Cariri. Acredito não ser possível que o calor nunca incomode; nos acostumamos, mas temos mais sede e precisamos de mais água. No lado de cá do mapa, enxergo o Cariri embrionário de infância e o concebo em linhas dissertativas. Essas letras são passagens contida em inúmeras encruzilhadas que cruzei até chegar aqui para poder falar de lá. As teias dançantes afastam-se da adulta que sou hoje para lembrar da menina que sente a areia da terra pisada e escaldante.

A letra que escrevo está para os processos visuais da minha infância. Meu corpo e suas lembranças e associações caminham para a maturidade sensível dessa linguagem, em seu melhor uso, envolvidas nesse contexto; cultura múltipla. Vejo tudo de cima: a cidade, as lembranças, as pessoas, as narrativas tanto históricas quanto pessoais dos mais velhos ancestrais, dos pais e mães de santos, mestres dos segredos, da minha mãe, da minha tia mais velha, enfim.

paisagem nordestina a expressão geográfica é tão rica de significados e tão impregnada de história que os seus traços componentes se destacam sempre bem ordenados, em função do elemento criador de sua vida econômica – a cana de açúcar. Da cultura dessa planta. Da indústria açucareira e do comércio" (Cf. CASTRO. *Geografia da fome*, p. 94). As terras foram descobertas: a mata foi "arrancada" do solo, visto que essas terras novas davam maravilhosamente bem para que se cultivasse a cana de açúcar. Por isso, os colonizadores sacrificaram todas as outras possibilidades para os outros tipos de cultivo, criando, assim, uma monocultura intempestiva, que destruiu quase toda a fauna e flora. Dessa forma, acarretou-se uma subversão completa

Da mesma forma que registro, peço que leiam: voltem a atenção à lembrança de criança em que foram confortavelmente acolhidos no embrião ancestral de cada um. Ouçam os sons, percebam os cheiros, os emaranhados, a luz, os sentimentos e sensações. Caminhem até a fronteira de si e se percebam. Nessa leitura, o que vale são os menores elementos trazidos em formas de linguagem. Tudo aqui é visível, sensível, perceptível e ancestral.

O Juazeiro do Norte, o padre Cícero e o fervor peregrino do Cariri se relacionam intimamente. Meus avós, bisavós, pai, mãe, tios, todos têm relações com o padre santo e contam suas histórias; aquele santo solar, presente nas praças, nas casas, nos terreiros. Aquele que se ouve falar e que a imagem é indiscutivelmente presente; o Padre Cícero fez de um lugar inóspito, um lugar de peregrinação. Seu nome arrebatou a vinda feroz do comércio e do desenvolvimento. Hoje, Juazeiro cresce rumo aos céus, com edifícios cada vez mais comuns, com suas ruas cada vez mais congestionadas e com o sol cada vez mais escaldante.

Adentrar por mais uma das incontáveis vezes ao Juazeiro do Norte, e respirar a cidade como agora, revendo a fé católica e a fé das religiões de matrizes africanas como assunto de abertura, faz-me lembrar de fatos da infância. Faz-me lembrar de um quadro de Padre Cícero da casa de tia Francisquinha, em grande formato, na sala, em que o Padre vestia preto, como é de costume em milhares de imagens que se reproduzem. A casa cheia de romeiros, herança de hábito da vovó Maria Tereza de

do equilíbrio natural da vida na região. Esse desequilíbrio causou também um entrave para o cultivo de plantas nativas que serviam de alimento. Esta escrita parece ser história de fantasma para gente grande, mas é a realidade bucólica. A paisagem, adentrando até o litoral, toma rumo pelo asfalto e são quase terras sem fim, vastas de quase nada. Essa foi a transformação que a cana de açúcar nos deu. As queimadas, ainda um costume vigente dos moradores dos lugares de estradas, serras e caatinga, abriram clarões nas florestas e vegetações nativas, destruindo-as. Estabeleceu-se, no século XIX, engenhos centrais e fábricas de refinamento de cana, percussoras das gigantescas usinas que encontramos hoje nas estradas e fazem parte da paisagem devastada,

Jesus; romeiros eram acolhidos como se fossem da família, velhos amigos, ou amigos novos, tanto faz, eram bem-vindos. Eram pessoas que comungavam espaços pequenos, quarto em que muitos dormiam no chão, outros em redes. Panelas na cozinha de tamanho considerável de quem tinha cinco filhos e abrigava mais vinte pessoas em casa, naturalmente.

Juazeiro do Norte, 23 janeiro de 2017, mais uma das incontáveis vezes que atravesso a paisagem para chegar ao Cariri do Padre Cícero. Desde criança faço esse caminho, o de adentrar sete cidades até chegar, enfim, em Juazeiro do Norte. Eu e mais tantas pessoas das cidades vizinhas, que por fé ou não, atravessam montanhas nas estradas até chegar aqui, no pólo comercial e/ou pólo de fé que é Juazeiro do Norte.

Mauriti, Milagres, Abaiara, Missão Velha, Barbalha, Juazeiro do Norte e Crato: as cidades de enredo da minha continua travessia, formam uma relação de ambientes e fronteiras. Nesse respiro pessoal, há de pensar que muitas e muitas teias são formadas até se chegar ao Juazeiro do Norte. A vida social e espiritual de grande parte da população do interior do Ceará se dá em torno do Juazeiro do Norte. E, desde então, quando se ouviu falar em Padre Cícero e seus feitos, suas ladainhas, seus milagres, ousadas *performances*, o Cariri inteiro permanece em caminho para o Juazeiro do Norte.

Para falar dos Orixás, é preciso adentrar na memória, no tesouro da nossa memória. Foi assim que percebi que é lacônico contar uma história do que há de mais precioso guardado em mim para só

algumas desativadas, fatos que foram um causador da miséria alimentar da região.

| 37 | Ivan da Silva Queiroz afirma que "pensar numa metrópole fora do eixo remete à perspectiva de o aglomerado urbano Crajubar ser concebido como sendo de caráter metropolitano, apesar das possíveis e previsíveis disposições em sentido contrário. Afinal, quando confrontada com aquelas realidades do país já consolidadas e reconhecidas na literatura nacional como espaços metropolitanos, essa posição parece um tanto descabida de sentido. Por isso mesmo, o enfoque pretendido pode parecer, à primeira vista, totalmente fora do eixo preferencial de análise. Olga Firkowski (2002), por exemplo, ao analisar a profusão de regiões metropolitanas

assim os Orixás e sua dimensão simbólica serem percebidas. Compreender os Orixás é internalizá-los no modo de vida e percebê-lo nela em memória carregada no tempo passado. Da memória os Orixás emergem e comunicam a cultura sagrada do Cariri.

Mãe Alice me ensinou que candomblé, religião dos Orixás, é simples e lógica. Nós estamos ligados a ele e o somos, como o ambiente e paisagem também o são. Mas esta lógica pura e simples ultrapassa os limites do visível e caminha na memória que mora, por vezes dormida, aqui dentro de nós.

O primeiro Exu que vi, Orixá da comunicação, está em todas as encruzilhadas do Juazeiro do Norte e em todos os caminhos que ainda me levam até lá e pelos quais também me vou embora e retorno, incontáveis vezes. Este ir e vir, os empecilhos e as farturas da vida, pertencem à Exu, aquele que tem que ser reverenciado primeiro, aquele em que sua ausência, nós não aconteceríamos, calaríamos. O início,[40] a mobilidade, o movimento. O princípio ativo de todas as coisas criadas, está Exu frente a elas. Nas portas, nas segundas, em cada ser movente e em cada elemento da natureza está Exu: aquele que compartilha a fala, impulsiona e dinamiza a vida. Exu: o senhor dos percursos, aquele que proporciona os caminhos propícios à abundância, à prosperidade do homem e seus desejos de felicidade. Não por acaso, vejo Exu em todos os lugares deste lado norte. O fogo impulsionador das velas acesas, a fala e performance do padre Cícero na teimosia de persistir, nas andanças e caminhos sobrepostos dos peregrinos está Exu que assume a

instituídas no país por força de lei, no âmbito dos estados, é bastante taxativa ao enunciar que a maioria dessas aglomerações pode bem ser qualificada como regiões, porém, sem serem, de fato, metropolitanas. A autora continua: Em face dessa constatação, o percurso analítico aqui proposto revela-se irremediavelmente fora do eixo. O enfoque pretendido sugere um olhar menos pausterizador e mais atento à natureza e significado de certos arranjos urbano-regionais que se distinguem num país de dimensões continentais como o Brasil, a exemplo do Crajubar" (QUEIROZ. Região Metropolitana no Cariri cearense, p. 94).

| 38 | De acordo com a reportagem "Região do Cariri, no Ceará, guarda fósseis raros e preservados", do

permanência do equilíbrio entre os homens. Exu está do lado mais fraco. Nas encruzilhadas das nossas veias, mora Exu. Senhor da astúcia e transformação, único senhor do livre acesso. Exu está presente na história inicial do tempo e com Oxalá cria a dualidade da calmaria e dinamismo. O simbolismo de Exu se faz visível e presente nas terras do Juazeiro do Norte.

O primeiro mar que vi, foi o mar de gente na procissão de Nossa Senhora das Candeias, em Juazeiro do Norte. Todo ano, no mesmo dia em que se comemora o dia de Iemanjá, dois de fevereiro, é o dia da procissão das Candeias. As ruas e as casas da cidade de Juazeiro do Norte se enchem de gente, os romeiros, como são chamados, vêm pagar suas promessas, juntam-se a muitos de que lá já estão. Sem mar, não há orixá.

Naña, que se diz nã, a mãe. Senhora da lama, da gestação e fertilidade, dona dos grãos e das ervas que curam. Divindade da opulência, senhora dos caruris – pequenos crustáceos que vivem na lama e que na África muito antiga, era usado como moeda de troca. Naña vem de tempos imemoriáveis: é o poder feminino ancestral. A ela se pede equilíbrio e perspicácia. A Naña na imagem mora na estrada, nos cantos alagados da estrada que de um lado segue pro mar, e do outro, chega em Juazeiro. Sem água, não há orixá.

Oxalá, o senhor do pano branco. Se divide em variações de nomes Oxanguiã, Oxalá guerreiro, comedor de inhame, inventor do pilão. Oxalufon, Oxalá venho, de movimento lento e

portal G1 da Globo: "Apesar de estar no meio do semiárido nordestino, o Cariri tem vegetação farta, é chamado de "oásis do Sertão". A região é conhecida pela riqueza geológica do período Cretáceo, com fósseis de 90 a 150 milhões de anos muito bem preservados. Numa pedreira que explora o calcário da região, [o professor Geraldo] Moura investigou como era o ambiente há 120 milhões de anos".

| 39 | Segundo o *Diário do Nordeste,* em matéria no ano 2008, o então secretário das cidades do estado, Joaquim Cartaxo, entrega na Assembleia Legislativa um conjunto de propostas para que se criasse a região metropolitana do Cariri. Segundo ele, a região, que, em 2008, somava mais de 500 mil habitantes, era maior que a população de Fortaleza nos anos de 1970

idade imemorial. A ele, todo o céu, nuvens brancas e pássaros, sabedoria e brandura, o senhor do pano branco é paz por todos os lados. Sem céu, não há orixá. Oxalá, o que criou o mundo, faz-se presente em todo o céu branco, sol forte. Sua cor é branca; dono de todos os mistérios e aquele para quem pedimos misericórdia. Oxalá é todo o céu ensolarado do Cariri cearense e que aqui seu branco se mistura nas multicores do céu na paisagem. Nesta terra de muita luz e calor, em que ainda se podem ver horizontes que não foram apagados pela arquitetura urbana,[41] vejo Oxalá, todo o tempo: na brancura das nuvens postas sobre o mais azul dos céus, Oxalá é presente nestas terras.

Ossaim, o Orixá da sabedoria da cura pelas plantas; ervas que dão alento aos males do corpo aos males também da alma. Ossaim está no verde, na sabedoria dos mais velhos que aprenderam a lhe dar com as ondulações da vida que nos deixam machucados, que nos tomam energia, às ervas, a cura. Sem folha, não há orixá.

Iroko, o Orixá do tempo, representado pela árvore mais antiga em uma casa de candomblé, faz-se presente na minha memória quando regresso ao juazeiro da casa do meu tio Antônio, irmão da minha mãe. Uma árvore grande e frondosa árvore de juazeiro em que até hoje almoça-se debaixo da sua sombra e alento é o primeiro Iroko que vi. Sem árvore, não há orixá. Esta árvore está de pé e é a árvore mais antiga da minha memória. Ela representa a partilha, dos encontros e da certeza dos laços e afetos que cultivamos no tempo. Mas Iroko,

| 40 | Existe uma ordem para cada Orixá presente no candomblé. Os mitos transmitidos oralmente explicam essa ordem. O livro *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi, é uma referência sobre as divindades afrobrasileiras. Primeiro, temos que saldar Exú, dar de comer a ele, já que Exú transita entre nós nas pulsantes vias e veias da vida. No livro de Prandi, os Orixás, deuses iorubás da África negra, aparecem assim, como descrito, no sumário: Exu; Ogum, irmão de Exú que partinha com ele as encruzilhadas; Oxóssi; Logum Ede; Ossaim; Iroco; Nanã; Obaluaê; Oxumaré; Xangô; Oiá ou Iansã; Obá; Oxum; Iemanjá e Oxalá. Aqui, não seguimos a ordem do autor, mas Exu não pode deixar de vir à frente, tomando o caminho do conhecimento

o tempo, o senhor do tempo, não está representado pelo tempo linear do relógio da parede, pulso, marcador das horas e minutos por duas retas presas no centro circular. Iroko não é o tempo que nos atenta a pensar que estamos fora do tempo estipulado ou que estamos atrasados. O tempo dos Orixás é outro tempo; é o tempo de estar preparado, pronto, é o tempo que tem que ser. O tempo que se faz chover, o tempo de esperar. Nós somos o tempo. Sem tempo, não há orixá.

Na terra que cobre os mortos está Omolu, o dono dos cemitérios, o Orixá do renascimento; aquele que proporciona a cura das piores pragas e pestes. Omolu é o Orixá que esteve de frente com a morte e com a epidemia. Abandonado pela Mãe Nanã, desesperada quando viu seu filho quase morto, coberto de feridas, Iemanjá o cuidou cobrindo-o com palha da costa. Omolu renasceu e se tornou o Orixá belo, tão bonito que não poderia mais tirar as palhas do corpo, porque sua luz poderia ofuscar os demais da tribo. Por isso que Omolu dança coberto de palha e está presente na terra dos cemitérios dos seus. À Omolu, toda a riqueza da terra que acolhe a água e faz brotar a bonança. Aqui, Omolu em presença imagética está nos cemitérios de cruz e conchas.

Sem terra, não há orixá.

A primeira Oxum que vi na memória está nas mãos da minha mãe, que carrega ouro nos dedos. Nos anéis de ouro dos dedos da minha mãe mora Oxum. Logum Edé, Orixá dual, masculino e feminino, está nas fontes de águas puras e milagrosas

compartilhado. A ordem proposta nestes escritos foi da importância estrutural, seguindo a ordem das manifestações da memória durante a pesquisa de campo.

| 41 | Devido ao crescimento das universidades na cidade do Juazeiro do Norte, muitos lotes estão sendo vendidos para a construção de prédios, e, consequentemente, muitas áreas estão sendo desmatadas.

| 42 | Consta no livro *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão,* de Lira Neto, relatos da peregrinação feita às fontes de águas termais na cidade de Barbalha. No livro, os peregrinos relatam a cura de males nessas águas limpas.

no Caldas de Barbalha[42]. Nos mistérios das águas puras e cristalinas, mora Logum Edé. Tão belo, este Orixá da água que brota da terra; filho de Oxum que dá a ele a maleabilidade de transpor a rocha com a água que brota do fundo da terra. Suas cores são os verdes das fontes. Logum Edé também carrega o ouro de sua Mãe Oxum simbolizada em amarelo da luz do sol nas suas águas. Água de Logum Edé é fria e quem se banha nela revigora corpo e espírito, porque esta água carrega com ela os segredos do centro da terra. Sem segredo, não há Orixá.

Ewá, cobra que dança no céu, está presente em todo entardecer colorido poente de tons rosados. A coloração em tons de rosa e laranja vistas no pôr do sol é a manifestação de Ewá. Espetáculo da paleta de cores é toda dela. O arco-íris é de Ewá, as artes é de Ewá, a inocência é de Ewá.

Iansã está presente nos dias mais bonitos do sertão, os dias em que se chove e os dias em que vai chover. Iansã é a dona dos raios e trovoadas, a guerreira que mora no céu, a mulher que lutou ao lado de Xangô, seu marido, Orixá da justiça. Xangô está na rocha das pedreiras mais altas. Forte como a rocha, foi o Orixá que decidiu pela própria vida, desaparecendo em combate antes de perder para os seus inimigos. A ele, pede-se que se faça a justiça na lâmina do machado de dois gumes e que se corte o mal do coração dos homens.

À Oxossi, o mistério da mata adentro, dos verdes mais suntuosos, de onde o homem nem se quer pisou. O verde da Chapada do Araripe está Oxossi, Orixá caçador, da fartura, o dono do arco e da flecha.

"Quem quer amor, pede à Obá, não à Oxum", foi o que me ensinou Hubiratam, o Pai Bira, nas cachoeiras de missão velha, enquanto apreciávamos as águas de Oxum. Obá dança de vermelho alaranjado e com a mão posta na orelha. A história diz que ela, por instrução de Oxum, para ter o amor e a atenção de Xangô, teria que dar-lhe um pedaço do corpo na sopa servido para o marido em comum. Por isso Obá é o Orixá do amor; só o amor é capaz dos sacrifícios para com quem se ama. Obá é o vento, o vento em si, a brisa suave, aquela brisa que beijava o rosto de Xangô em batalha, a brisa que suspira no calor do deserto Cariri daqui. E à Xangô, todas as pedreiras. O senhor do trovão, senhor da justiça. No meio da batalha, em companhia da sua mulher Iansã, Xangô some no espaço, não deixando se vencer na luta. A ele atribui-se os apelos do justo, a ele, o sangue que pulsa em nós, vivo e forte. Sem sangue, não há orixá.

Oxum, a rainha das águas doces, das cachoeiras, toda água doce da terra, da beleza e do mel, o néctar das flores, é a mãe protetora das crianças, da fertilidade e dos encantos da sedução. Oxum, quando chegou nas terras brasileiras, ganhou o ouro, metal mais precioso destes lados do Atlântico, mas seu verdadeiro metal é o cobre, vindo com ela das Áfricas negras. Oxum aceita os dois metais, mas aqui, o ouro é de Oxum, como todos os filhos também são dela, já que é Oxum a água do ventre feminino.

Entre as rotas e idas ao Cariri cearense, escrevemos essas linhas feitas de memórias contadas em que vivem e são os Orixás. As mães de santo no Juazeiro do Norte representam a presença do candomblé nesta terra peregrina, famosa pela ascensão do Padre Cícero e da religião católica.

Imagens do silêncio. Pai Bira não me deixa fotografar os Exus|43| da casa, postos em um quarto ao lado da entrada do terreiro. Pude vê-los em certa distância, mas não fotografar. Não contestei a negação de fotografar Exu, não pude insistir. Esta imposição e aceitação de não retratar faz parte do respeito e condiz ao silêncio responsáveis pela memória cultural às divindades africanas.

Mãe Ciça de Obá, Mãe Alice de Oxum e Mãe Maleozazi de Xangô são as mulheres que afirmam a presença do Orixá no Cariri cearense e, aqui, mostram sua beleza, força e permanência. As nações Ketu estão presentes nos nomes de Mãe Alice e Mãe Ciça, a nação Angola está em Mãe Maleozazi.

Única Obá do terreiro de Pai Bira e única Obá que vi dançar, Mãe Ciça me recebe no seu recém-aberto terreiro, modesto, na periferia de Juazeiro do Norte. A tarde de um outubro foi compartilhada na beleza de Obá que mora em Mãe Ciça. Com a permissão de fotografar seu Orixá, dei por mim que todo o terreiro existe um pouco de Obá na cor laranja que permeia todo espaço do terreiro. No centro do teto mora Obá, nos colares do pescoço, vejo Obá, mas o segredo está lá dentro, no fundo da casa: o assentamento do Orixá da dona da casa; Obá de Mãe Ciça.

| 43 | Pai Bira foi responsável pela chegada às cachoeiras de Oxum e por me levar também ao encontro de Mãe Ciça já que é ele seu Pai de santo. Imagens em segredo. Pai Bira me leva, na travessia imagética, a lugares que hoje se fazem oferendas aos Orixás me Juazeiro do Norte. Este sítio é protegido também pelo segredo; Pai Bira não me deu endereço, me levou até lá, lugar que fica no caminho do aeroporto da cidade. Por respeito, as imagens do sítio não se fazem presentes nas fotografias aqui contidas.

Nem todos podem ver o assentamento, é um lugar sagrado e vivo, cuidado com apreço, como se cuida da própria vida, que se dá comida, que se limpa e que se dá de comer. Para a Mãe de santo, este assentamento ainda é mais importante já que é o equilíbrio da mãe, aquela que pode pôr a mão na cabeça dos seus filhos, aquela que influencia na vida dos seus. Esta Mãe precisa da sua moderação. A surpresa e alegria de estar tão perto de um assentamento de Obá foi-me dado. A nobreza do cobre era abundante nas três tigelas largas e jarra comprida postas no alto. Estavam erguidas em uma bancada rodeada de um pano vermelho de brilhos dourados discreto. Pude fotografar. Mãe Ciça pousa a mão esquerda em uma das tigelas. Saímos do quarto, tomamos café, conversamos e todas as vezes tentava enxergar Obá no corpo de Mãe Ciça. Obá estava nela, sempre estava, nos olhos mansos e fortes, na voz doce, na acolhida da conversa instruída por memórias de dor e renascimento dos seus e de si mesma. A escolha para nascer no Orixá é uma escolha pela vida. Não foi diferente com Mãe Ciça. Chegou uma hora que foi preciso decidir e acolher também o que lhe foi dado de legado, na memória ancestral dos seus que já partiram. Escuto mais uma história contínua da vida. Vejo o Orixá vibrar.

Obá, a Orixá do amor, o verdadeiro amor que cuida, que abraça, da simplicidade cotidiana em que residem os gestos de uma companheira fiel: Obá. O território de Obá é campo aberto para a batalha, para a guerra. Sim, Obá divide esta posição de guerreira com Iansã. A crença de Obá fala na mulher dedicada, esposa de Xangô, Orixá guerreiro

e justo. Obá é a Orixá do amor, não só por fazer de tudo para agradar o amado, mas por acreditar, sem duvidar, das mais astuciosas histórias para agradar quem se ama.

A cor laranja avermelhada de Obá representa o calor do fogo. A abóbora, sua comida, representa o conforto que se acomoda dentro da fruta. Por tempos imemoriáveis, a simbologia africana predispõe cada comida, cada elemento, cada metal, ao Orixá correspondido. À abóbora, a corpulência do seu caldo e a doçura sutil da sua poupa remetem ao amor maternal e, sem exageros, nutre e abraça com seu calor, a fome de tudo que assola os famintos de amor.

Nos detalhes do pano que enfeita e protege o assentamento de Obá na casa de Mãe Ciça, foi pedido por ela que as fotografias tiradas do assentamento não fossem mostradas aqui. O pedido foi respeitado e o segredo condiz a perpetuação da religião dos Orixás até os dias de hoje mesmo em ambientes tão hostis à qual foi sujeita a cultura negra e índia no Cariri cearense. Para tanto, aos Orixás, o silêncio. As imagens aqui são imagens do silêncio. Sem silêncio, não há Orixá.

O ***adjá*** de Mãe Ciça é de cobre, enfeitado com o ***oxé***, o machado de Xangô. Obá é Orixá guerreira e uma das três esposas do Orixá Xangô, mas não é por isso que o ***oxé*** está presente na fotografia do oxé de Mãe Ciça, não por causa de Xangô. A representatividade de Xangô no ***adjá*** está atribuído a uma das qualidades dos Orixás de Mãe Ciça. Sim, temos mais de um Orixá com qualidades distintas compondo a estrutura vibracional de cada um de

nós. Desta maneira, pela organização particular que cada um de nós compõe, somos particularmente diferentes um do outro; cada Orixá é único. O brilho do cobre se soma ao brilho da pedra do oxé; os tons vermelhos do metal com a luz do brilho da pedra que enfeita o oxé aumentam o potencial do instrumento. O vermelho em seus tons de cobre, alaranjado e reluzente são associados ao sangue da luta, à força de um guerreiro, ao vigor de um ser pulsante presente no campo de batalha como a chama do fogo no ápice da combustão.

O arco e a flecha de Obá são chamados de *ofá*. Na imagem, vemos detalhes a ponta da flecha do instrumento da Orixá Obá guerreira. A flecha de ponta afiada envolta de arco são feitas de cobre, como todos os instrumentos de Obá aqui fotografados. Na imagem, vemos em segundo plano a espada de Obá chamada de *Ofange*. Obá dança com as duas armas em punho e dança ainda com uma das mãos posta na orelha, símbolo da prova de amor por Xangô.

Vi os búzios e a eles remeto o caminho do mar; mas os búzios são mais do que símbolos da praia e do mar, eles significam tempo e responsabilidade. Os búzios nas guias representam a autoridades de quem os carregam no pescoço. Os búzios em par ou em três são usados por Pai e Mãe da casa de candomblé. Os iniciados, chamados iaôs só poderão usar búzios nas suas guias depois de sete anos.

Objetos fundantes: os enfeites, a delicadeza das flores e a cor laranja e rubros avermelhados, o cobre, o brilho vermelho, estão por todo o ambiente do terreiro. As guias, as miçangas, as fitas, tudo ganha

Obá na sua cor e na sua representatividade. A humildade do terreiro o torna ainda mais bonito. A fala branda e o abraço de Mãe Ciça ressaltam a forma Obá de ser. Das miçangas, o branco ganha espaço por entre os tons avermelhados, contas unidas. As fitas de santos apertam o nó dos laços de vida que foram firmados com a memória dos antepassados, do Orixá e dos filhos feitos pela roga de quem disse sim à vida.

Estamos com Mãe Alice, jovem Oxum, de olhar forte e decidido, me recebe para algumas conversas depois de ter aberto fretas para mim no tempo corrido que tinha. Enquanto conversávamos, antes das fotos e do que eu poderia ver dos paramentos simbólicos de Oxum, Alice se maquia, coloca batom vermelho, lápis nos olhos e me mostra suas tatuagens no corpo. Pergunto a ela aonde está sua Oxum, mas Oxum já estava ali diante de mim, passando batom. O terreiro de Mãe Alice, filha biológica de Mãe Célia, nação Ketu, me coube paciência em escutar e sentir porque pouco me pôde ser mostrado. Mãe Célia não estava, fui recebida antes na casa pelo Pai Ogam Edson Martins e caminhei pela cozinha espaçosa do terreiro. Alguns dos filhos da casa me apresentaram as comidas que estavam sendo preparadas para os Orixás. Por curiosidade, perguntava dos altares, das quartinhas abundantes brancas e marrons de barro postas perto à porta de entrada. Mas a curiosidade foi contida pelo Pai Ogam.[44] Estava lá para saber dos Orixás, das suas comidas, e não do mais. "Só os Orixás", disse Pai Ogam. Quando Mãe Célia não está, quem responde por lá é Mãe Alice e Pai Edson. As três

| 44 | Pai Ogam é uma autoridade no terreiro de candomblé, sempre atribuída a uma presença masculina, pois é dele a obrigação da segurança do lugar e também sua defesa intelectual.

cadeiras grandes de madeira distribuídas no espaço do terreiro representam as autoridades da casa. Mãe Célia, de sorriso fácil e simples, estava de viagem e um mês passaria fora; suas guias falavam da ausência física dela naquele espaço. O colar de búzios na sua grande cadeira estava enfeitado por finas teias de aranha. Das cadeiras, o estofamento amarelo ouro estava Oxum, nas muitas guias volumosas; grafada no espelho, o abebé, das duas cadeiras: Mãe Célia e Mãe Alice de Oxum.

Os territórios de Oxum estão as cachoeiras, todas as águas doces, todos os lugares das águas doces, dos rios e das nascentes. É a fertilidade das mulheres, seu útero, a água do útero da mulher grávida, Orixá que cuida das crianças em gestação. A mulher caprichosa e super protetora é Oxum. Em suas crenças, se conta muitas histórias de Oxum e a ela são atribuídas características dependendo das identidades que cada uma possui já que existe muitas Oxuns. Cada Orixá que nasce em um filho é único, como um rio único; e pendendo da margem, o rio é diferente. Oxum é o amarelo do mel, o amarelo do ouro. Do mel, o sangue das flores, Oxum adoça cada pedido que quer fazer e com sua candura, alcança. Mesmos os mais teimosos, como Ogum, Orixá da batalha, não resiste à doçura que ela tem. Do ouro, está a riqueza que condiz a este Orixá. A água que reluz em ouro nas quedas da cachoeira é de Oxum; como todos os enfeites e todas as artimanhas de sedução feminina.

Mãe Maleozazi é a Mãe de santo mais antiga de Juazeiro do Norte. Mais de 30 anos assume seu posto.| 45 | Mãe Maleozazi me recebe bonita, de branco, e me convida a sentar no sofá da sala. Uma mulher grande, olhar forte, daqueles rostos que só precisamos ver uma vez para jamais esquecer. Mãe Maleozazi é da nação Angola, que chama os Orixás de Inquices Depois, passando pelos cachorros de Ogum, que são muitos, na varanda, adentramos e fomos parar no terreiro, lá nos fundos da casa. Rodeado de árvores, de luz amarelada e clima agradável que as folhagens proporcionam, Mãe Maleozazi se senta na cadeira grande, posta logo na entrada. Ao vê-la, eu, sentada no chão, aquela mulher fica ainda maior, e seu olhar confortante conversamos, se torna familiar e era a primeira vez que a via.

De Xangô, já vejo nela a pulseira despretensiosa usada no braço esquerdo. O adorno vermelho e branco, me parece habitual e assume sutilmente Xangô. O terreiro Angola chama o olhar a ver a grande imagem impressa, posta entre o jogo de búzios e a grande cadeira, da representação do Inquice: grande máscara africana, mais achatada do que uma máscara representativa de rosto corriqueiro.

Na nossa conversa, sempre pergunto por Xangô, seus símbolos e suas roupas, e Mãe Maleozazi, sem demora, me apresenta às suas vestes, suas duas roupas e aparatos, usadas quando Xangô incorpora, dançando no terreiro. Foi muito feliz encontrar Mãe Maleozazi em uma disposição singular de me

| 45 | Mãe Maleozazi conta orgulhosa que agora quem toma conta do terreiro é seu filho biológico, Pai Samuel. Ela diz que Samuel sabe das coisas, estudou e tem mais condições de se posicionar diante dos obstáculos que a religião dos Orixás enfrenta: racismo, preconceito e discriminação. Racismo se resume à toda agreção e violência referente à cultura negra, seja ela cabida à religião ou a simples estgmatização da cor. Preconceito e discriminação são camuflagens para amenisar o peso da palavra racismo.

deixar ver e tocar na simbologia do seu Xangô; nas suas guias, colares de miçanga, corda e búzios, na sua coroa, seu bracelete e *oxé*, instrumento de guerra.

Em uma intimidade particular, Mãe Maleozazi me conta dos arquétipos dos filhos de cada Orixá e se deixa ser vestida por alguns dos elementos simbólicos do seu Xangô. Em cada diálogo construído por nós, na presença da simbologia de Xangô, Mãe Maleozazi desabafa que a união das nações e terreiros é a saída para que se resolva os percalços e violências sofridas pelo candomblé. Fala também da piedade que se deve ter com o outro quando o outro se encontra espiritualidade doente; fala que, independente de recursos financeiros, é preciso ajudar um Orixá a nascer. E, cada vez mais, enquanto se delonga a conversa, via o Xangô de Mãe Maleozazi se ascender e via ela cada vez maior naquela cadeira ao lado da porta.

Os territórios de Xangô são as pedreiras, a fortaleza que as rochas são capazes de fazer. O elemento fogo simboliza junto à fogueira Xangô. Xangô é o Orixá da justiça, do martelo de dois lados igualmente afiados; Xangô corta os males e guerreia pelos seus. Filho de Iemanjá, casado com Oxum, Obá e Iansã, desta ultima está sua companheira de guerra, igualmente guerreira e forte. Xangô é o dono do raio do início ao fim, desde a sua energia descida dos céus até quando ele se faz fogo na terra final. Muito se conta de Xangô;[| 46 |] Orixá ilustre, e diria o mais ilustre porque Xangô existiu, foi homem e rei e sua dinastia na África ainda

| 46 | Xangô carrega consigo aspectos divino, mítico e o histórico. O divino cabe ao Orixá Xangô, divino e justiceiro. O mítico envolve a maneira que o homem rei Xangô se tornou Orixá, que está proximo ao aspecto histórico. O aspecto histórico conta que seu pai fundou a cidade de Oyó, e depois o reino foi passado para Dadá Ajaká, o filho mais velho. Xangô foi o terceiro rei da dinastia de Oyó, transformando-se no soberano divino dessa cidade, morrendo em batalha.

permanece. Diz a crença que Xangô escolheu pela sua morte. Em uma batalha, seus inimigos acurralaram-no, Xangô não tinha para onde escapar e assim Xangô sumiu, não se sabe ao certo onde foi. Só se sabe que Xangô não se deixou prender e nem ser morto pelos seus inimigos e foi assim que Xangô se tornou Orixá; o Orixá que decidiu pela própria vida. Muito se conta sobre Xangô, mas a decisão por se deixar matar e decidir sobre a vida carrega carga árdua sobre sua existência e sobre sua força. Xangô não se entrega e se engrandece na força motriz regida pela coragem.

Vermelho e branco fazem a roupagem e representatividade do Orixá Xangô. O vermelho da guerra, do fogo, da chama ardente, da força pela vida e pela persistência mora Xangô. O branco vem do seu Pai Oraniã, rei ioruba da cidade de Ife, na Nigéria, fundador do império de Oió. Oraniã é vestido de branco, mas ao branco cabe toda a transparência dos atos e à paz de estar em paz com Oxalá. Para tanto, o branco, junto com o vermelho, mora a combinação amoldada ao Orixá Xangô dos justos, da integridade. A nação angola tem como Xangô o Inquice *Nzaze-Loango* ou *Nzaze*, somente. Mãe Maleozazi me leva à passeio por todos os assentamentos dos Orixás[47] na casa. Me apresenta a entrada do terreiro, porta menor a que dá acesso ao terreiro e mostra Exu em cima da porta, em quartinha de barro grande com água[48] dentro. Ganho outro contentamento em experimentar observar mesmo rápido, as casas dos Orixás/Inquices. Estar

| 47 | O assentamento do Orixá é como se fosse a casa onde o Orixá "dorme", na essência sagrada, e precisa ser cuidada e limpa, como necessitamos nós. Nos assentamentos estão as simbologias de cada ser divino cultuado, os elementos da natureza que eles representam e os segredos, os fundamentos de cada um deles necessários à harmonia da casa.

| 48 | A água é o sangue da terra e está presente dentro dos recipientes de barro ou louça dos Orixás. A água representa a vida, o estar vivo naquele momento ali, dentro do fluido sagrado de cada quartinha.

tão próximo nos espaços sagrados e consagrados é compensador para quem tem que ir devagar, criando laços e afetos, dizendo os nomes de quem enviou para chegar até as Mães retratadas.

Mãe Maleozazi me foi hospitaleira, me confidenciou histórias de vida e de renascimento. Me disse que seu nome não é o nome de batismo, o nome de sempre e verdadeiro é o Orixá quem diz, quando se nasce no rito. O nome sempre seu é o nome do Orixá que está aí, em você, talvez adormecido de ego, preso no fardo plantado.

Histórias contadas, uma vida: o momento presente, a presença. O corpo, os símbolos: vestes, adornos pequenos gestos. Sem corpo, não há orixá. A intimidade do olho que entra, como permissão, a permear os lugares sagrados repete o que a história, vez ou outra, esquece de mostrar. O negro, a África está; na cultura negra vibrante – Cariri cearense, em fusões inevitáveis com o kariri, os Orixás emergem.

Os peixes, os pássaros, os passos dos transeuntes, peregrinos, cidadãos materializam os Orixás no Cariri cearense. Sem cultura, não há orixá. A resistência se soma ao cuidado que os povos de terreiro têm nestes lados do sertão; não é fácil adentrar neste mundo do candomblé, religião dos Orixás. O mundo dos Orixás é um mundo de silêncio. Sem silêncio, não há orixá. Foi preciso que confiassem para assim se dar a partinha com o momento da presença. Momentos que compartilhamos. Por mais que seja indiscutível o relevante número de terreiros existentes na região do Cariri, a imposição do catolicismo e o poder simbólico a ele atribuído

fazem com que, infelizmente, ainda haja violência e desinformação a respeito da religião dos Orixás. Respeitamos a forma cuidadosas dos povos de terreiro para com os demais. Sem segredo, não há orixá.

Vejo um Cariri inteiro cheio de África, em que os povos de nações[49] se misturam, se irmanam, formando uma só cultura, a dos Orixás que emergem para cá. As irmandades são contadas nas histórias ouvidas durante a presença do meu ouvido, do corpo presente, junto com as autoridades das mulheres aqui vistas, também ouvidas, também simbolizadas, vestidas de Orixás como assim renasceram. Saiba que você pode ser mais de uma nação, como Mãe Ciça, que tráz nos braços as marcas de onde nasceu, duas vezes, duas nações marcam seu corpo consagrado. E saiba que os terreiros convivem, e procuram ajuda um no outro, como a história de Mãe Maleozazi, Angola. Quando preciso foi, Mãe Maleozazi procurou orientações de Pai Bira, nação Ketu. Mais do que nunca, vejo semelhanças, mais do que diferenças nas nações aqui postas. Vejo mais alianças insolúveis pelo culto aos Orixás, ligada à África fundante que no Cariri está. Neste oásis do sertão do Ceará em que os colonizadores procuravam água para a sede, os negros assim permanecem, e os Orixás perpetuaram sua resistência, cantando e dançado o renascimento dos seus filhos, na água da vida das fontes, território conquistado. A África, tão vasta, resplandece em território, pequeno, um grão, comparado a grandiosidade deste continente de que pouco sabemos, de um modo geral, e de que muito se precisa saber. No Cariri, há uma faísca de beleza em que dançam os Orixás. E que assim seja.

| 49 | Nações do candomblé no Cariri cearense são Angola, Ketu e Jeje.

E ouvimos e podemos ouvir muito mais além do que disse a voz da kariri Rosa.

Esperei a tarde inteira por ela. Depois de horas de viagem de carro Chapada do Araripe à dentro, chego em um lugar que nunca tinha ido e nem ouvido falar: o Poço Dantas, no distrito de Monte Alverne, depois de Bonito de Santa Fé.

O nome que me levou foi João do Crato, o que ressalta aqui a importância de quem indicou a ida. Pelo nome de João, consegui a simpatia de quem me recebeu. Lá, o sobrenome Kariri permeia os moradores dali como registro raro dos que ainda têm o que contar sobre os seus antepassados, inscrito não só na memória, mas nos documentos de identidade. Esperei as mulheres irem pegar lenha do outro lado da estrada.

Quando anoitecia, elas chegaram, e conheci enfim, Rosa, a Rosa Cacique; perguntei pelos Orixás e ela não me disse nada. Me contou das suas irmãs de cabelos escuros que nunca tinha esbranquiçado depois de envelhecerem. Me contou também de mais pesquisadores, que não lembrava os nomes, que tinha ido lá saber do Kariri. Mas o que Rosa queria me dar era a felicidade, de uma dessas andanças dos pesquisadores por lá, que ela conheceu o mar. E marejou o olhar, como se sempre estivesse lá a sua memória andante e que só em tempos poucos atrás, ela teria realizado o sonho de mar, de chegar ao litoral de Fortaleza.

Depois da história bonita que Rosa recordou, ela me mandou Vitor, um menino que estava lá desde que eu cheguei sentado na calçada, observando, me levar à Ivana. Já era noite e Ivana não estava. Perguntei a Vitor sobre os Orixás e ele disse: estão aqui! Abriu a porta de um cômodo, no terraço já fora da casa, sem luz. A luz que nos iluminava era a da noite vindo.

Quando dei por mim, os vi: os Orixás estavam lá, juntos com as entidades caboclas. E me lembrava das palavras de Jerusa na última orientação: encontre os Orixás com os Kariris. Pedi autorização para fotografá-los. Ascendi uma luz que carregava na mochila e, como se estivesse encontrado um tesouro, me pus a registrar na imagem recortada da fotografia.

Os Orixás presente no altar de Ivana compartilham lugar com santos católicos como Santa Bárbara, São Jorge e Nossa Senhora da Conceição. Em um canto, fora do centro do altar, Oxossi está na figura de um índio, com o nome posto no rodapé da imagem, pude identificá-lo. A Iemanjá, figura latinizada: mulher de vestido azul e cabelos compridos que anda nas águas, aparece três vezes, nos três cantos do quarto onde reside o altar. Uma no canto direito, em moldura de madeira simples, é colocada ao lado de Nossa Senhora da Conceição, a outra, do lado oposto, em estátua maior de gesso, ao lado de São Jorge e padre Cícero. Outra no centro, em estátua menor de gesso, posta em pedras com quartinhas de água em sua frente. As guias dos Orixás estão colocadas em um prego, ao lado da Iemanjá, Mãe de todos os Orixás.

Pelas cores das guias - colar de contas -, temos Oxalá, representado pela guia branca, Xangô, pela guia branca e vermelha e mais deles. A imagem do caboclo|50| e preto velho estão presentes no altar, ressaltando assim a fusão que já imaginávamos existir, codificada em presença imagética neste altar.

Ivana chegou logo depois do registro fotográfico, também tinha ido buscar lenha do outro lado do povoado, me apresentei, conversamos pouco, falei das imagens que fiz, mas ela não me pareceu feliz com isso.|51| Prometi voltar, estava escurecendo e precisávamos pegar o rumo da volta, a estrada é perigosa à noite. Disse que ela tinha um tesouro ali com ela, mas ela já sabia disso.

Em frente, a memória cultural do Cariri pode ser vista com a fusão índio e negro. Os índios e negros são sujeitos desta história pela comunicação e notoriedade antes negadas. O segredo está na negociação constante de aceitar o silêncio. O Cariri, a cultura plural da margem e sua riqueza. Cariri e candomblé seguem por este capítulo. Ademais, luz, corpo, signos, nos restam a seguir.

| 50 | Os caboclos são imagens indispensáveis para se compreender a memória cultural sagrada no Cariri cearense. Caboclos são os verdadeiros senhores da terra, não só por serem nativos, mas por terem conhecimentos de sobrevivência; conhecimentos esses passados adiante por seus antepassados. Caboclos são conhecedores e também guerreiros fincados, neste caso, em uma região árida e um tanto impiedosa, relacionada às condições climáticas que o sertanejo está destinado. Durante a escrita desta

Cariri emerge: do estrangeiro à alma do outro

nada que faço é muito
mas não é nada fácil apagar
a natureza
que dá força ao jatobá
e faz em pleno canto
o pássaro voar

Geraldo Urano

É por distintos olhos que pretendemos ver o Cariri cearense; um olhar que se recusa a costumeira postura de inferiorização, estigmas e estereótipos. Precisamos aperfeiçoar o olhar, que, com cautela, vislumbrará os pontos de força e os povos sujeitos aqui postos em foco.

Na poética pertencida, de fósseis, águas, verdes florestas, não recusaremos a seca e sua sucessão dura que a ela remete. Não nos recusamos ver a sede, mas nos detemos a insistir que o Cariri cearense não é mídia apropriada, corriqueiramente, fazendo do sertão uma seca sem fim.

Colocamos o Cariri como a paisagem principal dessas fronteiras. Quem é este Cariri e o que ele esconde nas estradas e encruzilhadas são interrogações postas. As necessárias materializações da memória estão nos arquivos vivos das vozes em realidade negroíndia. Para que essas vozes sejam ouvidas, colhemos cartografias, lemos relatos do olhar estrangeiro|53| e entramos na teia das cidades.

dissertação foi publicado pela mesma autora o artigo "De um Cariri negro e mais histórias de caboclo: relatos em memória, fotografia e performance" (Revista Simbiótica, v. 5, n. 1, 2018).

| 51 | A imagem do altar de Ivana aparece sobreposta com a imagem do caju no altar da minha tia avó.
Por respeito, as demais imagens do altar não estão presentes aqui.

| 52 | O estrangeiro chegou. Cruzou o além-mar e fez da terra exploração; uma egoísta fonte de riqueza. Fez dos Outros, de cor, seus escravos. É essa a história que queremos lembrar, e comunicar, adentrando na memória de quem foi invisibilizado. História essa que nos livros escolares há de ser inclusa, porque eles, índios e

O Cariri localiza-se na região sul do estado do Ceará. Longe do litoral, o Cariri carrega particularidades na suas geografias e culturas que precisam ser desmistificadas. O Cariri precisa ser visto com um novo olhar, dispensando estereótipos; estereótipos de seca, de "não progresso". Rodeado de verdes da Chapada do Araripe, a geografia carrega consigo a vegetação de caatinga. Localizada a quase 500 quilômetros da capital Fortaleza, a região do Cariri prospera.

Podemos levar adiante todas essas estruturas em mosaico faladas ao espelho de nós, ambientes do convívio, para as veias do nosso corpo. Assim, como um rio, podemos desaguar no passado estruturante. Os mosaicos estruturam a beleza, hoje, na presença negra e a fusão negra/índia do Cariri cearense em memória viva fundante.[53]

Os Orixás, cá, engajam na formosura lúdica, a verdadeira vida. O pensamento selvagem[54] tem a natureza como conhecimento. A cultura e os que habitam aqui hoje estão sob uma profusão complexidade de misturas; por isso e tanto que o Cariri é importante. O território Cariri ultrapassa o equívoco da imposição regional e nacional já que ele é ancestral, tempo imemorial de cem milhões de anos.

Avigoro o pensamento. O sertão há de se ter o quente da terra seca, sol escaldante, trópicos em abundância de chuva e o arremate de seus oásis. Mas a poética dual está nos dois climas que separam o ano: a seca e o inverno. E ainda há aliança da paisagem homem-natureza em que a população é parte da paisagem nesta complexa mistura cultural.[55]

negros, fazem parte de nós, somando a teia cultural complexa vivida. O estrangeiro abordou. Cruzou o além-mar. Levou consigo o ouro, as pedras preciosas. Enxergou o lugar com a dualidade costumeira de comparar o "seu" lugar, sua geografia, com a do Outro. Inferiorizou a geografia do Outro, não levou em conta a beleza e a criatividade de se viver entre o tempo dual de seca e chuva. O olhar estrangeiro sobre o lugar, aqui tomado pelo olhar de Edgar Aubert de la Rüe no Nordeste, dá o agradável frescor da chegada quando lemos as páginas em que narra a chegada ao Cariri cearense. Como uma nova morada do olhar estranho de quem percorreu a caatinga, chegar ao Cariri faz-se um suspiro de água em abundância:

Falamos da fronteira. Estamos mais uma vez em Juazeiro do Norte, o pólo, o centro comercial do Cariri. Nessa região de fronteiras e de sotaques permutados (pessoas de vários lugares do País estão por aqui), pede-se um novo procedimento de compreensão cultural que vai além das linhas, limites imaginários, traçadas nos mapas.

Quando falamos em progresso, os prédios e a tecnologia circundam o pensamento. O Cariri, em especial Juazeiro do Norte, cidade de margem, criou para si dimensões antes não imaginadas. O centro e a margem contêm grandezas avessas, estereotipadas do lugar intimado. O litoral de Fortaleza é diferente do Cariri e igualmente abundosos.

Os povos negros e os povos índios dessa banda de cá, suas manifestações religiosas, o modo de vida operante, enfim, nos indaga questões ainda não respondidas. Uma dessas questões é presença negra. Por isso os negros e índios junto com suas divindades, Orixás, são sujeitos desta escrita.

Não somos iguais, passamos por processos distintos, percorremos geografias diferentes. Essas particularidades são as contribuintes, as fazedoras de homens em caminhos diversos, em formações culturais também diversas na geografia[56]. Não há um desenvolvimento único ao qual as culturas pertençam. A diversidade a que temos conhecimento é apenas aparente e a realidade é muito mais profunda. Dessa maneira, não cabe aqui discutir a questão de raça nem desigualdade social.[57]

"Reencontramos o Ceará em Ibimirim, precisamente de onde saímos em novembro, depois de percorrer o norte e o centro. Estamos agora indo em direção ao Cariri, realmente no sul, seguindo um caminho agradável. As paisagens que passam não têm nada da austeridade habitual de tantos itinerários no sertão. As cheias recentes que transformaram a caatinga muito a modificam, mas várias indicações revelam que estamos entrando numa região normalmente submetida a condições climáticas relativamente boas. Colinas e planos se alternam, com sítios e pequenas fazendas de tijolos vermelhos dedicando-se, sem sua maioria, ao cultivo de cana. Em uma cordilheira mais alta que as outras, a Serra de Ouricuri, descubro

Para respirar a grandeza dessas terras e de nós mesmos, há de sabermos que somos parte da paisagem fértil do Nordeste e também do branco sertão seco, em dualidade constante. Quando está perto de se chegar ao mar, a região do litoral, alargando a faixa de 30 km, a chuva é abundante, fazendo do solo profundo fértil.[58] A paisagem que nossa memória há de construir é aquela em que a vastidão de terra é revestida pela floresta tropical, um pouco menos exuberante que a floresta amazônica.

O Cariri tem suas especificidades únicas, como seu povo em seu lugar, em seu ambiente. Tais especificidades não cabem somente em uma imagem e registro. Todo lugar produz suas inter-relações endêmicas. O Cariri há de ser visto, outrora, pelas lentes da memória, em que os cajus, águas e coqueiros se fazem grandiosas. Nossos antepassados estiveram presentes nessas terras vastas, abastadas naturalmente.

Não tendo razões nem mediações condicionadas para dar aqui um final ao enredo, a primeira parte deste texto-relato começa a seguir adiante, sem linha de chegada. No *full time* existencialista, caminhamos pelos pólos escolhidos: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha; o Cariri como um todo. Lugares estes que nos finca no enredo do Nordeste, emergente Cariri, e nos emancipa, nos avança.

Falar de tempo e enredo significa relatar, por ventura, como se deu o ápice, a eclosão do que trouxe o "progresso" finalmente até aqui. O episódio da vinda quase que poderia ser uma salva descoberta de lugar, pouco conhecido. Exagero? Quem diria, a um passo do nosso distante, que o

subitamente essa região afortunada do Ceará que é o Cariri, imensa bacia que se estende ao pé da chapada do Araripe e se perde ao longe sob o cinza de um céu chuvoso. Este pomar do Ceará não deve ser confundido, apesar da semelhança de nome, com o Cariri da Paraíba, parte pobre e desolada pela seca do planalto de Borborema. Aqui a água nunca falta, graças à permanência de uma série de nascentes, alimentadas pelas chuvas ocasionadas na chapada de Araripe, conjunto de grandes planaltos, a uma altitude de pouco menos de mil metros". Os relatos foram extraídos do livro de longo título: *De como Mabe Bethônico percorreu a caatinga na Suíça, nos arquivos do autor viajante Edgar Aubert de la Rüe, e aprendeu francês, idioma da*

Cariri é um berço de artistas, de pistas asfaltadas, de um quase tudo. Universidades, doutores, talentos natos, famosos e pessoas normais, de sotaques firmes que habitam e rondam o plano Cariri.

Quanta amabilidade! A exaltação, claro, não cabe por todo o tempo desse traçar. Porém, as desventuras foram tão mensuradas que seria de cansar pestanas mencioná-las, constantemente. Seguimos adiante, da porta de entrada até finalmente chegarmos ao horizonte do clímax Cariri emergente. Comboiemos na maré cheia dos acontecimentos desse novo olhar, em que o corpo do Outro é ouvido, visto, desse sopro em caminho unívoco.

Na terra de mil sóis, do Padre Santo; o triângulo da encruzilhada de riquezas se ilumina. Prédios e ***shopping***, carroça, rapadura, toalha de mesa com vaquinhas fotografando; letreiro em inglês. Entrevistas, conversas, debates, mídia. Turbilhão de ações, que nem promessas feitas no horto, invadiram o Cariri nos dias que seguiram acelerados. Além dos dias cingidos, o Padre Cícero toma dimensões de empresário. Sua estátua na praça merece uma gravata. Mas que cor seria essa gravata? Vermelha, preta ou de listras? Cada um pode opinar uma tendência para o Padre ficar bem na foto. Mas é preciso de uma escada para subir lá e o vestir com a gravata. Bem, o Padre Cícero ficaria bem com qualquer gravata.

De uma forma ou de outra, o herói Padre Cícero foi o grande performer, a converter um pequeno povoado desprovido de chuva e melhores condições climáticas (região semi-árida do sertão) de

obra Brésil Aride (La viedansla caatinga), no processo de tradução deste relato geológico sobre o Nordeste do Brasil, visitando em missão da Unesco para a localização das riquezas minerais em 1953-54, que constitui um mapa das minas, com interesses pela geografia humana e por fotografia, revelando a paisagem, suas ocupações e modos de viver no Polígono das Secas, publicado pela Edições Capacete, em 2014.

| 53 | Mas nunca se pode deixar de ver o sangue formador dessa estrutura cultural, que, com isso, deixa as tristes reticências, pingos de lágrimas, sobre a discussão do racismo e genocídio que fazem parte da nossa história. Os verdadeiros bravos protagonistas da história perpetuam resistência. De toda a tragédia humana

grandes proporções. A saga do homem padre, de nome Cícero, refez o Juazeiro do Norte, que antes não passava de um lugar no mapa imerso no inóspito virar abundância; um milagre performático.

O Juazeiro do Norte é uma cidade receptiva, que acolhe todos os tipos de pessoas, exiladas ou não. De um lugar "sub" para um lugar de explosões. Estrondos de boas novas, tanto econômicas quanto sociais. O Juazeiro do ***Padim Ciço***, além disso, é "intra" no mais puro sentido prefixal. É de posição interior, do lugar que cresce para si e para dentro de si.

O Padre Cícero do Juazeiro do Norte foi e é o grande responsável pela transformação do lugar-ambiente que abrange não só a cidade de Juazeiro do Norte, mas todas as outras que estão próximas e envolvidas por ela. Não é difícil plantar em um lugar que se chove e ver crescer plantas e as plantas darem frutos. Difícil é o inverso, o avesso.

Falar tanto do Padre Cícero transfigurado na imagem, torna-se inevitável. Existe, nitidamente e intimamente, sua multiplicação nas ruas e em todo o resto. Do ar que envolve o lugar, os que respiram nesse lugar, os que pisam no solo juazeirense, os que vão e os que ficam. Todos estão, querendo ou não, no mesmo plano desta construção imagética.

O Padre Cícero está para o milagre do Juazeiro do Norte. Precisamos falar dele neste instante. Não há como fugir da figura simbólica do padre santo que povoa o imaginário cearense. Não há como fugir e não queremos fugir. A história de um

que foi a rota escravista e a colonização europeia, é equivocado dizer que amistosamente o mosaico foi criado. Na verdade, não se fala devidamente: os bravos índios e negros ainda são alvos do poder que sonda a religião com ignorância e racismo. Relatos de violência não são poucos quando falamos na liberdade de ser do Orixá.

| 54 | O termo pensamento selvagem está na obra ***O pensamento selvagem,*** de Levi Strauss, em que tomamos por referência.

| 55 | Nesta mistura cultural que fazemos parte, o mundo afro-árabe está presente e permeia as indumentárias do povo de santo; tomamos como exemplo os turbantes usados pelas Mães de santo retratadas.

povoado, que se tornou uma região metropolitana, envolvendo Barbalha e Crato, é envolta do místico, do milagre. Essas envolturas mágicas, unidas à *performance* do Padre Cícero, escreve sua literatura fantástica cotidiana.

A questão é que o *Joazeiro*[59] – como era nomeada antes, em 1800 –, hoje cidade de romeiros, forasteiros e viajantes, é o grande milagre de Padre Cícero. Falamos do milagre da modernidade, o movimento, a ida e vinda de coisas e pessoas na constância do tempo. O comércio da região e o turismo religioso se dá com as romarias presentes. Cada vez mais se vê no céu azul da cidade um arranha céu que floresce, dia após dia.

O Juazeiro do Norte, o centro, de sol escaldante, da palha dos chapéus dos romeiros moradores ou não, compõem os tons de amarelo e laranja que essa cidade tem. O Juazeiro do Norte alaranjado, da cor que ferve e das velas acesas nos templos católicos abertos ao público. Nas casas, o costume é ter na sala de entrada um altar de santos, entidades, mais luz de vela acesa como proteção.

Os altares das casas são artefatos simbólicos coloridos, comumente enfeitados com flores de papel feitas à mão e vendidas no centro da cidade. Em todos esses altares, o Padre Cícero está presente, com vestes pretas, de pérolas, marfins, brancas, chapéu e bengala. Os olhos azuis, que ele realmente tinha, celestes sem qualquer embate fictício, está nas suas estátuas. O Padre franzino de batina rota, cabelo emaranhado e sapatos furados é um dos grandes ícones do sertão e o maior da cidade do Juazeiro.

| 56 | Por isso, a crítica à ideia de igualdade dos povos: "Mas a simples proclamação da igualdade natural entre todos os homens e da fraternidade que os deve unir, sem distinção de raças ou de culturas, tem qualquer coisa enganador para o espírito, porque negligencia uma diversidade de fato, que se impõe à observação e em relação da qual não basta dizer que não vai ao fundo do problema para que sejamos teórica e praticamente autorizados a atuar como se não existisse" (LÉVI-STRAUSS. *Raça e história*, p. 23).

| 57 | Os termos *primitivo, arcaico* e *selvagem* necessitam ser postos em questão e atribuindo a eles não a permissividade da palavra, mas a grandiosidade primitiva do conhecimento fundador. Os povos hão de ser selvagens e

Os cinzas da cidade, as casas verdes, azuis, rosas, em tons pastéis formam a paisagem com as poucas árvores e prédios novos de arquiteturas minimalistas e cores opacas. O trânsito frenético intensifica o cinza e as luzes dos carros à noite e contribui para o laranja da cidade. Juazeiro é a cidade onde se encontra tudo: de óculos escuros de grife a remédios que curam qualquer mal, o ***bálsamo da vida***.

As buzinas e gritos dos cobradores das vans consomem o silêncio dos que esperam por uma graça. As obras em construção, os alto falantes, as propagandas de voz e a fala cotidiana são os sons da cidade, em bom tom. O povo da região é acolhedor, falante, tem sentimentos calorosos como o sol que compõem a tessitura da cidade.

Há de se ver que "a interconexão de todos os elementos do espaço semiótico não é metáfora, mas sim uma realidade".|60| Propomos aprender a ver a inauguração de outro tipo de tradição: a dos vários tipos de linguagem que compõem o artigo vivo cultural. Este artigo vivo cultural é o lugar em que nasce as associações que se intercomplementam, que combinam entre as partes próximas e também distantes e que se deixam mostrar para quem não sabe ver ainda "a treliça das operações tradutórias postas em ação".

O Juazeiro do Norte é a nova ***Iorque***,|61| faz dessa metáfora a chave para compreender o lugar dançante da presença. Pelo que mais palpita em abundância peregrina, ressaltamos atenção à cidade do Juazeiro. Cidade essa que não pode só ser vista

primitivos, mas não quer dizer que isso seja ruim, muito pelo contrário. Tais povos são distintos, vivem em culturas diferentes, aprenderam com a natureza a melhor maneira de se integrar a ela, de ser, enfim, a própria natureza.

| 58 | CASTRO. *Geografia da fome*, p. 94.

| 59 | *Joazeiro*, como antes era chamado o lugarejo que virou cidade, não passava de um pequeno povoado, no meio do nada. O lugar simplificava-se em de terra de beberrões, forasteiros e prostitutas. A igreja, no século XIX, estava para romanizar o país, todo o país, mas que europeu queria aqui adentrar? Nenhum. Esta missão de catequização e ocupação, deu-se a Padre Cícero, um Padre ariano teimoso, não muito bom aluno enquanto estudante

entre sujeitos, predicados e complementos. Cidade mística pertencente à duas instâncias narrativas: a de um sertão seco e a presença do Padre performático que ajudou a abrir seus caminhos.

O ciclo de ir e vir das romarias corresponde ao fluxo de presenças contínuas peregrina, graças alcançadas. À totalidade física da cidade é seu crescimento entrelaçado e teia que se desenvolve no interior de si. Condensada na ***performance*** do presente, o vai e vem constante, além de pessoas, o ir e vir de coisas, ideias, fluxos, é o que a faz estar viva agora, pulsante.

O Padre Cícero, como signo importante, corresponde um modo de compreender, em qualquer linguagem, visual ou não, para constituir o significado e o significante do Cariri cearense. A presença do padre performático foi importante, se não dizer um fator crucial, para a vinda, sem volta, de gente que compõem a teia Cariri. Dessa teia, a cultura negra emerge e está contida; o Orixá vibra.

Perceber a cidade do Juazeiro do Norte[| 62 |] e a região (o Cariri cearense)[| 63 |] inteira como lugar de tradução[| 64 |] e requer contato atento e devotado. Perceber o Juazeiro, a cidade, em seus significados, é saber que a letra é tão importante quanto a palavra. Que é preciso ter ouvidos para perceber os sons. É preciso estar lá, e com olhos sensíveis de primazia, para perceber que existe um enorme enredo de mesclas que ultrapassam estereótipos pelos quais o Nordeste ainda é enxergado.

no mosteiro tal na capital Fortaleza. Recém chegado ao Crato, foi-lhe dado o distrito de *Joazeiro.*

| 60 | LOTMAN *apud* PINHEIRO. ***América Latina:*** barroco, cidade, jornal.

| 61 | Dj Tudo, em expedição no Juazeiro do Norte com a Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, no projeto Nordestes Emergentes, em 2015, disse que "Juazeiro até parece a *Nova Iorque* do sertão".

| 62 | Juazeiro é ainda um grande pólo cultural, sendo um dos maiores centros de artesanato e cordel do Nordeste do País. A cidade tem ainda um dos maiores pólos acadêmicos do interior nordestino e é carinhosamente chamada de "a metrópole do Cariri". Devido

Em passagem na paisagem, uma árvore só se deixa entender pela floresta.[65] A passagem na paisagem em que se findou a cultura caririense hoje têm como chave a religiosidade. Caminhamos pela religião como forma de poder simbólico,[66] proveniente de força e mais tantas tessituras simbólicas. O poder simbólico é o poder invisível que só será executado na conivência dos estão envolvidos a ele e que dele se fazem sujeitos como também aqueles que o exercem.

Aprender a ver o Cariri é estar consciente das malhas culturais da sua formação. É saber que, apesar do catolicismo intimado, famoso com a figura do Padre Cícero, encontram-se as religiões de matrizes africanas tão difundidas e presentes quanto as romarias. Porém, a invisibilidade dessas religiões de matrizes africanas causa, por ora, uma turva concepção da cultura local caririense tal como é.

É preciso conhecer o passado para entender o presente, assim como é preciso interiorizar a aliança que há entre natureza e cultura. À intermédio sujeito negro desbravador, vimos como se deu a formação do Cariri. A nossa paisagem e passagem é composta frente ao negro e sua religiosidade, junto ao índio. Nesse contexto, nasce outra forma de religiosidade, a umbanda, de matiz africana, junto à religião católica.

O Cariri é mais que um oásis que serviu de refúgio para os criadores de gado da capital. Composto por fauna e flora, a Chapada do Araripe faz uma moldura verde grandiosa nas terras. O ambiente é a primeira representação da vida abundante em os Orixás[67] são os pontos de força e vida contidos na memória cultural.

à figura de Padre Cícero, é considerada um dos três maiores centros de religiosidade popular do Brasil, juntamente com Aparecida-SP e Nova Trento-SC.

| 63 | A microrregião do Cariri é uma das microrregiões do estado brasileiro do Ceará pertencente à mesorregião Sul Cearense. Sua população foi estimada, em 2010, pelo IBGE, em 528.398 habitantes e está dividida em oito municípios: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri. Possui uma área total de 4.115,828 km2. Informações disponíveis em: pt.wikipedia.org. Acesso em: 19 maio 2017.

| 64 | A cidade de Juazeiro do Norte precisa ser vista como um lugar tradutório onde

A natureza é deus, deus está no homem.[68] Para que seus olhos percebam e para que se compreenda os Orixás, é preciso ir além do que, por ora, se entende por divindades africanas. É preciso olhar ao redor e, ainda, olhar para si mesmo, em memórias. Perceber o vento, as águas, o calor, o azul, as cores, adentrar em um mundo vivo, de águas abundantes, de animal, vegetal e mineral, integrado com o homem e com as estrelas.

Falar do Orixás na região do Cariri cearense é falar da própria paisagem e do próprio homem. É ir além das fronteiras religiosas estigmatizantes. Esta é a chave para o entendimento do universo multicultural do Cariri. Múltiplo este que veio (e vem) de tantas regiões (Bahia, Pernambuco, Maranhão, Rio de Janeiro)[69] e que compõe o pluriverso cultural regional.

É preciso corpo. Os Orixás são pontos de força: são cachoeiras, encruzilhadas comunicacionais, são o ouro, a prata, a água caririense. São o ferro, a ferrovia, a caça, a lama, a chuva, a tempestade. Mais do que pontos da natureza, os Orixás são as próprias manifestações latentes dela, são a vida em si; onde há água, há vida; onde há sangue pulsante, há Orixá.

O Cariri cearense, constituído de muitos vãos de terra e cactos com povoado distante, têm o Crato como oásis. A paisagem muda, o cheiro, o clima. As nuances do emaranhado cultural são vistas nas feiras desta cidade em que o tabaco do caboclo exala cheiro forte junto à rapadura da cana-de-açúcar, vindo dos moinhos.

o candomblé se inteira de um fervor novo de cinquenta anos impostos. Cinco décadas resumem a chegada do candomblé em Juazeiro; tempo tido em vindas migratórias de regiões brasileiras.

| 65 | Cf. PINHEIRO. *América Latina*: barroco, cidade, jornal.

| 66 | Cf. BORDIEUR. *O poder simbólico.*

| 67 | Cf. BORDIEUR. *O poder simbólico.*

| 68 | Causa estranhesa aos africanos o fato de um "deus indiferente" ao homem, ao seus anseios e dores.Um "deus intocável" como o dos católicos. Para as religiões de matrizes africanas, a divindade está em toda parte, inclusive neles mesmos, manifestados pelos Orixás encarnados.

Essas embarcações de cheiros nas feiras fazem parte do todo da teia que compõe o Cariri cearense. O fumo indígena[70] e os bois europeus seguem o negro, abrem os caminhos nas terras de cá. Todos são colaboradores da tessitura da teia cultural que constitui a região Cariri cearense.

Vislumbremos a paisagem e adentrar em suas filigranas Cariri cearense, para levantarmos singularidades que só a ela pertencem e mostrar, ainda, que fervilham vividamente suas as teias culturais. Mas antes há de se aprender a ver o que o progresso esconde entre os emaranhados de casas e prédios novos no triângulo *Crajubar* e como os pontos de força na natureza constituem a singularidade do ambiente Cariri. Para isso, a interiorização do conceito de Orixá é necessária.

A terra deu lugar às construções, e o fio de árvores verdes das paisagens da Chapada do Araripe tornaram-se vidro translúcido para o novo homem do Cariri. O homem não pode esquecer que é também árvore, bicho, fruta que come e barro que pisa, e que a natureza/ambiente/paisagem faz parte dele mesmo.

Somos todos peixes. Deste o útero materno, até fazermos parte, hoje, do mar das multidões em romarias em Juazeiro do Norte, romaria esta que é a própria vida. O estreito fio animal-humano-natureza estabelece relação íntima com a cultura negra. Assim, natureza e suas formas são unívocas, uma coisa só, como a cultura em seu múltiplo de intrínsecos ambientes.

| 69 | Estados brasileiros citados em entrevista em campo por Pai Bira, em janeiro de 2017, sendo estes estados origens de gente de terreiro que residem hoje em Juazeiro do Norte e do qual se tem conhecimento. As religiões de matrizes afircanas e sua origem são tidas no livro ***O reino dos Mestres***, aqui já citado. Deste modo, neste livro, ler-se: "A partir da ideia de compreender o processo de formação da umbanda como resultado direto de mudanças socieconômicas ocorridas na sociedade brasileira a partir da década de 1920, ou seja, período de transição da sociedade agrária, tradicional, para a sociedade moderna, urbana e industrial, encontramos uma tendência de considerar a produção

Luz, complexidade e beleza: Candomblé Cariri

O que o candomblé do Cariri cearense tem que os outros, o da Bahia,[71] como ponto de partida, não tem? Esse foi um dos primeiros questionamentos vigentes feitos no ambiente mais que ensolarado, a cidade de Juazeiro do Norte, aos representantes protagonistas a esta pesquisa.

Quando falamos sobre a origem do candomblé carirense, remetemos às voltas desse para a jurema e umbanda. O rumo dessa história é contado em *O reino dos mestres*, de Luiz Assunção, livro que dará um importante norte para a percepção das presenças indígenas e negras, além de discutir a jurema e suas práticas religiosas e reconhecer sua importância simbólica cultural.

Procurar diferenças foi achar semelhanças. A religião, o candomblé, é comedido de rituais fiéis aos aprendidos, no silêncio, atos observáveis, e na voz dos seus. O candomblé do Cariri tem o Cariri de especial e diferente, porque as vestes, a comida, as festas e cerimônias seguem padrões aprendidos de muito antes à chegada até aqui.

O que foi aprendido nas nações africanas ganha dimensões culturais em formatos e artefatos, fazendo do candomblé uma religião brasileira. Como é de se esperar, procuramos sempre associações comparativas, mas para o candomblé e o culto aos Orixás, o imo do candomblé no Brasil permanece em África.

desses cultos como mecanismos de integração de seus adeptos ao meio urbano. Tendo como referência o candomblé, Bastide (1989) aponta a umbanda como um meio de integração do negro à sociedade, enquanto Camargo (1961), tendo como modelo o kardecismo, pensa a umbanda como um mecanismo de adaptação do migrante rural e de pequenas cidades à vida nos grandes centros urbanos em processo de formação. Esta perspectiva integracionista acreditava que a nova prática religiosa oferecia respostas às dificuldades de uma população carente de construção de novas redes de sociabilidade numa sociedade em rápida transformação" (ASSUNÇÃO. *O reino dos Mestres,* p.105).

O imo africano foi traduzido no Cariri somado à cultura mourisca e indígena principalmente, dando forma ao candomblé de hoje; um candomblé de luz em meio ao sertão. Sem esta tradução,[74] não é possível haver recuperação da memória e sem memória, não há orixá. A memória sagrada se perderia sem a insurreição estrutural que não é apenas negra e índia, mas mestiça. Mestiça de beleza complexa nos processos tradutórios em memória cultural do candomblé caririense.

África é um vasto continente; no Brasil, povos da diáspora trouxeram consigo seus antepassados e divindades que aqui se ressignificaram, se traduzem e permaneceram. Assim, o candomblé do Brasil e do Cariri não são iguais como em África porque aqui eles foram traduzidos culturalmente, mas preservam sua essência fundante dos povos africanos. Os Orixás se ressignificam; são partes de elementos de tradução, memória cultural sagrada, do país e do Cariri, contendo em si elementos africanos e mulçumanos.

Como identificação, os nomes mudam; as casas têm nomes diferentes e nações diferentes. Igual a você, diferente de mim, tem nome diferente do meu, mas mesmo assim é como eu, que tem que comer, vestir, se manifestar, divide a mesma energia vital e cultural. E, assim, diferentes e iguais, o candomblé do Cariri cearense segue, como resistência.

O que foi visto no candomblé caririense foram mais cores nas chitas, que enfeitam as casas, e que estão bem guardadas e limpas, postas em pilhas na casa de Mãe Célia. Lá também vi corujas – Mãe

| 70 | O índio nas expedições para desbravar o interior do Ceará, em que os colonizadores precisavam fugir das grandes secas da capital Fortaleza foi um dos motivos para o "desbravamento" do interior cearense.

| 71 | A Bahia é considerada a terra de origem do candomblé, por ser portuária do povo negro que no Brasil, desembarcava. Renato da Silveira faz um paralelo interessante entre candomblé e futebol, trazendo maior familiaridade com os temas envolvidos: "O candomblé da Bahia é um tema que vem sendo debatido, há tempos, por especialistas ilustres e sobre o qual muitos consideram possuir o conhecimento mais correto. É, de fato, assunto apaixonante e pode-se fazer um paralelo com o futebol no

Célia gosta de corujas –, presentes em uma prateleira na cozinha da casa, junto a outros santos católicos e imagens de Orixás, todos juntos. Mas não é um altar, são simplesmente imagens que estão juntas, porque tem valor sentimental, diz Alice, Mãe Alice, filha biológica de Mãe Célia.

As frutas, as comidas e as oferendas dos Orixás também fazem parte do aprendizado ancestral. Se o caju é bonito, posso dá-lo ao meu Oxossi, diz Edson Martins, Pai Ogam, do terreiro de Mãe Célia. E assim por diante. Os caboclos, os donos da terra, foram agregados tanto no candomblé da Bahia como no do Cariri cearense, porém, os caboclos do sertão são peculiares à adaptação e apropriação da terra predominantemente espinhosa, árida em seu mato branco.

O candomblé do Cariri tem a umbanda como antecessora, o "povo da floresta"[75] em presença, sinônimo de existência e a resistência como arma. De uma terra predominantemente católica, de intensa peregrinação, o candomblé conserva a dureza dos segredos bem mais forte, e os seus terreiros, quase sempre, estão nos quintais de casa. Diante do ambiente conquistado, a presença dos Orixás emerge. O candomblé é a fonte onde buscamos a presença imagética no culto dos Orixás do Cariri cearense, embora os Orixás estejam por toda água e vida da região: fogo, água, ar e terra.

O candomblé chegou ao Cariri pela peregrinação pernambucana e maranhense, através de São Paulo e Rio de Janeiro, influenciados pela Bahia, caminhos entre fronteiras. Adeptos da umbanda e da jurema se tornam também adeptos, por motivos

Brasil, sobre o qual todo mundo se considera *expert*, com direito à opinião mais avalizada" (SILVEIRA. *O candomblé da Barroquinha*, p. 267).

| 72 | Os protagonistas que nos contaram histórias sobre o candomblé no Cariri cearense foram: Pai Bira, Mãe Cicinha de Obá, Edson Martins, Mãe Alice, Mãe Maleozazi e Mãe Maria.

| 73 | O imo é a similitude ritualística presente no candomblé ressignificado no Brasil e em África. Nos dois continentes, por exemplo, têm-se o ritual de iniciação e as oferendas associada à religião dos Orixás. Pierre Verger fez fotografias que aproximava o candomblé da Bahia com o da África, mas sabemos da complexa teia

distintos, feitos nos Orixás do candomblé, sempre partindo destas (jurema e/ou umbanda) para o candomblé. Assim, percebe-se a imersão das religiões e de seus mestres, todas vindas de povos cuja origem é a natureza, e também a inseparável relação do ser humano com o divino.

O autor enquadra a jurema e suas práticas à umbanda, uma vez que a planta jurema é usada em ambas cerimônias (umbanda e jurema). A jurema e catimbó designa nome para a mesma planta usada nos rituais das práticas juremeiras e umbandistas. A jurema é uma planta espinhosa, resistente à seca, por isso dizemos de modo alusivo que os juremeiros e umbandistas partilham da mesma força. Assim, percorremos aqui os caminhos do Nordeste e confirmamos que a umbanda, fortemente incorporada às práticas "indígenas", no Cariri cearense, antecede o candomblé, não o contrário; não foi o candomblé que antecedeu a umbanda. Ao citar Assunção, sabemos que o teiar da história do candomblé precede tendo como referência o candomblé.

Bastide (1989) aponta a umbanda como um meio de integração do negro à sociedade, enquanto Camargo (1961), tendo como modelo o kardecismo, pensa a umbanda como um mecanismo de adaptação do migrante rural e de pequenas cidades à vida nos grandes centros urbanos em processo de formação. Esta perspectiva integracionista acreditava que a nova prática religiosa oferecia respostas às dificuldades de uma população carente na construção de novas redes de sociabilidade numa sociedade em rápida transformação.[76]

estruturante que é o candomblé no Brasil distinto, ressaltamos os culto dos Orixás feito em África.

| 74 | Cf. FERREIRA. ***Armadinhas da memória e outros ensaios.***

| 75 | Nos referimos, conceitualmente, a "povos da floresta", povos que vivem no ambiente natural habitualemente nómades, os kariris, equivocadamente denominados índios. A palavra ***índio*** foi dada a estes povos que tinham nomes próprios em suas tribos. A lógica é que os índios não são índios, mas são povos da floresta e aqui são os Kariris. ***Cariri, cairiri ou quiriri*** é originário do tupi ***kiri'ri***, que significa "silencioso". Informações disponíveis em: pt.wikipedia.org. Acesso em: 10 ago. 2017.

Para adentrar no encanto do candomblé, há de se saber da umbanda: saber da umbanda é saber da jurema e, por conseguinte, saber da jurema é saber dos kariris. Uma teia que começa a entrelaçar e dar forma às peculiaridades do candomblé dos Orixás no Cariri. Teia esta luminosamente extraordinária em complexidade.

| 76 | ASSUNÇÃO. *O reino dos mestres*, p. 105.

Poetizar, mas não ser menos real, é dizer que sempre esteve presente na região, antes de negros e brancos, o místico e as práticas religiosas dos povos kariris. Com o passar do tempo e das diferentes formas de civilizações que caminharam até aqui, o habitar no ambiente conquistado ganha dimensões simbólicas e espirituais. A presença do povo no espaço-tempo segue o curso da memória, do habitar no outro, da imersão cultural como resistência.

Procurar os Orixás é sentir que eles estão manifestados na natureza da floresta do Araripe, nas fontes de águas de Barbalha e nas nascentes do Crato. Percebê-los é entender a comunhão dos povos negros com os povos da floresta no Cariri. Ouvir sobre os Orixás é escutar também histórias de pessoas que vieram para o Juazeiro do Norte em busca de melhores condições de vida, trazidas pela pregação próspera do Padre Cícero. Ouvir sobre os Orixás é ver os kariris e os negros na fisionomia de quem conta histórias de luta, muita luta e muita luz também, de muito calor. No Cariri há tanto sol; mil sois.

A tristeza deu lugar à alegria. Os Orixás, seres divinizados africanos, foram trazidos nas práticas e memórias genéticas dos negros que cruzaram o além-mar. Da captura e de toda a triste história do

povo negro escravizado, os Orixás, sem dúvidas, são a força e a forma de resistência desse povo. O culto aos Orixás, na região do Cariri cearense, encontrou formas de se perpetuar, estando presente também nos altares indígenas: está presente na Iemanjá de cabelos compridos, passeando nas águas, a dividir lugar nas lojas do centro do Juazeiro do Norte com o famoso Padre Cícero de olhos azuis.

Podemos apropriar, enfim, as palavras: ***presença*** e ***pertença***; dos ancestrais divinizados africanos no interior cearense, o Cariri. Podemos ainda afirmar que os negros e os kariris uniram-se, indissoluvelmente, em suas culturas.

Nos preparamos, em um respirar profundo, para falar da poética do híbrido. Como as abelhas híbridas, africanas e brasileiras, que se uniram na terra desses mares, somaram a genética e se tornaram abelhas distintas. As abelhas carregam a poética de resistência, já que, além do mel que produzem como alimento, elas, longe de mais abelhas, só morrem em última instância. Com o ferrão, arma natural, só o usam quando realmente se sentem ameaçadas e quando precisam defender a colméia.

É comum falar, quando encontramos culturas religiosas negras e européias nas terras brasileiras, sobre sincretismo[77] religioso. Resolvemos optar pelo inspirador termo híbrido, sabendo que o mesmo sincretismo subjetiva raízes históricas. Essas raízes que a história construiu, em suas escritas, hão de ganhar novo ar, integrando os povos e culturas que ficaram à margem dela e que é tão indispensável.

| 77 | Segundo Ferretti, o sincretismo é usado com significado subjetivo, incluindo avaliação de mistura. Em vista disso, muitos teóricos propõem abolir o conceito. Ferretti cita Droogers, lembrando que a palavra sofreu mudanças de significado ao longo do tempo. O sincretismo se distingue, então, em definição objetiva e subjetiva com raízes históricas. No seu sentido etimológico, significa "junção de forças opostas em face do inimigo comum". Adentrando na história, no sécúlo XVIII, o sincretismo ganhou pela negatividade, referindo-se à reconciliação ilegítima de pontos de vista teológicos opostos, ou heresia contra a verdadeira religião.

No candomblé é preciso que se mereça receber um conhecimento e é preciso também que você guarde o segredo e faça dele bom proveito para si e para os demais. O segredo está no respeito às imagens fotografadas mostradas ou não, permanecendo na autorização de se falar ou não da vivência nos terreiros percorridos. A família do terreiro lhe foi presenteada; a comunidade de terreiro, não é precisamente uma família sanguínea.

Ponderar alimento é falar de vida, água, compartilhar espaços e terra. O alimento também faz parte da simbologia dos Orixás. A comida, para as comunidades de candomblé, faz parte do ato da partilha, do dar para depois receber. Alimento também simbólico, em que se vibram as energias das frutas, farinha e mel escolhidos com apreço para reverenciar o Orixá.[78] Da água representada por Oxum e Iemanjá, Orixá é vida, sustento da alma como a cultura que é vida, planta trepadeira.[79]

Em vista dessa singularidade, a estrutura cultural em multiplicidade é mais do que os olhos podem ver, ou estão acostumados a ver. Há de se quebrar paradigmas, estereótipos, pré-julgamentos formados para contemplar o horizonte verdadeiro: "Deste fundamento decorrem certas quase-estruturas arbusculares (que se movem por sintaxe colateral com o alheio externo) inexplicáveis pelas categorias conceituais de identidade, oposição ou síntese, posto que as ramificações proliferantes do miúdo incluso que varia, esse devir-outro-mirim, em marchetaria cromática, sonora ou gráfica, no

| 78 | Os africanos não acreditam em um deus que não se importe com os seus; um deus que esteja tão distante de nós não pode ver nossas a ngústias nem ouvir nossos pedidos. Os negros resistiram, desempenharam técnicas de agricultura e não abriram mão da memória cultural que faziam parte. Buscaram, sem desistir, uma esperança nos Orixás. Sabemos que o kariri não vinha dessa cultura agrícola; eles tiravam a parte fundante para viver da natureza: alimentação e subsistência.

| 79 | Título do capítulo I do livro *América Latina*: barroco, cidade, jornal, de Amálio Pinheiro.

reino dos objetos, não se deixa entender pelo ideário dos sujeitos localizados política, social e economicamente nem pelo sobrevoo das teorias panorâmicas ou generalizadas".[80]

O ambiente é composto de natureza e cultura; inseparavelmente. Na composição cultural "nunca podemos separar, a não ser nas narrativas político-ideológicas e linear-identitárias, aquelas que os sujeitos elaboraram para fora e acima do mundo dos objetos e de seus microprocessos, o que é a ***nossa*** cultura e a cultura do outro".[81]

Quão bonito mosaico, palavra que nos dá a chave das portas que precisam serem abertas para compreender a cultura caririense; o candomblé e todos os Orixás África/Brasil. A África[82] não deixa em paz o negro de qualquer lugar que seja; a África interpenetra as camadas superpostas e as novas memórias culturais, interpenetra a dança, os modos de vida, a cultura popular, os lugares: os mosaicos transformam o que antes eram cortes, pedaços qualquer, na beleza de uma nova estrutura, neste caso, a estrutura cultural caririense.

A religião não é uma manifestação. A verdadeira poética pousa na "superabundância do alheio" e que não é dependente somente da ação do vivente, mas também da natureza e cultura (homem, natureza e espaço). A relação fundante está para a correlação do sujeito/ambiente, um ciclo firmado no processo de estar vivo.

| 80 | PINHEIRO. *América Latina:* barroco, cidade, jornal, p. 15.

| 81 | PINHEIRO. *América Latina:* barroco, cidade, jornal, p. 16.

| 82 | Sendo a África um continente de mais de 54 países, possuidora de umas das maiores extensões territoriais e uma das regiões mais antigas do mundo, sabemos ainda pouco a respeito dela. Todavia, não podemos deixar de ressaltar o número exorbitante do povo negro que veio, em um dos maiores genocídio da história, perpetuar a África no Brasil. Sem África, não há Orixá.

É custoso permear verdadeiramente nos territórios dos terreiros daqui. Não podemos, pela violência própria, comparar com a Bahia, em que tal liberdade de ser negro e do Orixá é distinta. Há mosaicos tão bonitos e olhos tão duvidosos em vista pra estes dançantes que o candomblé no Cariri cearense é uma religião predominantemente noturna. Além de noturna, silenciosa e tão quanto silenciosa, abundante.

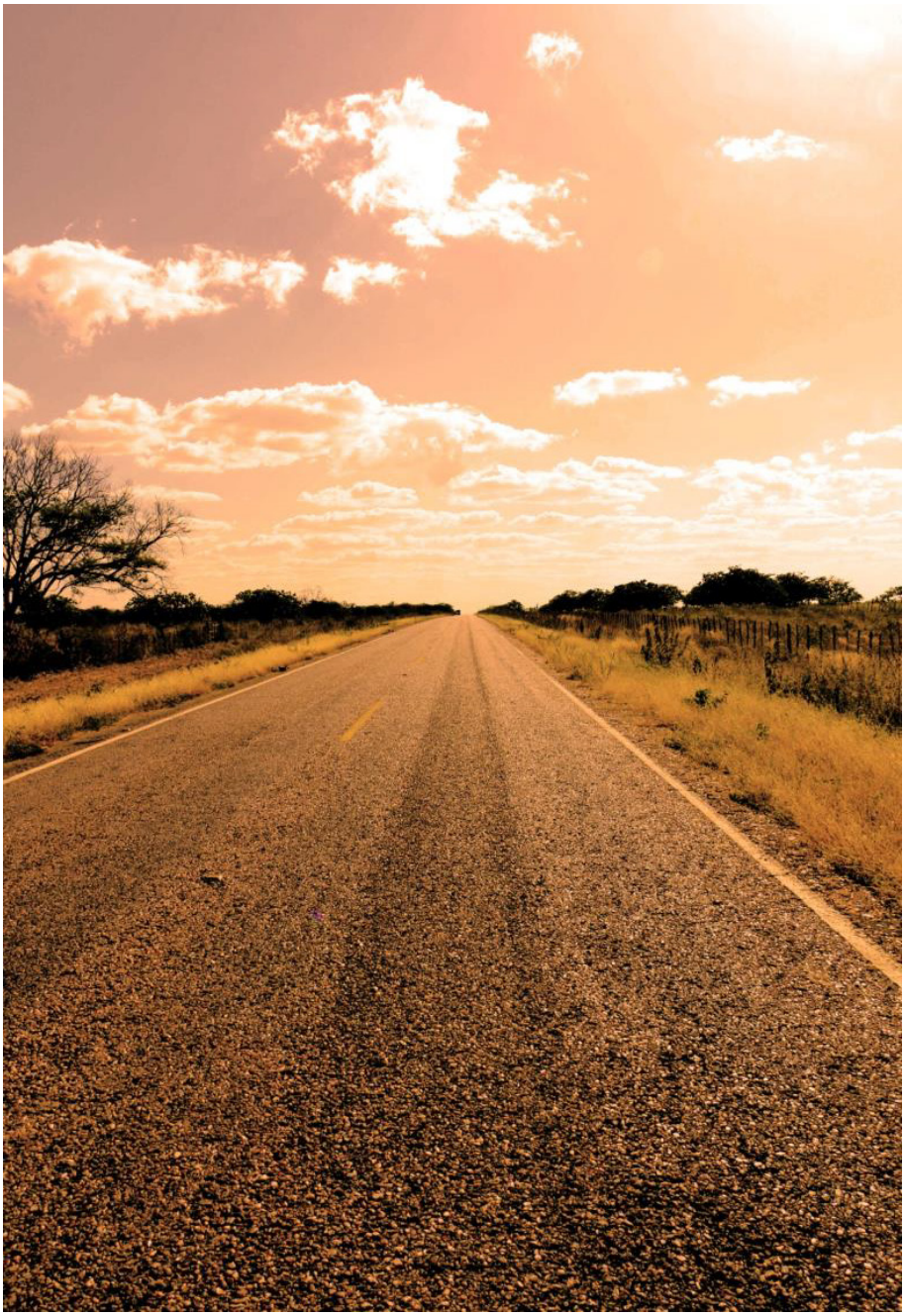
O silêncio, camada sobreposta ao segredo, oriunda do convívio em comunidade. Como o amor, o segredo tem que ser guardado e merecido. O segredo é para os escolhidos. No segredo, mora o respeito com as imagens fotográficas contidas. Estas são imagens do silêncio tratadas com respeito e pedido. Permissão para entrar; superstição peremptória.

Em luz e calor, o candomblé do Cariri se ressignificou, junto com as peregrinações constantes somadas às temporalidades de passado e futuro entrelaçados. Sertão é travessia. Cariri sertanejo, um longe tão perto[83] de memória ensolarada de nós.

| 83 | Cf. FERREIRA. Um longe perto: os segredos do sertão da terra.

Fotografias da memória

Fotografia 1 – Estrada: volta do litoral Majorlândia



Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 2 – Caatinga: esteriótipos

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

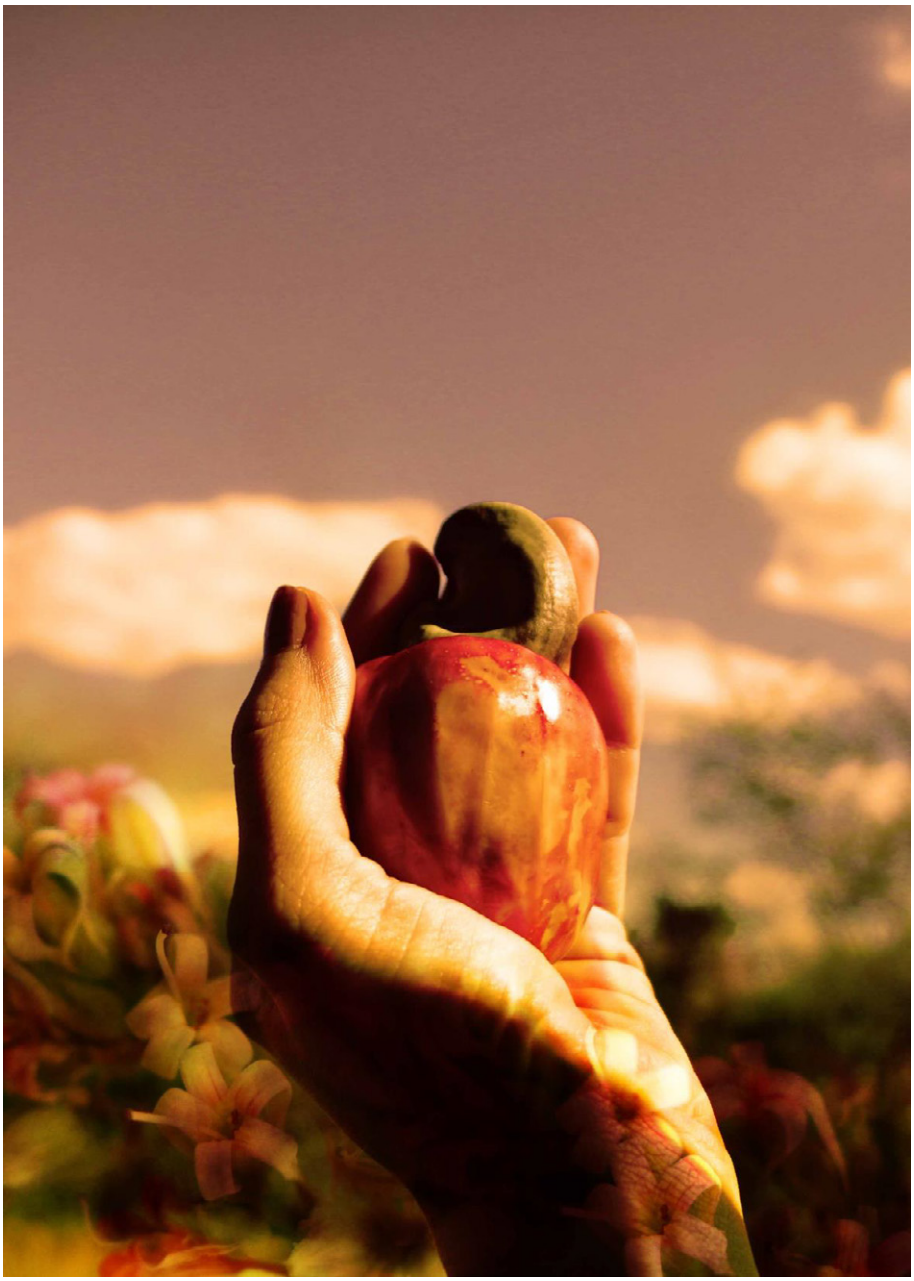
Fotografia 3 – Vastidão de caminhos: das montanhas para o mar

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 4 – Palmeiras na estrada para o litoral

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 5 – O caju



Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 6 – Cajueiros da memória

Fotografia 7 – Cajueiro de estrada

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 8 – Todo altar tem desejo de mar

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 9 – Aquele que viu o norte

Fonte: Arquivo pessoal. Fev. 2017. Vista da cidade de Juazeiro do Norte do condomínio fechado cidade dos Kariris, próximo à Barbalha. Vale dizer que esta área domiciliar é retrato de um crescimento rentável da região, já que o mesmo tem suas particularidades em que são atribuídos a ele objetos de sonhos.

Fotografia 10 – Padre Cícero no horto encruzilhadas

Fonte: Arquivo pessoal. Fev. 2017.

Fotografia 11 – Laroiê, Exu! Festa das Candeia e assentamento de Orixá

Fonte: Arquivo pessoal. Fev. 2017.

Fotografia 12 – Toda flor amarela é de Oxum

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 13 – Queda de Oxum em Crato

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 14 – Oxum na cozinha de Mãe Célia: sobreposição cachoeira de Missão Velha

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

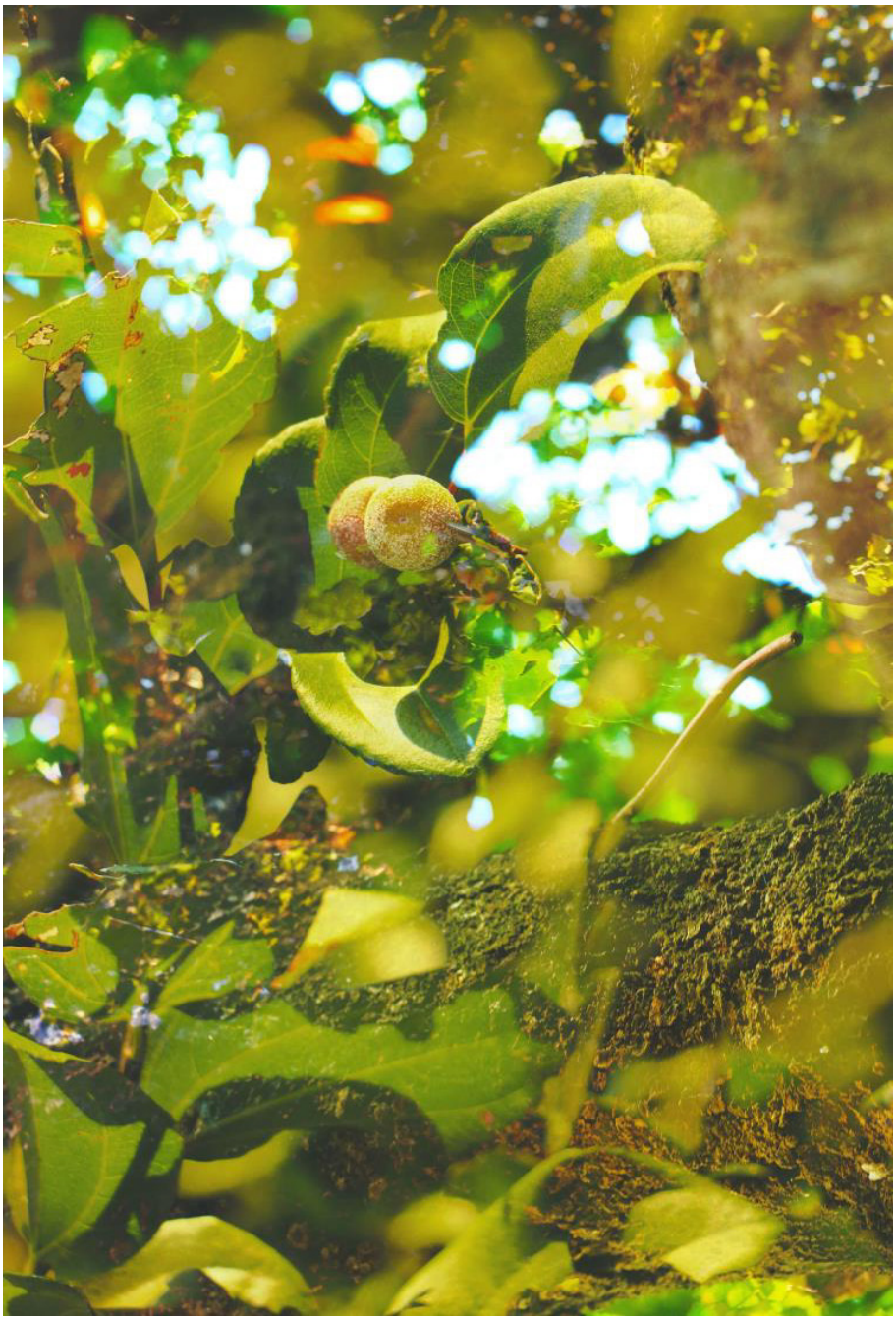
Fotografia 15 – Queda de Oxum em Crato

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 16 – Nanã de estrada e céu.

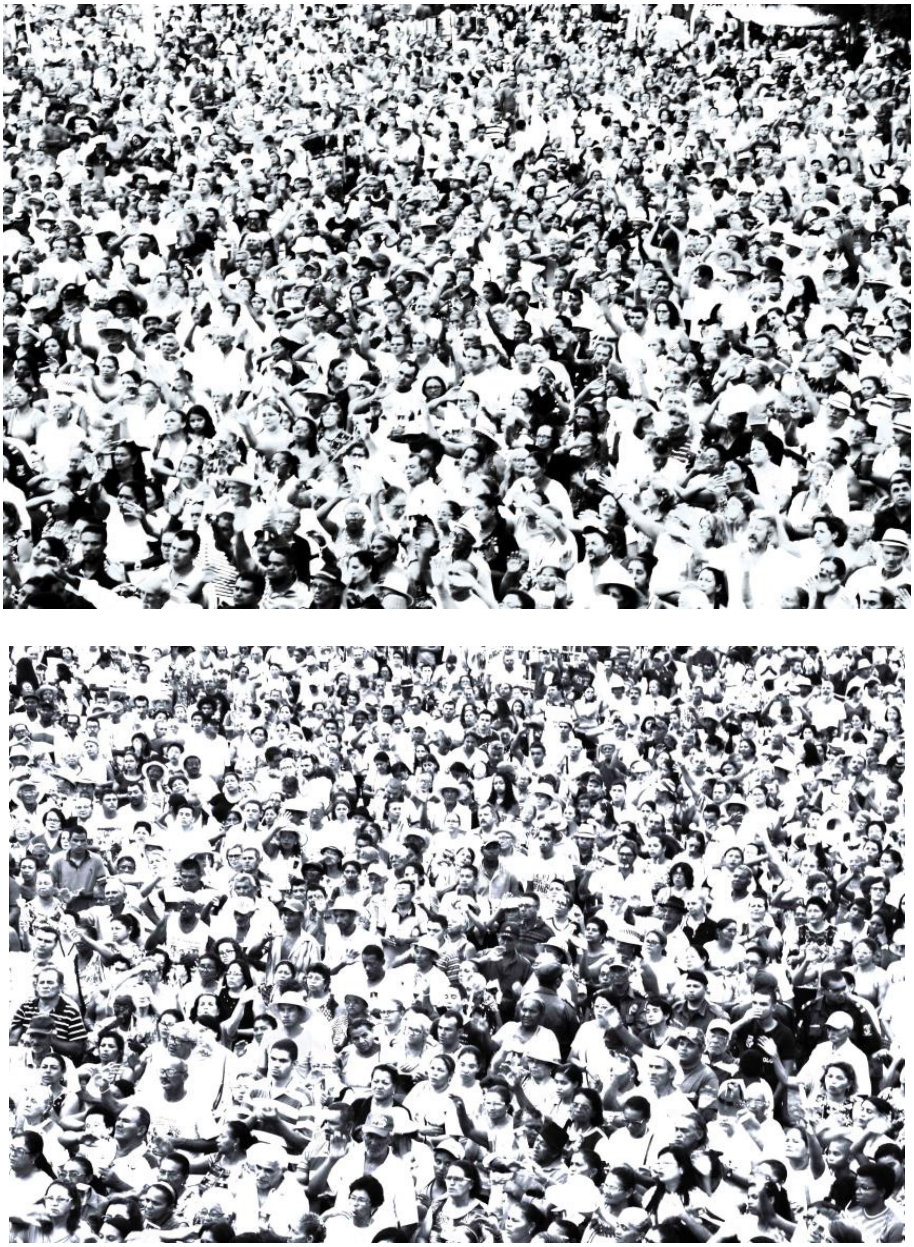
Fonte: Arquivo pessoal. Maio 2018.

Fotografia 17 – Iroko memória em fruto, copa e caule



Fonte: Arquivo pessoal. Sítio Dantas, Mauriti. Out. 2017.

Fotografia 18 – Iemanjá: romaria de Nossa Senhora das Candeias



Fonte: Arquivo pessoal. Fev. 2017.

Fotografia 19 – Obaluaê: cemitério de Juazeiro do Norte: representação de Obaluaê, aquele que mora nos cemitérios

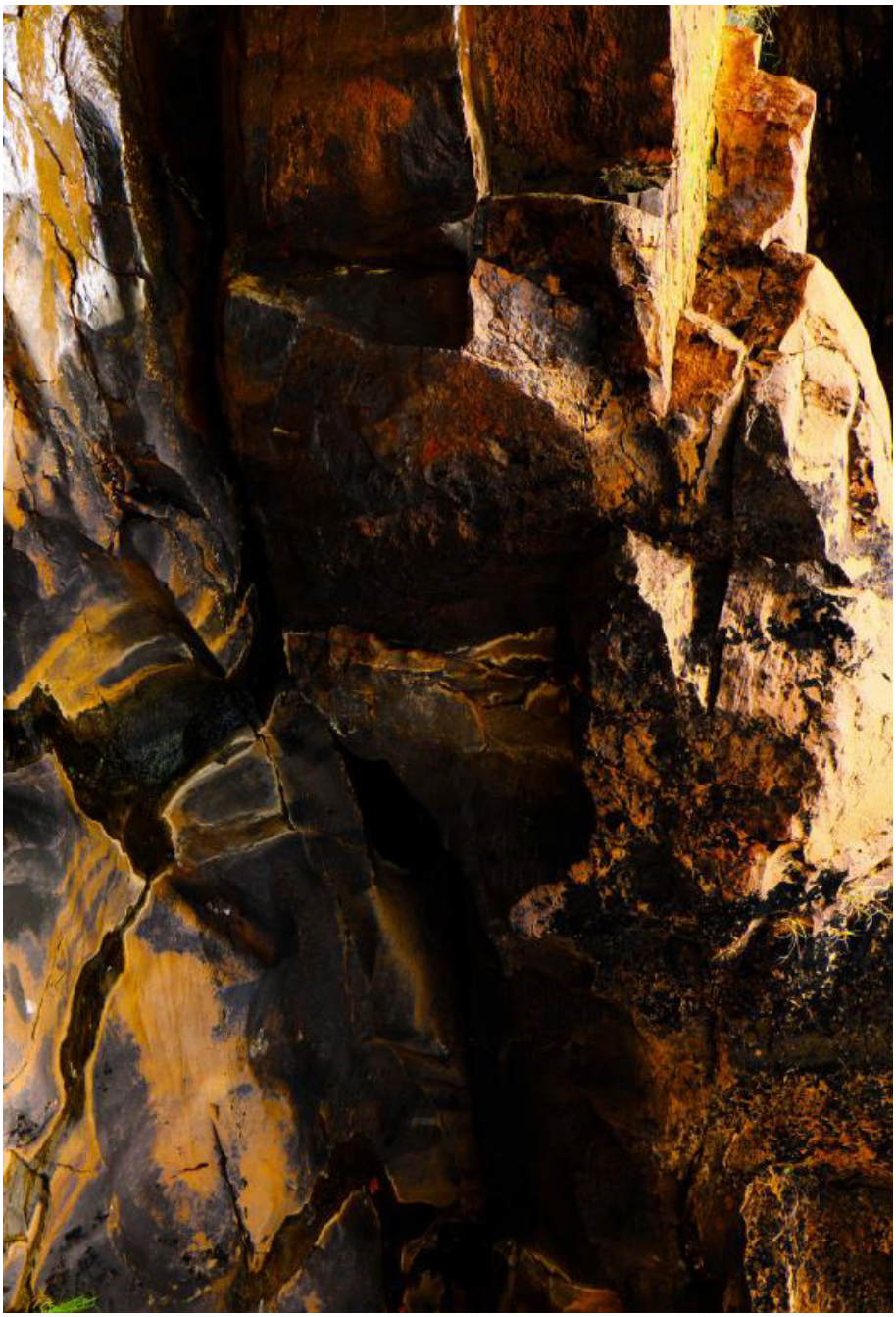
Fonte: Arquivo pessoal. Fev. 2017.

Fotografia 20 – Obaluaê: cemitério de Canoa quebrada

Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

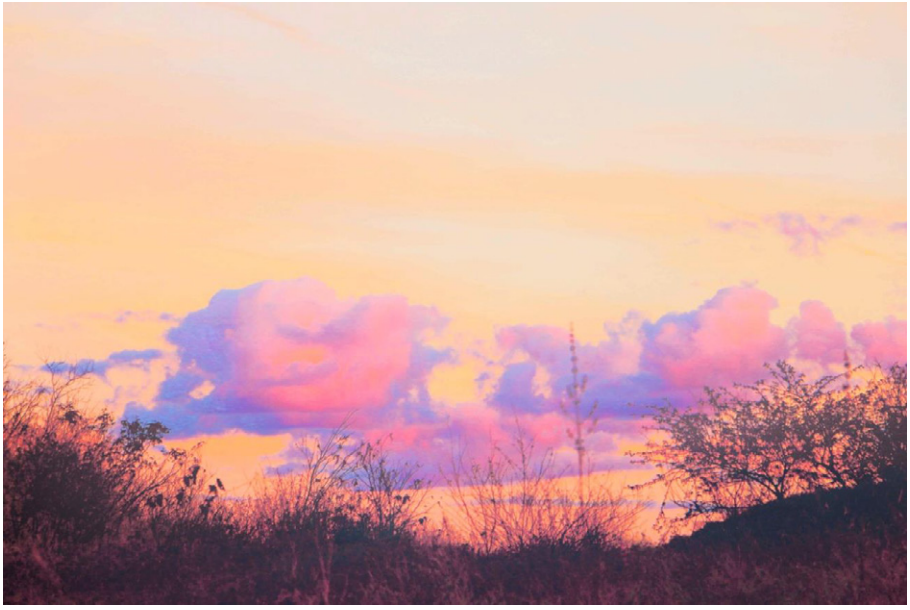
Fotografia 21 – Longum Edé: fonte de água termal na cidade de Barbalha

Fotografia 22 – Xangô de pedra: cachoeira de Missão Velha



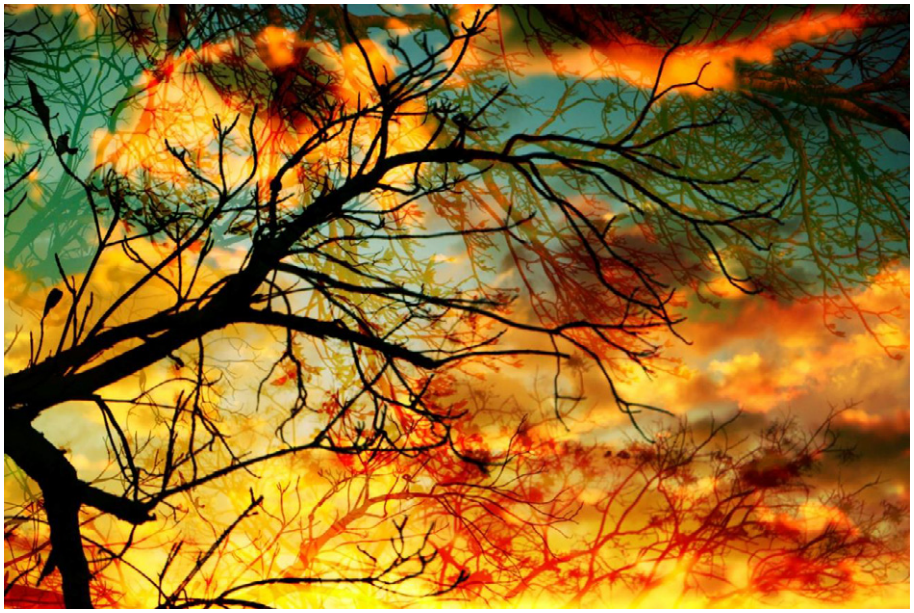
Fonte: Arquivo pessoal: Jun. 2017.

Fotografia 23 – Ewá é rosa: céu em pôr do sol, estrada que segue o mar



Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

Fotografia 24 – Oxalá em sete tardes



Fonte: Arquivo pessoal. Ago. 2017.

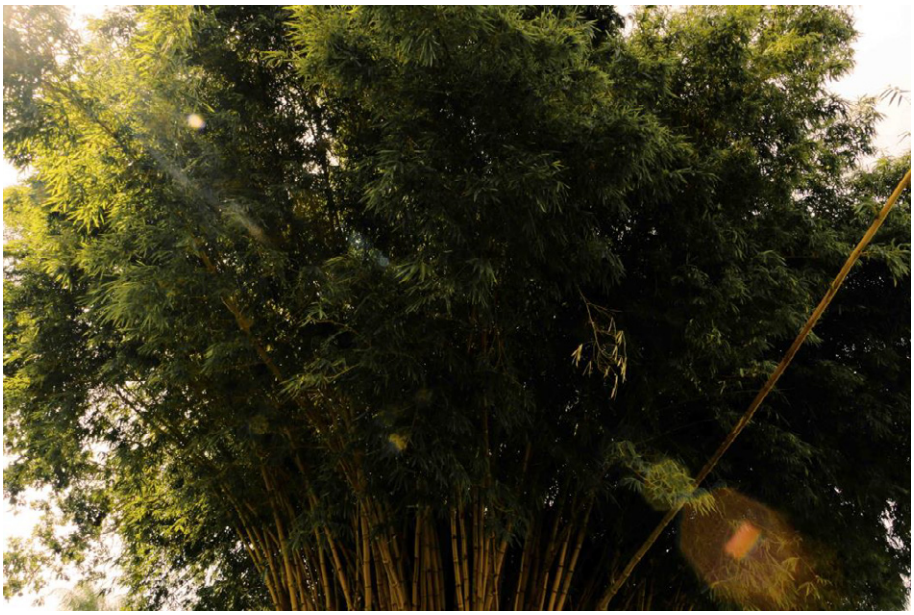
Fotografia 25 – Ossaim é verde folha: Chapada do Araripe, cidade de Barbalha

Fonte: Arquivo pessoal. Jun. 2017.

Fotografia 26 – Oxóssi vastidão: Chapada do Araripe vista de Barbalha

Fonte: Arquivo pessoal. Jun. 2017.

Fotografia 27 – Iansã de subida: bambu em meio à chapada do Araripe, Crato



Fonte: Arquivo pessoal. setembro. 2017.

Fotografia 28 – Iansã de força

Fonte: Arquivo pessoal. Setembro. 2017.

Fotografias do silêncio

Fotografia 29 – Os corações e o amor de Obá

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

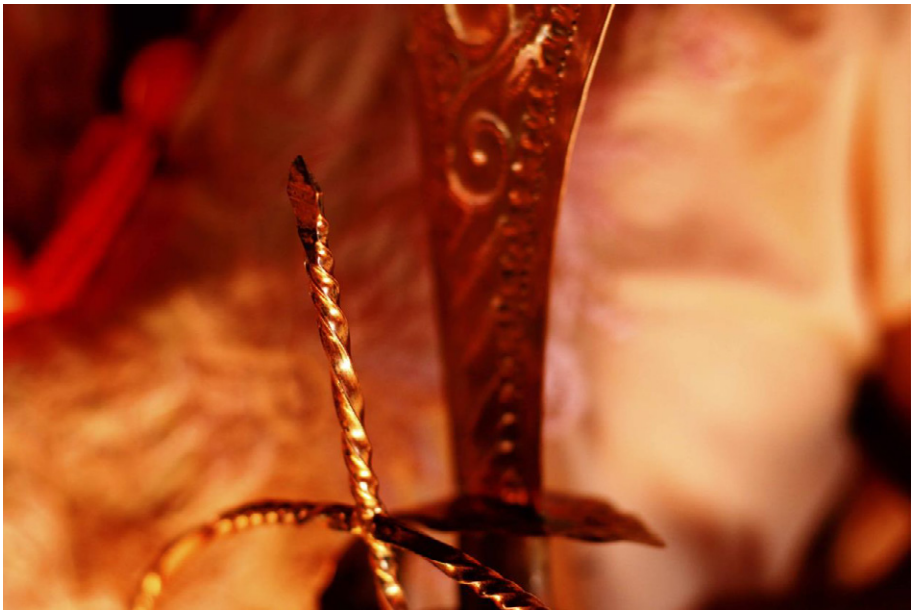
Fotografia 30 – Meio de Obá

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 31 – Oxé no adjá

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 32 – O ofá e o ofange



Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 33 – Detalhe sonoro do adjá de Mãe Ciça

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017

Fotografia 34 – Detalhe das guias de Mãe Ciça

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 35 – Fitas na guia de Mãe Ciça

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 36 – Mãos de Obá

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

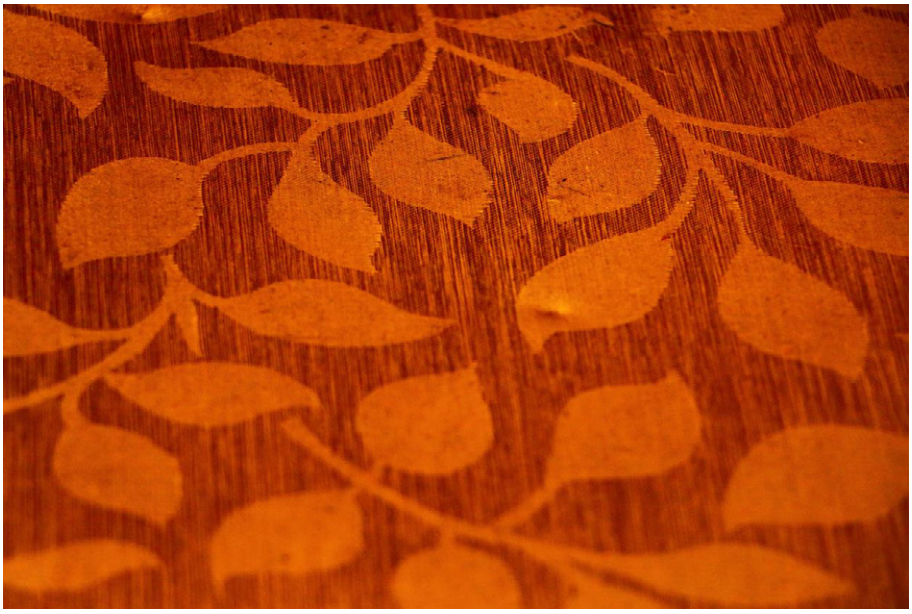
Fotografa 37 – Atabaque Rumpí

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografa 38 – Atabaque Rumpí

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografa 39 – Atabaque Rumpí



Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

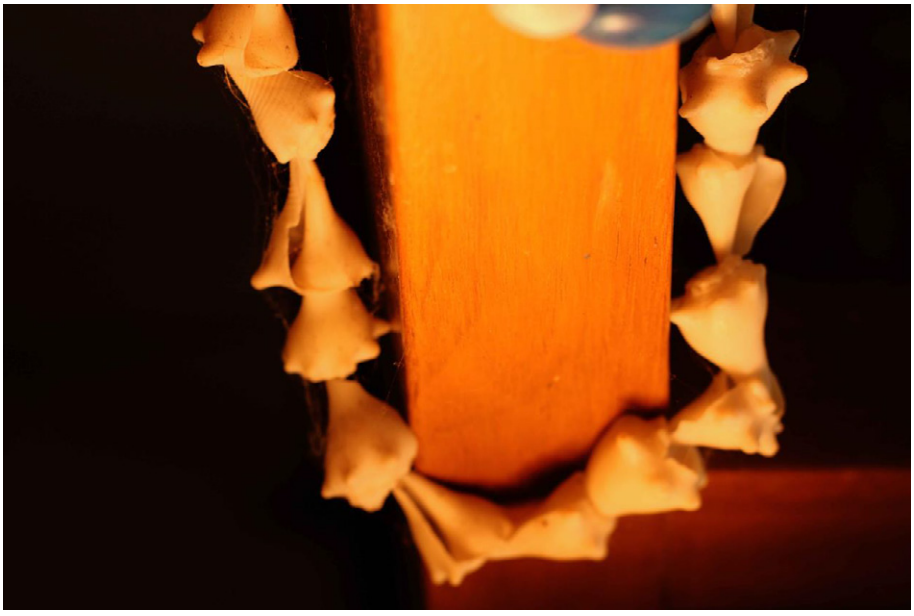
Fotografa 40 – Pingente no colar de Mãe Alice pendurado na cadeira

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 41 – Pingente do colar de Mãe Alice pendurado no pescoço

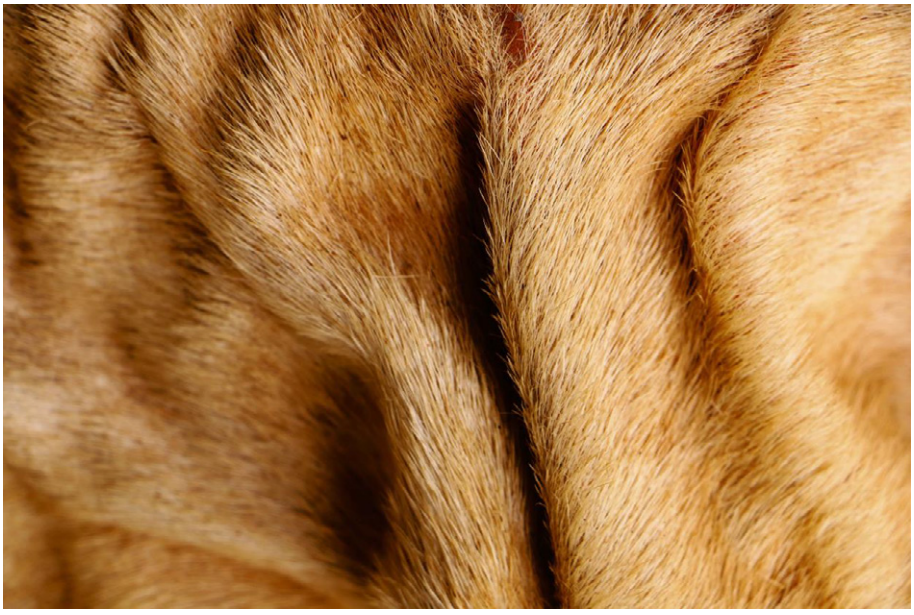
Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 42 – Minudência de esperar



Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 43 – Atabaque Lê



Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 44 – Panos em dourado e branco para roupas de Oxum

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 45 – Mãos de Oxum

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 46 – Coroa de Xangô

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 47 – Coroa de Xangô

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 48 – Bracelete de Xangô vestido por Mãe Maleozazi

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

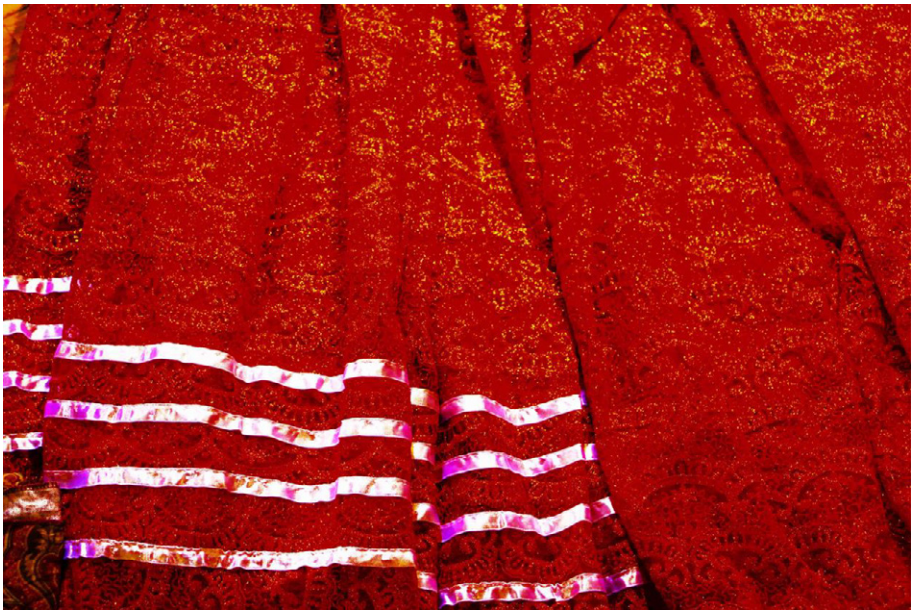
Fotografia 49 – Mãos de Xangô

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 50 – Dois oxé de Xangô

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 51 – Pano da saia de umas das vestes de Xangô: tiras brancas



Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

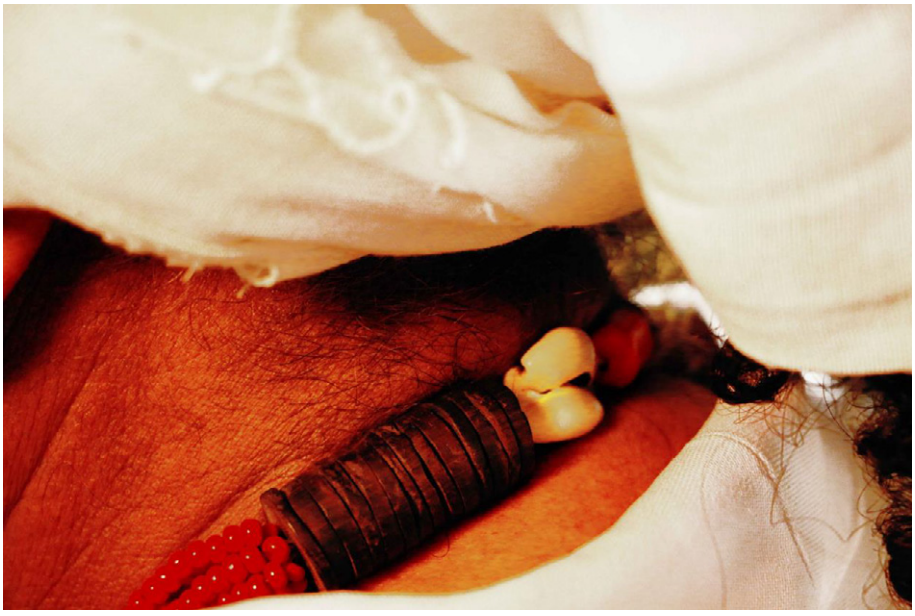
Fotografia 52 – Pano vermelho de uma das vestimentas de Xangô

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 53 – Miçangas vermelha e branca nas guias de Xangô

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 54 – Búzio na guia de Mãe Maleozazi



Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 55 – Atabaque Rum

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Fotografia 56 – Atabaque Rum

Fonte: Arquivo pessoal. Out. 2017.

Lembrar e esquecer: a memória e seus tesouros

[...] todas as aves ou pássaros, todos os peixes dos rios e do mar serão trazidos como exibição de saber.

Jerusa Pires Ferreira

Minha própria voz importa aqui, e o sentimento que tenho dela; importa o que posso dizer dessa outra voz, perdida.

Paul Zumthor

Ante mí está un cuerpo que me habla, representado por la voz que de él emana.

Paul Zumthor

Imagem da memória "preferia uma espécie de natureza eterna, uma terra em que se vê o que há por baixo";[84] um modo eterno, em que a memória não se perdesse, violentamente. Assim caminhamos nestes percursos: de olhar o que se há em volta até por baixo da terra em que se pisa, descobrindo novos modos de perceber a memória negra e índia tão pouco difundida e importante na estrutura cultural.

Avistamos novo significado ao mato branco da caatinga e vimos beleza nele, vimos a cor de Oxalá na etimologia do alvo que nomeia, e não o estereótipo da seca, da falta. Cor branca ressignificada pela presença do negro que trouxe os Orixás encarnados até as bandas de cá.

| 84 | FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 29.

Nestas artimanhas de lembrar e esquecer, o passado atordoa-se como se estivesse presente, nos afirmando ainda a violência comum das negações culturais negras e índias. A resistência há de ganhar novas proporções, quando soubermos aprender a ver o bonito que o outro nos trouxe de tão distante e de tão íntimo.

A violência abre desastres no ar respirado agora, "depois do desastre, há toda uma evocação mítica do passado, uma captura intensificada pelo desejo de trazê-lo ao presente como lastro, conforto ou mesmo garantia de vida. Fragmentos de vivências ganham corpo e se transformam antes de tudo coerente e persistentemente".[85] As memórias quase como etnografias se fazem passado/presente em cada célula e se projetam continuamente.

O que se esquece, se morre. Este sim é o terror da memória na sua armadinha de deslembrar. A presença dos negros e índios[86] e suas conquistas resistentes e reminiscentes nos livram, pouco a pouco, do medo, da morte e de ser esquecidos. Quando falamos de cultura em tempo e espaço, falamos da relação das linguagens e dos afetos e a problemática contida neles. A cultura não é acumuladora, a cultura não é um depósito de informações: é um mecanismo organizado, de modo extremamente complexo, que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis.[87] Codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as para um outro sistema de signos.[88]

| 85 | FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 30.

| 86 | A violência e sua escrita; a história dos índios brasileiros, segundo o autor Pierre Clastres, é inacabada. Devido ao genocídio indígena, as tribos pesquisadas mais abundantemente depois de 1980, estavam "incompletas". Podemos falar da mesma incompletude referente aos negros e índios do Cariri cearense, os quais aparecem pouco em documentos e registros. Pierre Clastres vêm nos pôr à vista que as sociedades ditas primitivas são as chamadas sociedades da floresta, os povos da floresta. A partir do seu estudo com os índios, em que se assemelham, no seu *Sistema totalizante de vida*, com a cultura dos negros, se faz uma

A cultura é, sim, um feixe de linguagens, de sistemas semióticos, que tomaram forma na história e que com ela e a partir dela, tomaram e tomam novos feitios hierárquicos e simbióticos, apresentados por sistemas autônomos.[89] O que se perpetua está presente na memória, e a linguagem permanece sendo chamada cultura.

A tradução de determinados setores da linguagem transformadas em textos (visuais e orais) codificam, de alguma forma, em uma informação. Introduzir a informação da memória coletiva é fundamental. Em uma crescente, este pensamento nos mostra que cultura é conhecimento, compilados, traduzidos da memória. E *"somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória"*.[90]

Mas há um porém nas afirmações ditas: é necessário saber que qualquer que seja o texto cultural, ele pode ser examinado tanto em sua unicidade como em um conjunto de códigos recentes.[91] Recentes quer dizer presentes, e a presença permanece no modo de vida mudável. A essência em ser presente conduz a cultura contra a maré de esquecer.

A memória do conhecimento sempre está contra o esquecimento. Os que barram esta memória entram em questão, e os elementos favoráveis à lembrança também são questionáveis. Os elementos da lembrança podem ser tanto bloqueadores quanto propiciadores da memória, a traçar estratégias de lembrar ou deslembrar.

gritante particularidade cultural. Em relação à cultura, Clastres nos diz que "em todas as demais regiões, se a agricultura é possível do ponto da tecnologia indígena (utilização do fogo, do machado de pedra, do bastão de cavocar), ela existe, e isto há milhares de anos, como nos mostram as descobertas dos arqueólogos e dos etnobotânicos (CLASTRES. *Arqueologia da violência*, p. 64). Comparar, inferiorizar, pôr no centro qualquer cultura que seja é um ato de violência. As particularidades culturais de "cada etnia possui e cultiva sua personalidade particular, que vai desde as bases materiais até tudo aquilo que diz respeito à honra" (CLASTRES. *Arqueologia da violência*. p. 66). E há quem diga que os povos não

A cultura é uma forma de fazer durar a própria existência, incluindo seu modo de vida, peculiar a cada comunidade. A cultura está para se perpetuar a própria memória, pessoal e coletiva. Quando nos pusermos diante dos textos culturais, temos que saber que eles não tratam da realidade, mas versam, sim, dos materiais que reconstroem a cultura no contínuo dos que vão e vêm, dos que ouvem e dos que falam.

A cultura em seu simbolismo tátil e sensorial é resistente às formas violentas de sobrepô-las. Assim, "instiga-nos ainda uma vez, quando nos lembra que a história intelectual da humanidade (e acrescentaria, a criação) se pode considerar ***uma luta pela memória***".[92]

A memória coletiva é existência e resistência, portanto, a cultura é ***memória longeva de uma comunidade***,[93] que considera a mudança e leva em conta o modo presente. O conhecimento e sua distribuição vai aumentando enquanto aquilo que é memorável, e o valor em hierarquia, precisa ser guardado como tesouro registrado pela memória. O mundo dos objetos se transforma em mundo dos signos.

Pela ontologia fundada nesta transformação, a imagem que reflete uma "coisa" é recordada em "associações práticas" – contexto e espaço. O sistema de textos é como a tradição que preserva a memória da cultura dada, mostrando que as gerações postas em novas significações é a tarefa mais importante dos textos que compõe um sistema cultural – juízo que atenta e seduz.

tinham religião, porém "viajantes, missionários ou etnólogos notaram constantemente – alegrando-se ou deplorando – a forte ligação dos povos primitivos com seus costumes e tradições, isto é, sua profunda religiosidade" (CLASTRES. ***Arqueologia da violência***, p. 68). O que eram chamados de ateus e ausentes de religião, os índios sul-americanos, na verdade "são, no entanto, povos de uma extrema religiosidade. Isto porque, antes de ser individual e privada, ela é social e coletiva, na medida em que, antes de mais nada, diz respeito às relações da sociedade como mundo dos vivos com este Outro que, para ela, é o mundo dos seus mortos (CLASTRES. Arqueologia da violência, p. 70). É por isso que não podemos nos limitar e dizer

As fases anteriores, estabelecidas pelas rotas coloniais, se reúnem e criam novamente a importante tarefa de avaliar os fenômenos das falhas da memória. Mas a cultura negroíndia resistiram e resistem, e este, sim, é o fato mais importante e que há de pôr em voga. Sempre passado e sempre presente, a memória genética, por onde explode a voz, nos faz presentes no espaço/tempo do Sertão do Cariri. Esta presença e beleza só foi possível porque existem Orixás. Assim sendo, é admirável saber que o oral e o escrito são alternâncias tão vertiginosas que vão gerando uma continuidade que faz índios e negros sujeitos essenciais.

Cabe ainda lembrar a formulação de Paul Zumthor em que "uma maneira de oralidade percebe a escritura ou é por ela intencionalmente preparada, levando em conta um desenvolvimento performático".[94] A performance nos liga no que se vê, complementa o oral, patrimônio dos sentidos e, finalmente, do conhecimento. Os Orixás que dançam são imagens em performance do que vem a ser memória.

Somos resultado de um arranjo de memórias, de trechos imaginativos dos Outros, de todos que permaneceram. Somos a concentração e síntese, um amplo intertexto cultural que se condensa e permanece em movimento dentro do espaço social. Seguimos a criar novos textos, vendo nascer novas inscrições, que não distante, formarão ecos em resposta onipresente, entoando a presença dos Orixás com toda força emanada.

que o candomblé, especificamente, no Cariri cearense, seja somente fomentada como religião. Outrora, há de pensar que está para um *Sistema Totalizante de Vida*, estabelecida comunidade, em que não há separação do homem com a natureza e nem do homem com os seus.

| 87 | LOTMAN; USPÊNSKI apud FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p.76

| 88 | LOTMAN; USPÊNSKI apud FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p.73.

| 89 | Conceito de Lotman em FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 74.

O caminho é trilha aberta, encruzilhadas em laços e traços, espaços sagrados, signos. Interrogações, afirmações se fazem presentes no decorrer destas linhas em memórias relatadas, imagens e vozes compartilhadas. Na ciência da linguagem, os signos, condizem com as imagens da memória e as imagens do silêncio, séries, conjunto sígnico, sem fronteiras definidas, somados a comida, vestes, danças, artefatos, enfim, o que se pode tocar e ver a que a imagem do terreiro e o culto dos Orixás aludem. É assim que a memória dos Orixás se organiza, com a concepção de séries que se ampliam e se relacionam, se ressignificam.

Memória, corpo, diáspora e encruzilhadas são palavras que nos amoldamos em conjunto com o curso do rio de informações compartilhadas no lugar Cariri cearense intimado. "A memória é o mais precioso dos bens, é o eixo, é a vida". "A memória é o suporte da humanidade que precisa ser falada".[95]

A memória encruzilhada[96] mostra que este entrelaçar de caminhos "nos oferece a cultura como grandes fatos e feitos, esperados e não esperados", de uma história que não seja uma história oficial, mas uma história peregrina. E com a memória,[97] oralidade em conjunto, que a performance da existência se apropria do corpo, sendo físico-vocais, gestuais, visuais. Por meio da diáspora, a religião de matriz africana, o candomblé, ocupa um lugar de destaque, um locus epistemológico em que o simbólico se realimenta em memória coletiva vibrante.

| 90 | LOTMAN, apud PIRES FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 75.

| 91 | FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios,* p. 79.

| 92 | FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 78.

| 93 | LOTMAN apud FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 80.

| 94 | FERREIA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 146.

| 95 | Relatos da professora Jerusa Pires Ferreira, durante a disciplina Semiótica da Cultura, na PUC-SP, no segundo semestre de 2016.

| 96 | Cf. LOTMAN. *La Semiosfera II*.

| 97 | FERREIRA; BERNARDINI. Mitopoéticas: da Rússia às Américas.

"O colonizador é um extrativista", e a colonização europeia foi o colonialismo mais feroz do mundo. A história agora é proferida na mídia em tempo de vertigem e o pensamento mítico é a grande matriz da presença dos signos negroíndios. Não é o tempo, é a temporalidade que se vive. "Se a encruzilhada nos remete ao cruzamento de caminhos, o faz também quanto às escolhas, os impasses, os dilemas".[98]

Cruzar caminhos é o destino do mosaico cultural e é também imposição e impasse na construção de escolhas.[99] A memória encontra-se no desígnio, no jogo de lembrar e esquecer. O pensamento, em vez de nos oferecer grandes ações guerreiras, "nos oferece a cultura como grandes fatos e feitos, esperados e não esperados",[100] nos oferece a multiplicidade. Nos oferece também os processos de tradução pelos quais somamos diferenças, teias entrelaçadas, belos mosaicos culturais.

A cultura consiste em armazenamento e processamento constante de informações. Tais informações e fluxos estão inseridos no conceito de memória. Memó ria também é esquecimento. A estrutura comunicacional de automodelação cultural se dá através de explosões, processos de trocas de informação. Memória: mecanismos culturais de aviso que, a compor os sistemas de signos, dão origem às maiores expressões humanas.

Na riqueza que nos é dada, nas culturas e em suas formas diversas, devemos respirar a memória como "avalanche de matéria viva",[101] porque a história é infinita. Sabemos que é possível e preciso, na

| 90 | LOTMAN, apud PIRES FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 75.

| 91 | FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios,* p. 79.

| 92 | FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 78.

| 93 | LOTMAN apud FERREIRA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 80.

| 94 | FERREIA. *Armadinhas da memória e outros ensaios*, p. 146.

| 95 | Relatos da professora Jerusa Pires Ferreira, durante a disciplina Semiótica da Cultura, na PUC-SP, no segundo semestre de 2016.

| 96 | Cf. LOTMAN. *La Semiosfera II*.

| 97 | FERREIRA; BERNARDINI. Mitopoéticas: da Rússia às Américas.

urgência, a escrita de uma nova história na memória de cada um. A história começa com o conhecimento que temos de nós mesmos, na ancestralidade dos nossos que vieram antes a caminhar na terra que nos é dada hoje. Um pluriverso onde residem negros e índios, memória sagrada; os Orixás precisam ser posicionados no poder de comunicação das redes midiáticas oferecidas.

Os Orixás encarnados são sinônimos de vida e se designam entre significações relatadas. Na vida, o sangue permeia no corpo, fazendo pulsar como a água pulsa a terra: a água é o sangue da terra, e como o néctar que pulsa a flor, o mel é o sangue da flor. O Orixá está no Cariri cearense, na abundância de suas águas e nascentes. Mesmo a seca que estereotípica o Nordeste, o Orixá mora longevo, dormindo na terra seca, esperando ser banhada pelo sangue dos céus: água de chuva, para assim prosperar.

Outrora, o imo da energia vital dos Orixás encarnados faz caminhar os seus para o mar de Iemanjá, rainha de todas as águas, em busca de alimento. Entender os Orixás é mais que se fazer levar pela vida, é perceber a si mesmo como ser divino e como parte inseparável da natureza.

Os Orixás na África são divindades iorubanas, aparecendo também em diferentes nações e com diferentes nomes.|102| Cada civilização cultua somente um Orixá: como Oxum, que é dona do rio Niger; como Xangô, outro que até hoje tem seus descendentes na África. Os Orixás, na paisagem e nos corpos, aqui, fazem parte do bonito mosaico que a cultura negra consolidou na miscelânea do Cariri cearense.

|98| FERREIRA; BERNARDINI. *Mitopoéticas:* da Rússia às Américas, p. 230.

|99| FERREIRA; BERNARDINI. *Mitopoéticas:* da Rússia às Américas, p. 231.

|100| FERREIRA; BERNARDINI. *Mitopoéticas:* da Rússia às Américas, p. 232.

|101| LOTMAN. *La Semiosfera II*, p. 50.

|102| Acredito que as diferenças entre eles são menores que as semelhança que os ligam, sendo divindades da mesma essência criadora. Na nação Angola, os Orixás são chamados de *voduns*. Não é proposta desta escrita disseminar tais diferenças entre as diferentes nações, mas assegurar sua presença em terras cariris como já foi por nós explicitado. Desta

Dos lugares,|103| mapa detentor do mosaico, Ogum é senhor da cidade de Ondô e de Irê, Orixá do ferro, guerreiro e dono das ferrovias; a ele, junto com Exu e Oxalá, cabe o princípio da criação. Ossaim vem de Iraô, fronteira da Nigéria com Benin, Pai das folhas, senhor do verde. Oxossi é Alaketu, senhor do Ketu: cidade onde foi rei em tempos imemoriáveis e onde seu culto se propagou. Oxossi é um dos Orixás mais importantes e essenciais à continuidade da vida, já que é dono das matas e florestas, senhor da terra que faz brotar, dono das folhas. Sem folhas, não há orixá. Obaluaiê ou Omolu, para o povo iorubá, tem origem na família Dambirá. Orixá das terras quentes, médico de todos, é relacionado profundamente ao corpo do homem, já que é dele os mistérios da vida e da morte humana. Sem comunidade, não há orixá. Xangô: divino, mítico e histórico, terceiro rei da dinastia de Oyó, sangue vermelho, quentura, fogo e fogueira, representa o senhor da justiça. Iroko é o nome do vodum da nação Fon, mora em uma árvore sagrada, que recebe seu nome Iroko. É o senhor do tempo, implacável e certeiro. Representa o poder ancestral masculino e guerreiro do âmago da floresta. O tempo é seu espaço amplo de liberdade e verdade, Iroko é o senhor da razão. Logunhedé é da região de Ijexá na Nigéria. Orixá menino que carrega em si a dualidade, filho de Erinlé e Oxum, leva o charme da sua mãe e a bravura e paciência do seu pai pescador. Senhor da harmonia, dono da delicadeza e equilíbrio, a ele o verde-azul-turquesa-amarelo- ouro e branco das suas límpidas fontes de águas claras. Oxum, senhora do rio Oxum, que banha Ijexá, Ijebu e Oshogbó

maneira, escreveremos Orixás em vez de *voduns* quando falarmos na nação Angola.

| 103 | Dos lugares do mapa, retiramos os dados do livro *Candomblé bem explicado* (*nações Bantu, Iorubá e Fon*), de autoria de Odé Kileury e Vera de Oxanguiã.

| 104 | PRANDI. *Mitologia do Orixás,* p. 24.

na Nigéria. É rainha da nação Efan, filha favorita de Iemanjá e Oxalá. Senhora da riqueza, do ouro, da doçura e apaziguamento, senhora do mel, mãe ancestral, senhora das águas claras, é dela a fertilidade. Sem água, não há orixá. Oiá ou Iansã, rainha deusa do rio Níger. Senhora dos corais, senhora dos ventos, senhora dos nove mundos, senhora dos raios, mãe dos espíritos. O vento. O amor ardente e impetuoso, temperamento inquieto, tudo a que o vento reflete é atribuído à Iansã. Obá, divindade Iorubá, velha guerreira, mãe do amor, dedicada aos seus, grande feiticeira. A Nigéria tem o rio Obá. Sem rio, não há orixá. Iemanjá, que se diz ***Yeyê omó ejá***: mãe dos filhos peixes, a grande mãe, divindade Iorubá, do povo Egbá, na Nigéria, perto da cidade de Ifé, onde há o rio Iemanjá. Todas as águas são de Iemanjá. No mar, sua morada, controla as marés e as fases da lua.

Os Orixás estão tão perto dos homens que se compadecem deles e que são como eles: odeiam, amam, guerrilham, se acometem de incertezas e raiva, se envaidecem e metem. E, mais que isso, os Orixás fazem parte da indivisível matéria e espírito enérgico dos seus filhos, fazendo dos deles, de quem os encarna, corpo divino. Afirmar que os homens "são apenas cópias esmaecidas dos Orixás dos quais descende"|104| seria limitador. Para o candomblé, a perfeição está na própria imperfeição, cada ser é único e perfeito em suas atribuições. A perfeição é dito do catolicismo; no candomblé não há como negar o belo. A perfeição está na imperfeição, de ser como se é.

|104| PRANDI. *Mitologia do Orixás,* p. 24.

O corpo divino em performance do Orixá encarnado é além. É a aceitação da vida, a comunhão com a ancestralidade e a natureza, uma partícula vibrante dos elementos da natureza (água, fogo, ar e terra) na imensidão do universo de cada filho que dança. Para alcançar o que se propõe esta composição, é necessário se render às memórias mais profundas, e, só assim, adentrando na memória, será possível compreender os Orixás.

Fomos feitos para estarmos aqui e, na harmonia com o espaço-tempo, alcançarmos plenitude. A natureza nos proporciona o que necessitamos para o nosso bem viver. O processo de estar no mundo e ser do Orixá não tem começo nem fim. Corpo e memória cultural não deixam de ser um eterno processo de transformação. Há, sim, um constante aprendizado enquanto há vida no corpo em nós. Somos divinos. Os processos formadores dos espaços não revogam.

Sem água, não há orixá. Sem mata, árvores, folhas e nascentes, não há orixá. Sem o povo negro, não há orixá e águas, mata, árvores, folhas, nascentes seriam somente águas, folhas, matas e nascentes, de dar de beber, de sombrear, de se banhar e se explorar. Sem memória, não há orixá.

Corpo divino em performance de existência

Casa, corpo: espaços de existir. No corpo, o domínio do gesto e da fala; o universo de antes e depois, passado e futuro. Cabe a cada fragmento, cada ser vivente, em corpo encarnado de Orixá, o merecimento partilhado em saberes, compondo a harmonia formadora da comunidade oral.

A espiritualidade tende a se transportar em ritos festivos em que o corpo vibrante se liga ao além: matéria-corpo divino. Mar, pedreiras, cachoeiras. Florestas, vales, folhas. Água, fontes, terra. Todo substantivo proferido poderia ser somente palavras soltas, mas elas são signos residentes dos Orixás. Pela fé, para todos, arranjo da natureza viva, a morada das divindades africanas, fundidas e manifestadas no indivíduo, corpo sublime, Orixá encarnado.

No candomblé, o conhecimento é feito constantemente de imagens, símbolos, e, principalmente, de corpo. Primeiro, a memória; está no corpo em performance, Orixá encarnado, e o que este corpo dançante e vivo toca e ao que ao corpo pertence, é voltado a atenção, formadora do conhecimento. O corpo é morada do Orixá, o Orixá encarnado em sua energia maior, o que dança nas celebrações, no toque dos tambores e o que reside silencioso nas Mães de santos. Ao corpo, é dado todo o espaço social que estamos, porque nele enxergamos o próprio espaço na complexidade maior em ambiente, natureza e cultura. Ao corpo, nossa atenção.

Na observação silenciosa e sensorial está a chave para a compreensão dos Orixás. Aprender a ver, aprender com os ensinamentos e aprender a escutar é o passo associativo, morada do segredo da religião dos Orixás. Vivenciar estes aprendizados consistem em perceber a lógica presente nos preceitos do candomblé. Assim, como ser vivente e pulsante, como ser cultural, nos deparamos com a evidente tradução e resistência da memória sagrada dos Orixás.

A natureza é o Orixá, nós somos partículas dos Orixás, indissociáveis a eles, somos divinos, somos natureza sagrada. Desta lógica, os arquétipos, as formas do nosso corpo junto à maneira de sentir, o Orixá se deixa ver, perceber. Na água, no peixe, nas conchas, na fluidez está Iemanjá. Da mulher de peitos fartos, longos cabelos, instinto materno, grandes mulheres acolhedoras: as filhas de Iemanjá. Das rochas, de ser forte, firme, estrondaste como o raio e a verdade dos atos dos justos: Xangô. Dos homens fortes, corpo e personalidade, grandes conquistadores, atitudes justas, de nervos à flor da pele, como os raios, são o arquétipo dos filhos de Xangô. Nas águas doces, no mel, no ouro, está Oxum. Seus filhos e filhas são vaidosas, bonitas, enfeitadas, sedutoras, caprichosas, mães ciumentas. Nos territórios extremos para a batalha, nas quedas d'água, nos lugares derradeiros, mora Obá. Dos seus filhos, mulheres guerreiras, companheiras fiéis, tem o corpo de luta, forte são as filhas de Obá. Assim, cada filho e filha carrega suas características no corpo físico e no corpo cultural de cada um, sendo cada um único, somados a memória de vida exclusiva de cada ser vivente, nada em vão.

Se somos partículas da natureza e da cultura, não é em vão que estas mulheres que representam a presença da religião dos Orixás no Cariri – Mãe Alice de Oxum, Mãe Ciça de Obá e Mãe Maleozazi de Xangô – são ouro, amor e justiça na cidade de Juazeiro do Norte.

O Cariri é rico, como Oxum, de tanto ouro e riquezas naturais, água doce e limpa das nascentes. O Cariri brada inteireza social, ascensão territorial. Brada a justiça de luta histórica, um padre performático e insistente em ascender o Juazeiro da margem, antes inóspito no mapa. Receptivamente peregrino, Juazeiro do amor de Obá. Sem natureza, não há orixá. Sem comunidade, não há orixá, sem corpo, não há orixá.

Do corpo, nada à parte. Na religião dos Orixás, o corpo, inteiro, fala em signos, em gestos, a presença divina. No corpo[105] há a explicação sublime que habita em nós, além do que prevalece em memória genética. Um universo inteiro reside em um sistema simbólico representado por imagens dos Orixás.

Do corpo, a postura firme de Mãe Maleozazi, o grande porte que ela tem, e o que fala sobre justiça, união entre os que compartilham a religião dos Orixás, está seu Xangô. Em nenhum momento, mesmo sem os enfeites de pulseira em branco e vermelho, mesmo sem o colar de guia em cores já ditas, em couro que envolve, o Xangô de Mãe Maleozazi ressalta sua presença e não se abastece dela.

| 105 | MORAES. Simbologia do corpo no ritual do candomblé.

A vibração no corpo e nos enlaces; a fala que emana, em pequenos gestos emitidos, surge seu Xangô no mundo. Uma força vibrante de estar no presente se afirma no corpo divinizado das mulheres heroínas destas páginas. A mão de Mãe Maleozazi, quando fotografada com o bracelete de Xangô, faz firmeza quando pousadas em suas pernas. Simples detalhe de descrição da imagem, mas é mais que isso. É o Xangô e sua dureza de guerra, a guerra como evolução, para um alcance de paz, em um final feliz. É preciso lutar. O caminho da câmera naquele dia de sol em Juazeiro do Norte no terreiro de Mãe Maleozazi também faz parte da presença do Orixá da justiça, Xangô, enquanto ela arranja questão de ser visto, ouvido e presenciado na mãe, Mãe de Angola. Justiça atenta necessária, união também.

Em todas as Mães descritas aqui, autoridades de terreiro, a exuberância dos paramentos, as miudezas nos detalhes, nas roupas, na casa, nos batons de Mãe Alice e Mãe Ciça, fazem parte da beleza componente dos Orixás, como seres divinos, como reis e rainhas. Ouça: cada detalhe do corpo fotografado fala e, melhor, querem que os ouçam. Os tecidos de Mãe Alice em dourados para sua Oxum têm todo um cuidado a ser escolhido. Eles precisam ser exclusivos, só sua Oxum pode ter. Em vão? Não pode ser. A Orixá de todas as belezas não pode ser comparado.

O corpo é uma fonte abundante de interpretações e associações, assim como a memória. O corpo existe em sua complexidade, assim como a religião dos Orixás, que precisa realmente ser vivida

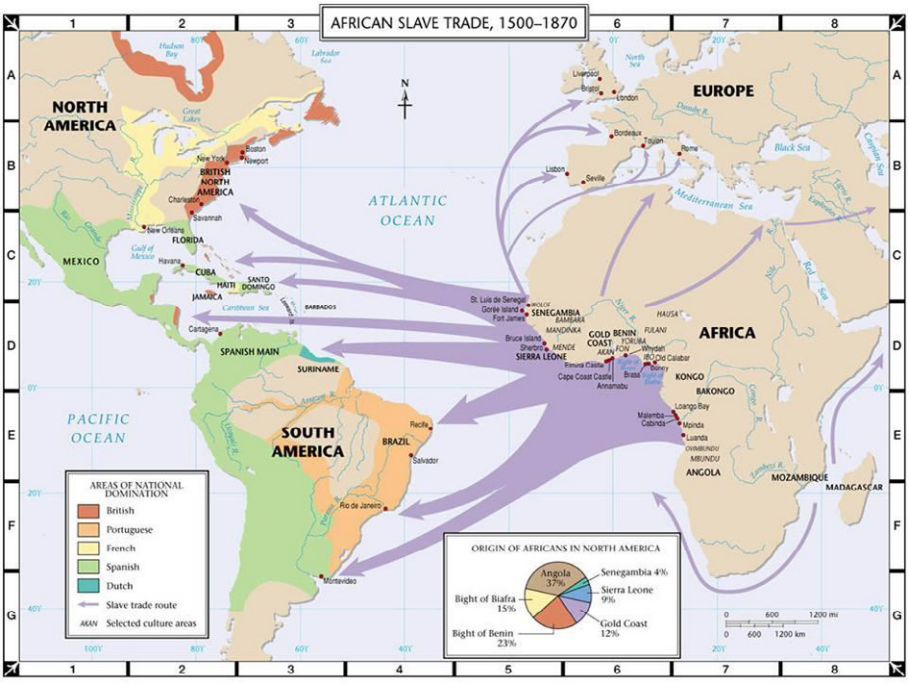
profundamente para ser compreendida. Passamos pela superfície da existência dos Orixás no Cariri cearense, trazendo, em imagens e relatos, as Mães escolhidas, exemplo resistente negro.

Acreditamos que os Orixás em nós são partículas divinas somadas à magnificência do invisível. Humanizados, cabem aos Orixás e a nós, características que nos unem a eles. Ligação que multiplica a ação do divino, já que a cultura negra não condiz com o divinal.

O Orixá sou eu, você, em axé, força vital que faz respirar, as pedras fortes de Xangô, o ato de amor de Obá, as águas doces que dançam nas pedras de Oxum. Os Orixás estão no ambiente cultural social que estamos nós, no ouro valioso capitalista, nas rotas da vida de ir e vir, em todo o ar que foi constituído os mosaicos.

O sagrado corpo, com a natureza cultural e social, harmonioso, resume o que é o corpo no candomblé. O corpo, Orixá encarnado, é a culminância consagrada vibrante aos olhos dos adeptos e a prova viva e resistente que nos perdura vivos, apesar de.

Figura 4 – Diáspora Atlântica



Copyright © 2003 by Pearson Education, Inc.

Fonte: ABAGONG. Disponível em: <abagond.wordpress.com/2010/>. Acesso em: 31 nov. 2018.

Os principais portos de onde saiam os povos escravizados em África estavam em Benin, Nigéria, São Tomé, Angola, Senegal e Moçambique. Através de várias rotas, o Brasil foi recebendo os Cabindas do Congo, os Benguelas de Angola, os Macuas e Angicos de Moçambique, os Minas, da Costa da Guiné, os Jejes do Daomé, os Hauças do noroeste da Nigéria, os Iorubás ou Nagôs do reino de Oyo e de Ketu. Os portos no Brasil, que receptavam os povos escravizados, eram nos estados do Maranhão, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Nunca se está sozinho: o destino do sertão é o mar

Minha própria voz importa aqui, e o sentido que tenho dela; importa ao que posso dizer dessa outra voz, perdida.
Paul Zumthor

O outro não era um espelho, mas um destino.
Viveiros de Castro

Não, não é uma manifestação, é uma presença. Estamos presentes, a cultura negroíndia está presente, fomos construídos por ela, língua e hábitos, ritmos e danças; enfim, oralidade. Oralidade em performance, nos segredos e nos silêncios que perpetuam a memória.

Nossa cultura não se lembra esquecendo. Falar em cultura é ir além de uma percepção rasa. Riqueza e diferenças se encontram à margem. Cada povo trouxe, sim, contribuições|106| específicas para a miscelânea cultural que compartilhamos. É preciso reaprender a ver: há pertencimento.|107| O pertencimento está para a coletividade negra e índia que reluz os Orixás na teia cultural caririense.

Pensar em uma cultura que justapõe outra com mais valia é estar inerte e concordar com o centro intimado, o poder, estagnado pelos processos de dominação e imposição. Ao lado avesso da beleza, as culturas diversas brasileiras passam rasantes à harmoniosa convivência como a poética das questões raciais.|108|

|106| Como a cultura mourisca, já mencionada.

|107| "Também, quando falamos, neste estudo, de contribuição das raças humanas para a civilização, não queremos dizer que os contributos culturais da Ásia ou da Europa, da África ou da América extraiam qualquer originalidade do fato destes continentes serem, na sua maioria, povoados por habitantes de troncos raciais diferentes. Se esta originalidade existe - e isso não constitui dúvidas - relaciona-se com circunstâncias geográficas, históricas e sociológicas, não com aptidões distintas ligadas à constituição analógica ou fisiológica dos negros, dos

A chave para as respostas das questões cheias de anseio é a palavra diversidade. A diversidade que se conecta, quando um se torna o outro, e eles se mesclam. O diverso contido nas bordas, no barroco, na mestiçagem, na crioliza ção do mundo. Assim, há de assumir que as culturas escolhem diferentes formas de ser no mundo,|109| um mundo de geografias incertas. Como existe uma infinitude cíclica cultural, existe também um mesmo elo de diversidade que as ligam. Não há uma cultura sem a outra.|110| Não há o índio sem o negro.

Não devemos pensar nas culturas como algo que se quebrou, repartidas umas das outras; esta ruptura histórica nos propõe percebê-las de modo vago e plano, tábua rasa, nunca chegando nas suas verdadeiras profundezas particulares. Nos atentamos falar da beleza,|111| partilhada em comunidades. É isso que nos propomos fazer, dignificando o olhar. Este olhar dignificado diante do que se é bonito (oralidade, memória resistente) cultura negra e índia no Cariri.

Olhe ao redor: o que você vê? Olhe ao redor de olhos fechados: o que você sente? Não é nenhuma novidade falarmos do colonialismo, do extrativismo, da ganância e do capitalismo que estamos imersos, mas podemos respirar um novo entusiasmo, de uma nova forma de vida. A presença ultrapassa a colaboração, cria memória e origens. Eles, índios e negros, e nós, índios e negros, somos sujeitos, reis e mestres, salvadores da própria vida, corpo e alma, sentida e escrita com a palavra resistência coletiva.

amarelos ou dos brancos". (LÉVI-STRAUS. Raça e história, p. 9).

| 108 | A raça pode condizer com questões equivocadas de valorização cultural destoante. Explanado em Claude Levi-Strauss, o autor cita Gobineau, que relacionado à biologia e à psicologia em relação à raça, nos distancia da verdade: Para ele, "as grandes raças primitivas que formavam a humanidade, nos seus primórdios – branca, amarela, negra - não eram só desiguais em valor absoluto, mas também diversas nas suas aptidões particulares". (LÉVI-STRAUS. Raça e história, p. 6). Tais questões levam-nos a discutir a mestiçagem como fenômeno cultural. Edouard Glissant nos faz entender o que é mestiçagem, atribuindo a este fenômeno, por ele

A cultura é abonada pelos povos em comunhão com o ambiente. O verde conforta os corações; as cidades cinzas nos aspiram melhores meios de vida. Discorrer a beleza está para a crença de uma nova forma de vida, que se sustenta não em utopias, mas na possibilidade de uma nova forma de reestruturação social. O novo está no velho, nos tempos primórdios, nos ensinamentos e nas memórias sagradas da cultura. A força está nos Orixás.

Quando falamos na beleza, falamos da alteridade, do comportamento coletivo, da valorização da cultura das bordas e do reconhecimento da sabedoria ancestral. Os índios e negros empaticamente distinguiam este harmonioso convívio, sabiamente o respeitavam e o passavam adiante. Nesta contínua comunidade, em que a memória cultural ultrapassa o tempo e espaço, reside a resistência maior da cultura caririense.

Não sabemos bem das violências sofridas nem da resistência construída pelos nossos antepassados;[112] a memória tende a se perder, e nós também nos perdemos. Porém, a ancestralidade, na memória genoma, permite ver traços físicos e culturais passados entre os corpos. O ambiente cultural, em territórios áridos-desérticos-sinuosos de um oásis, nos conta histórias para compreender a nós mesmos, em nossa natureza. A verdade é a mestiçagem do mundo, nas bordas do mundo, como queira, em que a cultura em seu fervor reside verdadeiramente.

Sem a memória dos nossos antepassados ficamos perdidos nas encruzilhadas do tempo, ficamos à mercê dos processos impostos do progresso. A identidade[113] de se reconhecer no espelho comunitário

melhor apropriado, que é a crioliza-ção do mundo. A criolização vê a resolução para harmonia do mundo: a aceitação desta "mistura" cultural. Aceitar que somos diversos e que não podemos, mas viver separados uns dos outros. Isto se faz, sem dúvida, uma questão política. Pensamos nós que a história contava uma epopéia de mares de grandes guerreiros e bravos homens que enfrentavam, na inconstância dos oceanos, o desconhecido. Mas os heróis rebeldes são negros e índios, por excelência. Não há como mudar a história, nem sua escrita. A história é uma convenção. À história central deve ser agregada, compassadamente, à história épica do Outro, às divindades negras e índias, os Orixás na magnificência

é importante, já que essa identidade proporciona um modo de estar e ser. Esta valia basilar faz parte da teia procedente da resistência e força dos Orixás em memória sagrada cultural.

A voz está contida diante do todo cultural que se atribui ao corpo e memória como perpetuação. O valor da voz é incomparável, ultrapassa o tempo, vincula a memória à voz negroíndia, consubstanciada, emergida dos antepassados, guardiões do saber. A voz se concretiza nos novos corpos, nos gestos que vemos e som que ouvimos, cantos, gestos, vestes, corpo, enfim, signos e vozes intencionais para a preservação dos segredos silenciosos.

A beleza envolve o transmissor do conhecimento, em tantas memórias, contido na oralidade. Esta beleza também está no contexto social que a envolve, que une cada ser que da voz faz uso, modulando a cultura comum. A oralidade, o uso da voz, resiste nos ambientes em que ela se articula, nas performances que elas perpetuam em manifestações vitais. O ouvido/olho formam o contexto do conhecimento oral, concretude de oposições entre à abstração oral/escrito.

O processo, bem viver, como modo de vida, faz parte da inconstância|114| permanente no contínuo da memória. A memória de quem vive e de quem ouviu, a memória de quem está, a memória peregrina do povo que vai, fica e volta.

Entender esta similitude é compreender que a alteridade não é "se colocar no lugar do outro", vai além disso. Alteridade é interiorizar o outro, aprender o diverso, sentindo verdadeiramente.

em crenças. Afim de mudar os rumos do olhar, vemos a beleza nesta soma agregada.

|109| Por isso, Levi-Straus nos diz que não devemos esquecer que as sociedades contemporâneas, essas que ainda ignoram a escrita, ou seja, aquelas em que ainda dizem de ser sociedades primitivas e selvagens, são donas de um inventário consciencioso da forma que lhes cabe apropriar e preservar a cultura. O autor ainda segue expondo que: "Mesmo de maneira indireta; um inventário consciencioso deverá reservar-lhe um número de casas em branco infinitamente mais elevado do que aquele em que nos sentimos capazes de inscrever qualquer coisa. Impõe-se uma primeira constatação: a diversidade das culturas é de

Alteridade é entender/enxergar que há o melhor no outro. Nem bom, nem mau, a religiosidade sincrética levou em consideração o discurso, não a boa ação.|115|

Os ciclos de vida presente são e estão formados na tessitura complexa cultural, a "constância na inconstância, abertura e teimosia, eram duas faces de uma mesma verdade: a indispensabilidade dos outros, a impensabilidade de um mundo sem Outrem".|116|

Há de se repetir o vocábulo resistência, sobrepujada no cenário cultural brasileiro, presente nos corpos dos filhos aqui presentes, e tão indispensável ao modo de vida fundante que falamos, sentimos e vivemos. Resistência é existência, poesia feita de sangue e beleza; morte e renascimento, ressignificado do corpo e da alma, carregada permanente entre sujeitos, presente na memória cultural sagrada.

A nova imagem do Cariri negro pode se enxergar na diversidade fisionômica negroíndia, nos rostos e corpos dos povos naturais desta região. As últimas décadas assistem a emergência de uma imagem do Cariri negro caracterizada pela complexidade e diversidade das novas formas sociais e também da estrutura social da região.

As novas imagens estão para a natureza como para o social a se formar em contextos teóricos marcados pelo passado histórico, e ainda pela tentativa de superar os modelos midiáticos, casuais e repetitivos da cultura negroíndia. Para tanto, há de se pensar a superação dos modelos explicativos da cultura que nos foram dados para serem comidos em pratos rasos.

fato no presente, e também de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a dela conhecer". (LÉVI-STRAUS. ***Raça e história***, p. 14). Ainda no pensamento do autor, vale pensar no que diz sobre "operação simultânea" que atua nas sociedades humanas. Essas operações simultâneas atuam em forças que se opõem, em direções opostas, sempre fazendo parte uma da outra. Por isso, uma contribui para a manutenção da outra ainda ressalta a particularidade que há entre ambas. Os caminhos diversos das formas culturais não podem ser negligenciados.

|110| "Vimos, pois, que a noção de diversidade das culturas humanas não deve ser concebida de uma maneira estática. Esta diversidade

No entanto, queremos partir a favor, agora, de uma abordagem mais ondulada da relação da sociedade e natureza negroíndia caririense, morada dos Orixás. Estas ondulações que nos tiram da margem rasa explicativa das narrativas culturais, distantes da realidade, nos aguça a esperança de uma nova tessitura, capaz de integrar conhecimentos acumulados nos diversos modos de pensar.[117]

Existir, na plenitude de uma vida, tendo em consideração um Cariri quente e seco, vasto de caatinga, é questionar o modo adaptável neste ambiente por hora hostil: eis o milagre. Há de se levar em conta os colaboradores que criaram raízes profundas no imaginário do Cariri cearense. O sertão e o mar são equidistantes. Na vastidão do sertão, muito se há de andar e ver até chegar ao mar, mas para o sertão, o mar é sempre o destino e sempre perto, mesmo distante.

Tendo em vista a vastidão que nos aproxima do mar, podemos levar à cabo a evolução social e a cosmologia real que perpetuou a existência nestas terras: aí está a chave para a verdadeira beleza. E a beleza está no que não podemos provar, documentos palpáveis, mas no que podemos escutar, perceber e sentir; está no coração, alma da memória, dos índios e negros quando falam do mar em memória, por vezes, guardadas como tesouro.

A abundância era certa durante a cultura de travessia dos kariris na rota entre sertão e mar.[118] Poderíamos ir à fundo neste discurso, mas seria ilógico.[119] Mas as imagens desta dissertação são reflexos da peregrinação do negro e índio em

não é a mesma que é dada por um corte de amostras inerte ou por um catálogo dissecado. É incontestável que os homens elaboram culturas diferentes em virtude do seu afastamento geográfico, das propriedades particulares do meio e da ignorância em que se encontravam em relação ao resto da humanidade". (LÉVI-STRAUS. *Raça e história*, p. 17).

| 111 | De acordo com o livro *A arte da memória*, de Yates Frances Amelia, é dada importância para a condição da memória em nós, em que a beleza e os sentidos a ela atribuídos são indispessáveis para a memóra. Como o terror do vermelho do sangue ou os enfeites são tão quão importantes para a construção da memória.Por isso enfatizar a beleza negroíndia, já que a dor já foi tanto

busca do mar e à caminho do Cariri, um oásis em constância atemporal. Falar do processo migratório somente referente à seca seria equivocado, é mais que isso, são questões profundas. O sertão relacionado à seca é uma questão política, a seca é destino da terra.

O ponto de vista cria o objeto. Neste século, aprendemos a acreditar nas diferenças e, a parir delas, repetir estereótipos. Mas nos caminhos da pesquisa, notamos as singularidades que fundiram o índio e o negro na região do Cariri cearense, por intermédio da religião, pelo modo de vida. Porque a religião, para os negros e índios, é uma objetividade, e os atos contidos nos preceitos religiosos são utilitários: é a vida em costume. O modo de vida desses povos "assegura as relações entre homem e universo, entre sociedades e o mundo sobrenatural",| 120 | estando corporificados ou não. Falar sobre o enlace inseparável cultural dos kariris e dos negros é atentar à memória ancestral que ultrapassa os genes e sangue em rosto expressivo, traços físicos, cabelos chegando até à vontade do mar.

A ancestralidade é a continuação de um para o outro, presente que perpetua e que não morre quando vamos embora do mundo dos objetos. A vida humana inscreve-se na ordem da cultura.| 121 | Somos superpostos em camadas de memórias em realidades coletivas, em pluralidade constante e mutável, memória de cada um. E na memória, o mar é continuamente o fado, destino feliz de fluidez.

repetida; tendo a necessidade de sermos lembrados também como belos, desvencilhando da violência do tráfico negro e do genocídio negroíndio, mas nunca nos esquecendo da história.

| 112 | Este posicionamento ainda nos leva a refletir sobre questões de identidade, por isso nos abastecemos do autor Edouard Glissant. Para Glissant, as culturas são um processo de relação. A urgência é necessária a fim de emergir a complexa heterogenia das faces culturais, em sua especificidade. Relação dentro da *totalidade-terra* pensa caminhos possíveis para se preservar a diversidade cultural que somos dentro da confluências culturais: esta é a identidade fazemos parte. A identidade de multiplicidade, cada uma com sua particularidade e diferença.

Infinito seja: o corpo é um além

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis.

George Didi-Huberman

O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria.

Eliseé Reclus (1830-1905)

O começo: os Orixás. A natureza é permeada por eles, a natureza pulsante são as suas águas. Natureza vai além do conceito comum que temos dela. A natureza são os Orixás, e eles residem em pontos de força: em cachoeiras e rios. Porque os Orixás são a própria vida, água que corre. Sem água, não há Orixá.

Para as religiões de matrizes africanas,[| 122 |] os Orixás são seres divinizados, que fazem comunhão com os homens, a partilhar os prazeres e também suas dores. Orixás, seres divinos, são a própria natureza, seus elementos fundamentais à vida e em nós fazem morada. Por essa razão, não há como não falar de natureza antes de falar de Orixá. O corpo, a natureza e o místico estão em aliança contínua.

As teorias funcionais do universo, a Terra, plantas, animas, sempre são uma consequência do que é sociedade, e do que ela significa em seu agrupamento social. Os homens, todos os homens, de todos os povos, não tratam e nem se relacionam

| 113 | A palavra *identidade* levanta amplas questões. Uma delas é o limite significativo imposto por ela, nos impedindo de abrir caminhos para a questão mestiça. Vale dizer que tomados por identidade o reconhecimento da ancestralidade vigente. Identidade é uma nomenclatura policial. Cabe a reflexão sobre pensar identidade, tempo e história. E o mesmo vale para questão de tempo. Há de se pensar o tempo em sua temporalidade.

| 114 | *A inconstância da alma selvagem*, de Eduardo Viveiro de Castro, é uma coletânea de ensaios sobre os índios na Amazônia. Esta obra contribui para a construção do pensamento de que a memória necessita de uma leveza de estar no mundo atribuído justamente pela não constância.

com a natureza de maneira abstrata, porque a tocam; nem se relacionam com ela genericamente, porque sabem das necessidades impostas pela natureza, e por ela e com ela precisam se relacionar.

A natureza|123| foi inventada nas suas teorias fundamentais, no ato de nomear e separar as coisas, para uma "melhor compreensão" do mundo. Por isso, a "natureza era algo a ser inventado, ou a ser reconhecido como alteridade distinta de integrar o universo humano. E de fato, o foi, mas só quando os homens modificaram esse esquema de vida comunitária, em que os homens e a natureza compunham uma única trama".|124|

O processo de separação entre homem e natureza se deu no Ocidente, e desta forma, o viver coletivo foi abalado. Para além do que é palpável, como a fauna e flora, o pensamento imposto sobre o assunto natureza nos leva ao limite do que vemos com olhos físicos, ao que olhamos pela retina, unicamente. O que está em torno, as atmosferas, lagos, montanhas, ao que está na camada superficial, semiosfera, é o lugar de morada da verdade cultural sagrada.

Entretanto, a discussão se estende e volta para o que temos em comunhão social, porque o homem não é mais aquela "primeira natureza", sujeito apenas às necessidades biológicas, mas é, fundamentalmente, um produtor de cultura que só vive em plenitude às custas de comida, de ideias e de liberdade de pensar, realizar e decidir.|125|

|115| Os índios e negros, acrescento, não viam "motivos cristãos" que fosse bons e belos, como o discurso pregava, que os convencesse a imergir na cultura vinda do além-mar. A promessa cristã era para depois da morte. Os negros não entendiam como um Deus não se importa com os seus na beleza pulsante, na terra habitada.

|116| DELEUZE apud CASTRO. *A inconstância da alma selvagem*, p. 241.

|117| CASTRO. *A inconstância da alma selvagem*, p. 320.

|118| Falamos sobre a travessia dos kariris ao mar no livro *O reino dos mestres*.

|119| Inevitável excluir a catástrofe civilizatória que foram as colonizações européias.

Na natureza do Cariri, a região é singular, o sertão do Cariri é particular.[126] O candomblé, assim como a umbanda, são "manifestações religiosas" relativamente novas, cabendo a elas, em tempo cronológico, em torno de 50 anos de presença. Como o Juazeiro do Norte é uma cidade em ascensão, o seu candomblé também é. Mas os Orixás na região do Cariri não se resumem em cinco décadas, nem muito menos ao negro e ao índio cabem um resumo e uma representação rasa.

Para caminhar no sentido fundante do elo dos Orixás com a natureza, do corpo como um processo vivo e sem fim, a memória em comunidade equivale de suportes para que se compreenda a cultura negra.

A memória e o tempo divino

Crer é prever e esperar.
D. Lapoujade

O conhecimento está no corpo. O conhecimento é do corpo. Permanece e interpassa o corpo. Sujeita-se ao corpo. Emana do corpo. Transcende o corpo. Coletiva-se no corpo. Mas o corpo não é um recipiente de acumulo, como a memória também não acumula.[127] O conhecimento é arraigado ao corpo sobre matéria de veias pulsantes, pele, suor, performance. E também sobre alma, transcendência, ancestralidade, memória, sentimento, sensação e percepção: o corpo comunica.

| 120 | Lévi-Strauss fala sobre a experiência de cerimônia religiosa com os Bororo na Amazônia (LÉVI-STRAUSS. *Tristes Trópicos*, p. 244).

| 121 | DURKEIM; CONTE *apud* Lévi-Strauss. *Tristes trópicos*, p. 252.

| 122 | Os Orixás são divindades presentes no candomblé e também na umbanda. Porém, nossa dissertação tem como objeto os Orixás no candomblé. Segundo Alexandre Mantovani de Lima, "quanto à etimologia do termo Candomblé, Ronilda Iyakemi Ribeiro (1996, p. 213) afirma que 'origina-se do termo *kandombile* culto e oração'. Vivaldo da Costa Lima (2010. p. 235) acrescenta reza ao termo 'é um étimo de dialetos bantus, sobretudo, quimbundo, e candomblé quer dizer exatamente reza, oração, culto'

O conhecimento e sua sucessão em aprendizado está vinculada ao coletivo.[128] O indivíduo nunca está sozinho, ele é sempre mais um diante dele, através dele, sobre ele, conjugando o presente e o passado. Desta maneira, o corpo não é uno, não poderia ser, somos comunicação, coletivo e comunidade. Nunca estamos sozinhos, não nos formamos sozinhos. Se somos coletivo, não somos uma unidade. A natureza está como cultura e sujeito, porque somos diversos. Ser uno é ser uma tábua rasa. Estar no todo é abundância de conhecimento. É estar consciente do processo em construção que somos em comunidade e comunhão, enquanto respiramos e convivemos. Impossível estarmos sós (somos de onde viemos, estamos, sentimos e vestimos).

A cultura que vivemos hoje é respiro do passado. O passado pode ser revisitado em memória, mas o passado também é materialmente inexistente e, como presente, a ele podemos interpassar, na lembrança. O que está no passado não foi desfeito, uma parte dele está na memória; contudo, é impalpável. Tomamos nas mãos a temporalidade, não o tempo.[129] O tempo cronos, engolidor de seus filhos, se desfaz quando a temporalidade entra em questão para com o coletivo e para o processo de conhecimento cultural. O "tempo" é diferente das horas, é distinto das horas. Atemporalidade é a espera do tempo germinar (uma semente abrolha no seu próprio tempo). Podemos dizer que isto é o momento certo, no proveniente receptor do desejo que vai além da vontade, o tempo da memória caminha para o que é preciso acontecer.

No sentido antropológico e histórico 'designa grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santo ou orixá e associados ao fenômeno da possessão ou transe místico'. Além disso, o autor esclarece que 'ao considerarmos o mito como base do conhecimento do povo-de-santo, os rituais tornam os mitos vivos na vida de seus adeptos e corroboram para manter a comunidade religiosa em movimento. Mitos e rituais estabelecem um elo entre as divindades e o ser humano. Reginaldo Prandi, em *Mitologias dos Orixás* apresenta uma coletânea de narrativas míticas que servem como modelos para a conduta humana dos adeptos do terreiro'" (LIMA. *Memórias e identidades de um terreiro de candomblé*, p. 240).

O contato é necessário para os processos de conhecimento coletivo. Não existe memória sem o Outro. Não há conhecimento sem memória. As religiões de matrizes africanas são o religar com a natureza. Perceber como se dá estes modos de vidas na cultura negra é atentar o pensamento para a sensibilidade indispensável deste religar. Como se tivéssemos que reeducar o olhar, retirar a película eurocêntrica e ocidental de nós e, enfim, enxergar o horizonte do divino infinito em nós mesmos.

As certezas podem ser postas de lado para que se perceba um outro viés de pensamento fluido. Voltemos ao corpo e às suas camadas de constituição, que vão além do objeto palpável. O corpo é um "além", um contínuo em processo, e, na cultura do negro e do índio, o corpo coletivo na memória é infinitude. Mas o corpo opera feito maquinário em suas necessidades biológicas diante de si mesmo. Nesta significação, de estrutura formada e fundante, o conjunto tríptico corpo, alma e cultura é como um mapa de ação e consequência, um arcabouço de começo, meio e finitude.

Os processos de mudança se dão no corpo em aliança com o dentro e o fora, ou seja, com o imaterial e o cultural. Assim é o Orixá encarnado e o Orixá nas representações da natureza: fontes, águas e caminhos peregrinos. Nada em vão, nem os processos transitórios da paisagem nem o baile pulsante do corpo que flutua em dança, o Orixá. O Orixá comunga em paisagem, natureza e corpo

| 123 | A natureza sequer teria sido reconhecida enquanto alteridade (*alter*, em latim, significa *outro*), distinta dos homens, se as relações sociais não tivessem conduzido, historicamente, a esta separação entre "mundo natural" e "mundo social" (Cf. CARVALHO. *O que é natureza?*, p. 22).

| 124 | CARVALHO. *O que é natureza?*, p. 27.

| 125 | CARVALHO. *O que é natureza?*, p. 81.

| 126 | Em uma pequena cidade no sul do estado do Ceará, Santana do Cariri, está um dos mais importantes sítios paleontológicos do mundo, com fósseis em destaque pela sua excelente preservação. A cidade faz parte da Bacia Sedimentar do Araripe, localizada no extremo sul do

constituindo a cultura do Cariri cearense. As águas, doces das nascentes e salgadas do mar, somadas à terra pisada peregrina formam a trilogia, poder simbólico, da cultura Cariri.

As definições do corpo, semântico e orgânico, são os conceitos limitados diante do processo que o corpo é. O corpo é um além fronteirístico de matéria fundante, o corpo é um processo na construção cultural. É no corpo que o ori130 faz ligação com o fundamento divino. Se o conhecimento está no corpo e transpassa por ele, as definições ocidentais limitantes de corpo que temos estão, há tempos, equivocadas e ultrapassadas.

"O corpo" é um equívoco.131 Por essas vias, propomos deparar com o processo de nós mesmos em identidade diversa da qual fazemos parte. O corpo não é estável, pois ele é uma estrutura viva. Se a estabilidade fosse uma possibilidade, o corpo, enquanto estrutura viva, inseparável do meio pulsante, não sobreviveria, assim como a cultura. Estamos para a complexidade do mundo, somos profundos, somos somas em maioria simbólica e cultural. Findar anseios sociais em definição rápida de conceitos identitários nos estagna. Estas correlações de definição de identidade estão ligadas diretamente ao corpo e aos processos tradutórios na cultura.

O Cariri cearense está conjugado no gerúndio. O Orixá encontra-se vivendo nessas terras, mais ao norte. Sermos gerúndios, em modo de transição e definição, faz parte da singularidade de um processo cultural em suas condições específicas.

estado do Ceará, compreendendo ainda porções dos estados de Pernambuco e Piauí, com uma área próxima de 10 mil quilômetros quadrados. Segundo Alexandre Sales, diretor do Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri, na área da Bacia Sedimentar do Araripe se desenvolveram lagos amplos há 110 milhões de anos, que evoluíram para uma laguna com influências de um mar interior. Por conta disso, os fósseis da Formação Santana exibem uma rica fauna e flora desses antigos ambientes, com elementos aquáticos e terrestres bem preservados. "O processo de fossilização iniciou-se com o endurecimento, ainda nos primeiros estágios da decomposição. Os ossos são pouco alterados e

As qualidades em resistência e beleza condizem à complicação de dar nome e data às coisas, formando, assim, um final coeso. O conhecimento não é um complexo solitário, frio e finito. Do fluxo contínuo do conhecimento, envolve-se o conceito de comunidade.

Comunidades abarcam coletivos. O coletivo, digno de nota, está na natureza, no candomblé, pois o candomblé tem, na natureza, a aliança harmoniosa da consciência em que o homem é um elo (ancestralidade e memória), fundamento, assentamento para a plenitude do homem.

A cultura negra e índia é mais humana. Estas culturas pensam em comunhão com a noção de ecologia de tipificar a natureza como manipulável, sujeito a um senhor homem extrativista. Ai a essência coletiva que quebra barreiras conceituais, impostas ao corpo como caixa, sem contato. O corpo é a pele, portal de passagem para o universo. Fazemos parte e aprendemos com o coletivo mais do que a comunicação corriqueiramente imaginou.

As religiões de matrizes africanas fazem esse elo contínuo do homem com a natureza, e seu modo de vida. O homem divino é natureza, e esta afirmação faz-se presente e indispensável no sistema cultural vindo de África, também se soma os sistema culturais do índio, que têm a mesma tessitura fundante em que o homem é divino na natureza. É desta maneira que, primeiro, nos individualizamos, como processo, para, depois, em uma conjuntura social, o Eu ser formado.

os fluidos corporais dos animais contribuíram nesse endurecimento", informa o diretor. Historicamente, o berço da Paleontologia do Brasil é a região da Bacia Sedimentar do Araripe, local onde foi encontrado o primeiro fóssil brasileiro descrito. Refere-se a um peixe Rhacolepis em uma concreção carbonática, da região de Barra do Jardim, atual cidade de Jardim, na porção sudeste da Bacia. O peixe foi descrito na publicação do livro Viagem pelo Brasil (Reise in Brasilien), publicado entre 1823 e 1831, por Spix e Martius, dois naturalistas alemães. Em mais de 180 anos de pesquisas paleontológicas, centenas de trabalhos já foram publicados. A impressionante preservação e a abundância, singulares para os

Somos um movimento de si e para si, e de si para outro; um contínuo vivo do homem- natureza. Nas religiões de matrizes africanas, cada homem é cuidado por um ser divinizado: os Orixás. O Orixá encarnado também faz morada no homem, na aliança natureza, e se manifesta em performance, dando ênfase a aliança indivisível do corpo e divino, um respiro.

O corpo múltiplo, nos processos culturais, é assim constituído. Neste contínuo de respirar e inspirar, o corpo aprende a plenitude da existência dita pela memória, nunca chegando a um fim, ao pronto, ao ponto final, sendo fluxo e processos. O fim seria não respirar, a não vida, a morte. Enquanto estamos respirando, aqui, sinta, somos um processo e por isso somos coletivizados.

O Eu nunca está sozinho, e, deste modo, a vida é um devir, pois a vida se excede, como uma dura captura; a vida que vive é um eterno lembrar e esquecer.[| 132 |] A vida também é processo de individuação, em que sensação e sentido diferenciam-se. A dinamicidade sintetiza estas linhas de retorno homem-natureza.

Comunidade, enfim, é a forma de agir coletivamente, e é neste ato contínuo do agir que está o corpo. O corpo nunca está dado e pronto. Vale sempre pensar no corpo desta maneira: ir além da superfície da pele, na sua multiplicidade e na sua multidimencionalidade. Entretanto, hoje, esquecemos que somos uma multiplicidade e que não temos controle de nós, muito menos do tempo e da natureza. Que seja lembrado os Orixás na sua complexa significação.

fósseis da região do Araripe, não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo e a cada dia novas descobertas surpreendem os paleontólogos. Disponível em: www.unifor.br. Acesso em: 28 out. 2018.

| 127 | A memória deixa passar o que não importa à comunhão e o que fica é como tesouro guardado.

| 128 | Cf. HALBWACHS. *A memória coletiva*.

| 129 | Cf. PRIGOGINE. *O fim das certezas*.

| 130 | *Ori* é um importante conceito metafísico espiritual e mitológico para os *Yorubás*. *Ori* em iorubá tem muitos significados – o sentido literal é cabeça física, símbolo da cabeça interior (*Ori Inu*). Espiritualmente, a cabeça, como o ponto mais alto

Diário do tempo

O tempo é a substância de que sou feito.

Luis Borges

"O tempo é o rio que me leva embora, mas eu sou o rio".|133| Nossos movimentos e nossas ações se estendem no tempo, assim como as nossas percepções, os pensamentos, os conteúdos da consciência. Vivemos no tempo, organizamos o tempo, somos inteiramente criaturas do tempo.

Falar do tempo, e da temporalidade, consiste em desdobrar o mistério em que a memória está diretamente envolvida. O conhecimento é um rio que corre, sem cortes, na individualidade de quem o carrega, sendo um fluxo em que passado e presente se emancipam, dando sentido à existência. Sem passado, o presente não faria sentido, sem memória, a cultura pouco menos teria significado.

O presente é uma combinação de teias em que o passado se estende até aqui, hoje, formando, no instante presente, o sentido conceito do agora. Mas o conhecimento também faz parte do futuro e nele se projeta com o passado. Este é o verdadeiro sentido temporal da memória sagrada.

> O conhecimento de alguma parte do fluxo, passada ou futura, próxima ou remota, sempre se mistura ao nosso conhecimento do presente. [...] Essas remanescências de velhos objetos, essas chegadas

(ou superior) do corpo humano, representa o *Ori*. Não existe um Orixá que apoie mais o homem do que o seu próprio *Ori*. Disponível em: www.dicionario.sensagent.com. Acesso em: 8 jun. 2017.

| 131 | Se o corpo não é o ponto de partida, o que é? De acordo com Gilbert Simondon, o corpo é um fato relativo, uma fase do ser. O pré-indivíduo é o germe do potencial cada atividade.

| 132 | Cf. FERREIRA. *Armadilhas da memória*.

| 133 | SACKS. *O rio da consciência*. p. 119.

> de novos, como os germes da memória e da expectativa, o senso retrospectivo prospectivo do tempo. Fornecem à consciência aquela continuidade sem a qual ela não pode ser chamada de fluxo.[134]

Neste fluxo de memória e tempo, somos reorganizados em processos que a cultura se traduz, e sobrevivemos, apesar de tanto ser querido que se esquecesse a memória negra e índia. Esta força temporal divinizada é responsável pela estrutura cultural traduzida e móvel. Sem passado

> nunca poderíamos ter conhecimento algum, exceto o do instante presente. Cada uma das nossas sensações, momentos em que cessasse, desapareceria para sempre, e nós seríamos como se nunca tivéssemos sido [...] Seríamos absolutamente incapazes de adquirir experiência.[135]

Por isso, a identidade refletida na memória é tão importante aqui. Sem memória, corpos transeuntes andariam vazios de alma e sentido, oco por dentro. A memória ancestral negra, em que mora o Orixá, é temporalidade singular da cultura negra caririense.

O passado é um além existencial, uma continuidade de vida. "A memória é a chama em que mora a existência, uma fonte de imortalidade" e o "esquecimento é, pois, uma água de morte".[136] Para isso que serve a memória: para a vida. E abrir mão dela seria fenecer. A memória permite que se entre em outros mundos, como o do passado, antepassados,

| 134 | SACKS. *O rio da consciência*, p. 121.

| 135 | SACKS. *O rio da consciência*, p. 121.

| 136 | VERNANT. *Aspectos míticos da memória e do tempo*, p. 141.

| 137 | VERNANT. *Aspectos míticos da memória e do tempo*, p. 144.

e nestes mundos se pode passear livremente. Mais além, "a memória aparece como fonte de imortalidade".[137] A memória é passar adiante o sentido de existir em estado harmonioso.

O Cariri, lugar de que falo, se resume a este fato: o de ser muitos tempos em um só. De ter a capacidade móvel de caminhar pelos espaços do tempo e da memória, ainda que o progresso não deixe de bater à porta de entrada. As imagens do passado se apresentam no presente, assim, tão comum, como um convite a se comer doce. Quando meu pai convida as pessoas a irem comer o doce e depois beber água gelada nos copos de alumínio, não é o homem de 55 anos quem faz esse convite. É o menino que adorava os doces da casa de doce e que não mudou nos anos que se passaram.

É de costume, quando se tem visita, meu pai convidar para ir à casa de doce da sua infância, na rua Santa Luzia. A casa, os doces, os copos de alumínio são os mesmo de décadas atrás. O passado vive no presente, nos costumes do povo daqui. O doce na rua Santa Luzia ainda é o mesmo de antes, de décadas atrás. A casa que recebe os romeiros ainda é aquela da minha avó; na comida, o tempero ainda é dela; na parede da cozinha, a cor é a mesma. As pessoas não são as mesmas, mas repetem os mesmos hábitos e memórias, deixando como está a organização dos móveis comuns da casa; nos espaços culturais, o mesmo se repete.

Leva-se tempo para se entender este processo costumeiro. Levei tempo para entender o motivo pelo qual minha prima, filha mais velha de Francisquinha, ainda não mudou os sofás de lugar, nem as camas, nem a cozinha, muito menos a comida

e o tempero. O ar hospitaleiro da casa também não mudou, ainda dá para respirar a fartura e saber que é certo que cabe mais um a mesa de comer.

A oralidade conduz as permanências das práticas culturais, a oralidade responde o porquê de os móveis não mudarem de lugar. A oralidade silencia o segredo dos Orixás pertencentes à memória fundante. A oralidade está nos gestos sinuosos da performance peregrina, como também na grande performance do Padre Cícero. A oralidade está no corpo cultural que somos nós e no corpo cultural negro e índio do Cariri cearense.

O tempo é uma consciência múltipla nos lugares daqui, e carrega com ele seus mistérios e sensações identitárias. Há de se viver para ter a sensação descrita. Aquinhoar o pão e sentir o calor da estação de eterna primavera são caminhos para a concepção desta temporalidade divina e singular.

Um fluir infinito do nosso passado faz o tempo presente. Das memórias guardadas, o tempo emergiu imagens de Orixás, e delas construiu a imagética fotográfica das divindades africanas no Cariri cearense. Mas o tempo daqui é ir e vir, permanecer cotidianamente refazendo a cama e a mesa, esperando os peregrinos chegarem e irem. A cidade de Juazeiro do Norte e seu entorno e todo o Cariri permanecem assim desde a performance do Padre santo nessas terras mais ao norte.

Os peregrinos caminham pelas terras de antes, mesmo solo e canto, mesma vontade por um mundo melhor. O Juazeiro é um passado, presente

e futuro bebido no mesmo copo. Quando lá se está, vivemos vários tempos no mesmo instante, com o passado e presente entrelaçados um ao outro. No céu, o futuro é projetado em edifícios e avião. Estar no Juazeiro é fervilhar junto com a poesia quente, oferecida pela cidade embevecida de luz.

A mudança não mudou o que já era. O tempo se repete e se constrói nas idas e vindas da memória, de lembrar e esquecer, caminhar pelas mesmas rotas e passagem de fé, seca, mar e chuva. O Cariri ainda carrega o místico de 100 milhões de anos na vida fossilizada, carrega um complexo místico|138| das religiosidades nas histórias messiânicas do Nordeste.

No tempo, a vida resiste e persiste, porque ela é alimento, é água que corre das nascentes, é o esperar de chuvas, é a certeza de que, mais uma vez, os peregrinos retornarão aqui. E os Orixás fazem morada na natureza, no verde da Chapada do Araripe, na periferia do triângulo Crajubar e no dia a dia de quem a eles fazem morada em corpo-vida.

Conte-me. O passado se conecta na temporalidade que se perpetua. O conhecimento, oriundo da memória, entre passados, presentes e futuro, sempre se mistura ao nosso conhecimento do presente.|139| A chegada de objetos novos, somados aos novos objetos, vindos da memória e do anseio ao futuro, está em lembrar e esperar do tempo. Só o tempo, em sua temporalidade, é capaz de nos fazer ultrapassar as barreiras físicas de estar passeando pelo passado a esperar seu futuro. O tempo é Deus.

| 138 | Muito se tem para ser explorado sobre os movimentos messiânicos no sertão, mas preferimos não adentrar neste território. Para tanto, *O Messianismo no Brasil* e no mundo, de Maria Isaura de Queiros, é leitura indispensável para se compreender o contexto cultural religioso do Nordeste brasileiro.

| 139 | JAMES apud SACKS. *O rio da consciência*, p. 121.

Considerações

> *Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma pressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares - fatalmente anacrônicos, heterogêneos, entre eles - que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes.*
>
> Didi-Huberman

A Exu, a comunicação que lhe cabe é senhora dos acordos, dos feitos e não feitos, das organizações sociais e de toda a mídia de tempo e fala. A Exu, pedimos passagem e o reverenciamos em ***laroiê***. A comunicação de Exu, o ***assiwaju***,[| 140 |] "aquele que vem na frente", proporciona os melhores caminhos nesta jornada de conhecimento. Falar de África é um desafio, primeiro pela vastidão e complexidade que há neste continente, segundo, pela falta de documentos escritos referentes a ela. Lemos que "a história moderna da África Ocidental é, em grande medida, a história de cinco séculos de comércio com os europeus".[| 141 |] E ainda, a ruptura histórica africana

> considerou-se por muito tempo que o crescimento do comércio com os europeus, a organização das rotas comerciais e o desenvolvimento (em mercados que se multiplicavam na própria

| 140 | KILEUT; OXAGUIÃ. *O candomblé bem explicado*. p. 222.

| 141 | DIKE *apud* AJAYI. África no início do século XIX: problemas e perspectivas, p. 2.

> África) das trocas, destinadas a alimentar o comércio externo foram os principais, senão únicos fatores contribuintes para a mudança estrutural e social africana. [...] Nenhuma sociedade ou economia poderia ter escapado do traumatismo e do desalento geralmente causados pelas consideráveis perdas demográficas acarretadas pelo tráfico de escravos e as guerras correlatas. O tráfico parece fornecer a melhor explicação pelo fato de a África, entre todos os continentes, ter tido as mais instáveis e frágeis estruturas políticas e econômicas do século XIX.|142|

| 142 | AJAYI. África no início do século XIX: problemas e perspectivas, p. 6.

| 143 | OGOT. Apresentação do projeto, p. XXX.

Se a África é uma presença cultural em maior soma no Brasil e nas Américas, os corpos e fronteiras também se somam nesta conjuntura teórica, porque

> no momento em que os povos da África lutam para se unir e para, em conjunto, melhor forjar seus respectivos destinos, um conhecimento adequado sobre o passado da África, uma tomada de consciência no tocante aos elos que unem os Africanos entre si e a África aos demais continentes, tudo isso deveria facilitar, em grande medida, a compreensão mútua entre os povos da Terra e, além disso, propiciar sobretudo o conhecimento de um patrimônio cultural, cuja riqueza consiste em um bem de toda a Humanidade.|143|

Falar de África é falar de movimentos de liberdade, criatividade, arte e, principalmente, a responsável pelo vigor cultural africano em contexto mundial, junto das afirmações identitárias contribuintes

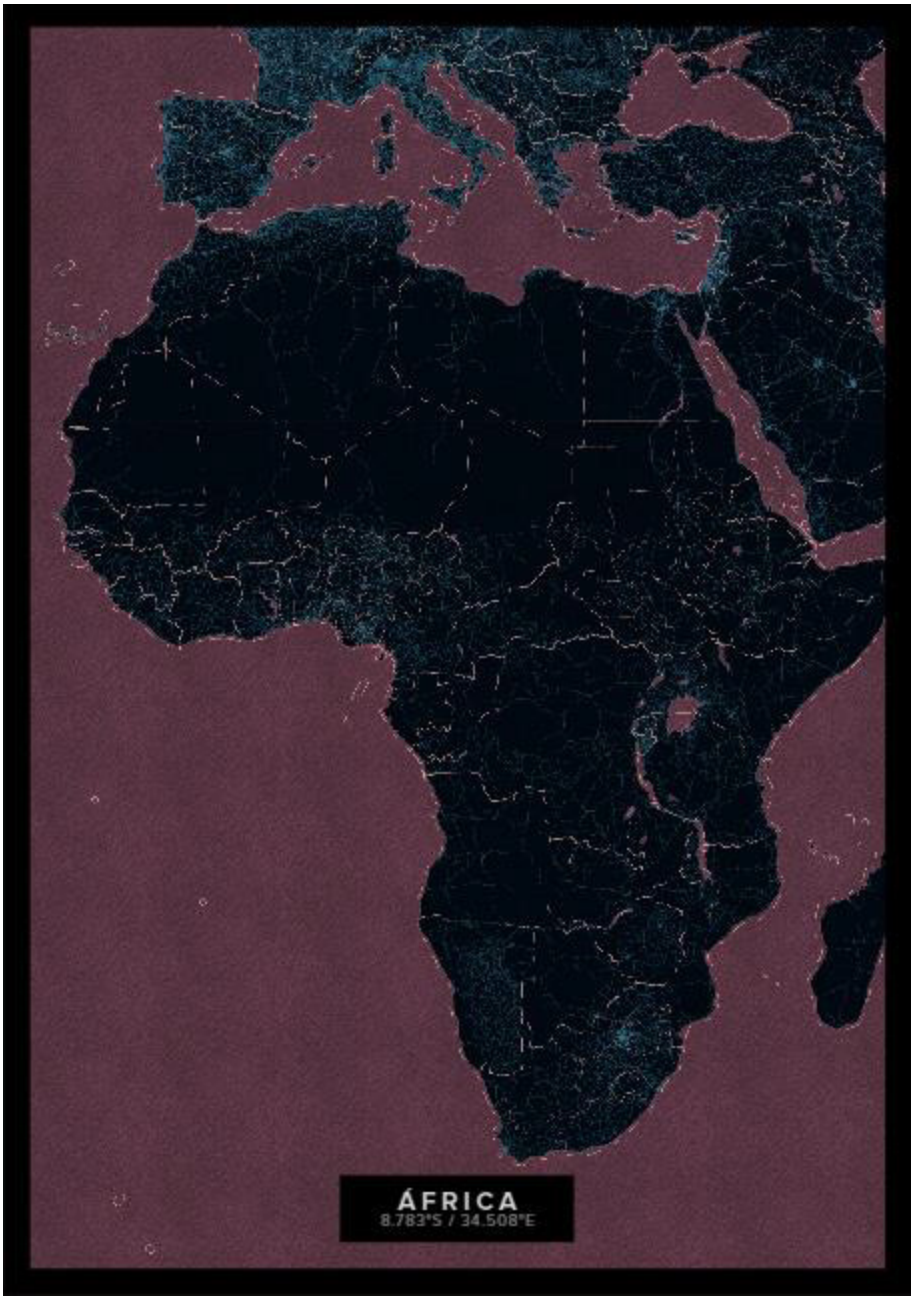
pelo traçar conceitual universal da humanidade. As contribuições africanas, junto com outras civilizações, consistem em um jogo de trocas mútuas. Em África, a tradição oral é fonte de história digna, recente, antes desconhecida, preciosa nascente de reconstrução da história da África e compreensão do seu interior, da sua visão de povos e mundo, para abrangência dos traços de origem e valores das culturas que formam o continente africano, a estrutura cultural das Américas.

África vive nos corpos dançantes neste e no outro lado do Atlântico. O número de africanos que cruzaram o oceano é impressionante,

> P. D. Curtin estima em 274.000 o número de Negros transportados através do Atlântico entre 1541 e 1600. Em alguns anos, este número chegou a 1.341.000 pessoas, atingindo 6 milhões, no século XVIII. Segundo os cálculos de F. Mauro, baseados nestas estimativas e considerados válidos por P. D. Curtin, o número de escravos enviados ao Brasil entre 1575 e 1675 foi da ordem de 400.000 a 450.000, e, no século XVIII, chegou próximo de 2 milhões. Ao longo do século XVIII, o fornecimento de mão de obra negra às Antilhas britânicas e francesas crescera consideravelmente, assim como em Cuba. Estes números testemunham uma mudança radical de atitude, ainda que progressiva, dos Europeus para com a África. Aos olhos deles, este continente deixou de ser uma rica fonte de ouro para tornar-se, antes de tudo, um reservatório de mão de obra, sem o qual seria pura e simplesmente impossível a criação e a exploração de numerosos e grandes domínios europeus na América.|144|

|144| MALOWIST, M. A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África. In: HISTÓRIA Geral da África, V, p. 16-17.

Figura 5 – Vastidão africana



Fonte: Google Maps. Disponível em: maps.google.com. Nota: A imagem foi manipulada digitalmente.

Ainda, especificando países, e considerando as distâncias e dificuldades de transportes de povos africanos para colônias do novo mundo.

> Numerosos habitantes da região que corresponde ao atual Moçambique deviam, pois, fazer uma viagem particularmente longa e trágica para alcançarem o outro lado do Atlântico, especialmente, o Brasil. Segundo P. D. Curtin, o número de escravos arrancados da África Central e da África do Sudeste, entre 1711 e 1810, para serem enviados à América, é da ordem de 810.000, o que representa 24% do número total de escravos importados.[145]

| 145 | MALOWIST, M. A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África. In: HISTÓRIA Geral da África, V, p. 24.

O interesse, primeiro, era o ouro, no continente africano. Depois, este ouro se transformou em corpos negros, verdadeiro tesouro comercializado pelos colonos e traficantes de escravos. O tráfico de escravo causou uma grande devastação demográfica na África, mas acelerou o desenvolvimento econômico da América e do Caribe, e ainda acelerou a acumulação de capital para a Europa. Arrancados de suas terras, o povo africano chegava ao estrangeiro sem qualquer abono ou preparo. Sozinhos e desnudos, os escravos eram obrigados e destinados aos trabalhos pesados das plantações. As memórias vieram com as divindades africanas, Orixás, em corpos negros.

Imagens e vozes, performances e literaturas vêm abalando as estruturas eurocêntricas em seus sistemas e classificações totalizantes. A narrativa de formação estruturante se dá em teias complexas. A complexidade está em abarcar o ocidente e oriente, Américas, Europa e África, como componentes do universo

cultural, cheio de camadas. A totalidade do pensamento e história se dá em reconectar e dar vazão ao silêncio histórico, escrito pelos corpos negros e suas memórias. O corpo é processo, memória edificada, em que os gestos, performances e silêncios são chaves para a compreensão do conhecimento africano.

A escrita e os documentos redigidos, bem como a leitura propriamente dita, estão fora do contexto de abrangência para a cultura do Outro, a cultura negra e índia, fundidas, no Cariri cearense, junto com as divindades, a estas culturas atribuídas, em que o Orixá se atualiza. Para a descolonização do pensamento, há de se levar em conta o discurso para que seja repensado a formação das Américas e Áfricas. Há de se perceber ainda que a invenção das Áfricas e Américas é essencialmente problemática.

A África está do lado de dentro, nas quatro paredes do terreiro, lugar que dança o Orixá. O Orixá renasce nas terras brasileiras, sua força é tamanha que nem a árvore do esquecimento[146] cuidou de apagar as memórias carregadas na alma e no corpo nu de seus filhos escravizados ao cruzar o Atlântico. O mar, em vez de separar, une territórios e tradições.

O lugar mais importante é onde você está. A geografia em que estamos postos, presente, responde às perguntas que se têm para fazer ao mundo. Nas minhas memórias, encontrei os Orixás na geografia encantada dos lugares percorridos. Reaprendi a ver com o aprendizado me dado nas conversas com Pai Bira, Ridalvo Félix e Mãe Santa; nas compleições das danças dos candomblés e festas da umbanda na

região do Cariri cearense; no livro de Assunção; nos caminhos traçados pela história do tempo. Pude ver os Orixás emergirem do espaço/tempo dos ancestrais daqui e das minhas memórias.

O que cometemos foi recordar, pôr em luz memórias da infância e permitir que os Orixás as permeassem, seguido do aprendizado do momento em presenças, livros e pessoas que encontrei no caminho da geografia da existência. A forças dos Orixás nas memórias de mim são compartilhadas nestas linhas. Antes de conhecer o candomblé, os Orixás já estavam nos ancestrais e na natureza, nos seus pontos de força, nas águas caririenses.|147|

Das nossas necessidades para um bom final, que leva ao desfecho desta narrativa de ser e estar no mundo, atentamos para a saída da rota imposta, ocidental. Para isso, temos que lembrar conselhos dados por nossos pais, para se respeitar os mais velhos. Porque a nossa história também pertence aos ancestrais que povoam o outro mundo. As memórias dos nossos antepassados estão presentes em nós porque somos parte do aprendizado de antes.

As ervas que fazem o chá e nos curam de dores é um exemplo do aprendizado, conhecimento e memória sagrada. O culto dos Orixás faz parte da identidade negra, e também é a resistência maior. Resistência cantada na esperança, no desejo pleno em ser e estar no mundo. Assim reconhecemos uns aos outros em natureza, como parte divinizada dela, pois a cada Orixá que nasce, na incorporação responsável de seus filhos, a força da natureza está presente na divindade dançante, vibrante.

| 146 | Em *Ouidah*, cidade comuna localizada na costa ocidental da África, estava localizado um dos portos de embarque de escravos. Em percurso de 5 km, caminhados até se chegar ao mar, homens e mulheres eram obrigados a dar voltas em uma árvore, chamada a árvore do esquecimento. Os homens tinham que dar nove voltas na árvore, enquanto as mulheres tinham que dar sete voltas, para que, assim, esquecessem toda a memória que tinham da cultura e da terra natal (Cf. ATLÂNTICO Negro).

| 147 | É preciso olhos para ver os Orixás, como abrir as janelas da alma, e, além disso, conviver com o terror (genocídio histórico) pelo qual os nossos ancestrais negros e índios estão sujeitos nesta história.

Tantas imagens vêm quando se percebe os Orixás na memória, elas se seguem de cores, cheiros e diferentes intensidades de luz. “Não vi aquele horizonte que estava à minha frente desde sempre como o vejo agora”: foi o pensamento calado que tive quando parei de perceber o trânsito e as lojas na rua Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, e pela primeira vez reparei o Oeste. Incontáveis vezes andei naquela rua e pela primeira vez percebi o horizonte e seus relevos. É preciso aprender a ver.

A presença dos Orixás nas memórias figuradas nas mãos da minha Mãe, nas águas sagradas das fontes de Oxumaré, só foram possíveis pela mesma presença dos Orixás no Cariri cearense, teia crível, repetitivo e processual, da cultura negra aqui presente. A resistência nos faz ser o que somos hoje, disso temos que sempre lembrar. Os Orixás são as maiores belezas simbólicas negras em que a resistência perpetua na crença divinal africana.

Os mitos se estendem a simples narrativas contadas ao longo de tempos, tempos imemoriáveis, civilizações tão antigas, milenares, de reis e rainhas, grandes impérios. Os mitos fazem parte da crença fundadora, cosmovisão do mundo africano, em que o Deus não é impossível e intocável, sendo nós os deuses africanos: Orixá encarnado. Cada Deus é responsável por uma família, e cada objeto consagrado por ele é também divino.

O Deus do ferro, dos rios, da varíola, da tempestade é dotado de poderes e o respeito a ele se estende às pessoas da casa e que procuram pela sua providência. Narrativas dos mitos, tampouco.

Mais que *animistas*, mais que *fetichistas*, a visão de mundo iorubá ultrapassa tempo e espaço, caminhando para dentro de si e dos antepassados, buscando lugar de respostas e consolo.

Vamos além do conceito fetichista e animista como sendo nomenclaturas dos modos de ser das religiões de matizes africanas no Brasil e no mundo. A problemática é: como o ocidente viu as religiões africanas? O ocidente enxergaram com os seus próprios dogmas e posicionamentos rasos, já que a religião dos Orixás está para a unidade cósmica, sem separação de natureza, corpo, divindades e vida. Isso quer dizer que o "invisível é concebido e sentido" em concretização, envolvendo tanto o universo visível quanto o invisível.

Os fetiches estão para os elementos como a água no fundamento da divindade, significando a vida. O animista está para as pedras de Xangô, nada em vão; a força da justiça como pedra abraça o raio de Iansã, a esposa guerreira do rei Xangô, concretiza-se pedra. Tais fontes são atributos divinos, que, para as matrizes africanas, são pontos e signos de força e vida, conectados ao mundo e inseparáveis de si mesmos.

O homem está em constante ligação com o universo (a natureza, plantas, animais, minerais) e é inseparável dele. O corpo aprende com a performance e esta é a "lei do corpo". O passado está para o futuro, e ambos também estão em uma junção não lógica, fundamental para que se perceba os sentidos de uma melhor vivência.

A medula das religiões de matizes africanas precede na ligação inseparável dos seus com o uno, a natureza. De que forma a religião cristã a entende? A fetichista e a animista são as melhores maneiras de tê-la compreendido, não? Esta limitação arrebata preconceitos até filosóficos, a partir de uma compreensão rasa das religiões de matizes africanas, taxando-as, simplesmente, como primitivas. A cultura negra personifica um Deus também humano, além de místico. Esta singular particularidade faz das religiões afros de uma inteligência intuitiva e sensitiva, diferente da filosofia em escrituras, narrativas bíblicas, como, por exemplo, o catolicismo.

> Valores, muitos, fetiches, princípios da contida e asséptica racionalidade religiosa da cristandade européia em expansão, estigmatizaram Áfricas e Américas como ***habitat*** de homens e deuses primitivos, rudes, tenebrosos. Religiosidades pulsantes e celebratórias, da natureza e culturas exuberantes são toleradas com restrições, até mesmo por serem manifestações de povos sem "cultura", "irracionalizadas", inadmissíveis, a serem salvos, civilizados por ciência e dogmas universais, que até hoje se digladiam em perversos desdobramentos.| 148 |

Não se vai muito longe quando se comparara os Orixás aos santos católicos, do Deus eurocêntrico. Na lógica conceitual, as comparações não vão à lugar algum. O pecado não existe para o povo de santo, o que existe, na verdade, são caminhos escolhidos, e o que se colhe são frutos das ações plantadas.

| 149 | Da violência à dor: a violência está para a "pedra de atirar" de todo o problema posto em questão. Sim, o racismo é um problema social. Ser negro é ser violentado, na constância da vida, cruel, sem direito a pausa, respiro e repouso. Seu corpo é apontado pelo corpo branco, que anula sua presença, a presença do corpo na comunicação corriqueira. Hoje, depois de 300 anos de tráfico, das rotas dos navios negreiros cruzando o além-mar, podemos ver a violência no modo de tratar a identidade do negro, pelo ponto de vista intrapsíquico. O branco exerce a violência, primeiramente, quando tende a destruição do pertencimento do sujeito negro. Para tanto, o racismo desfaz o mito da democracia racial, dentro

Para que a verdadeira comunicação aconteça, além de descolonizar o pensamento, é preciso entender os demais problemas, rizomas sociais, que afligem a sociedade brasileira. O racismo|149| é este rizoma de que falamos. O Cariri, pelo catolicismo intensamente presente, intensifica o silêncio do candomblé e suas abundantes manifestações. Diferentemente da Bahia, onde o candomblé se vê nas encruzilhadas, dando comida às divindades. No Cariri, se presencia humildemente, pela violência presente, nas manifestações religiosas afrobrasileiras. Os movimentos sociais ainda são poucos, mas não menos importantes, para a abundância cultural, presença negra, especificamente na cidade de Juazeiro do Norte, onde os terreiros foram visitados e documentados.

O clarão comunicacional também está em aceitar as feridas abertas do massacre cultural e social do negro brasileiro. Entrelinhas, feridas históricas, que não podemos deixar de lembrar.150 O candomblé é a dignidade em ser negro, é a experiência de vida na morte intimada pela escravidão. O Orixá é chama acesa dentro do ser vivente que dança e permanece em performance, dia após dia. O homem, no candomblé, pode olhar para si mesmo como o Deus que é e, não menos que isso, este é

> o mistério antagônico e as vicissitudes da raça no Brasil se deslocam e se fundem na religião dos Orixás: o candomblé. Experiência e ciência, revelação e profecia, comunhão entre homem e as divindades, diálogos entre os vivos, os mortos, e os não nascidos, o candomblé marca o

desta perspectiva do corpo negro. Há seu perfil de pertencimento. O sujeito branco repudia o corpo negro, dentro das indústrias estéticas, midiáticas, culturais, seja lá qual for. O branco subjetiva o sujeito negro e tem a cultura dele como mera manifestação, e não o pertencimento.

|150| É preciso ir bem fundo, nas facetas do progresso, nas promessas do bem estar social mestiço e beber até o fim a bebida amarga da verdade. Abdias Nascimento falou alto o amargor da história brasileira quando escreveu, em 1977, o que foi intitulado e editado somente em 2011: O genocídio do negro brasileiro. Nascimento nos leva a perceber que não há harmonia entre as culturas brancas, negras e índias.

> ponto onde a continuidade existencial africana tem sido resgatada. Onde o homem pode olhar para si mesmo sem ser refletida a cara branca do violador físico e espiritual da sua raça. No candomblé, o paradigma opressivo do poderbranco, que há quatro séculos vem se alimentando e se enriquecendo de um país que os africanos sozinhos construíram.[151]

Sujeitos culturais formadores presentes, negros e índios no Cariri, participam de uma bela fusão, presente na face do povo peregrino nestas terras de luz. Foi visto e sentido nesta estadia temporal de observação que o Cariri emerge nesta poesia embalada dos Orixás, na natureza e performances orais e silenciais do candomblé.

A performance está nos memores gestos, em um pedido para retornar, nas empatias que as encruzilhadas proporcionam. A memória vive e se traduz em resistência, em presença. Os corpos dançam no terreiro, fundo das casas, mas a voz grita pelos símbolos vestidos pelas Mães de santo.

A imagem do Cariri cearense tem o Orixá vibrante nas paisagens naturais e culturais desta região que não se separa do mar. Que a fotografia seja vista e revisitada pelos que ainda vão vir a este mundo pulsante. E será A fotografia pode ser revisitada, se não for queimada pelo esquecimento.

As datas dizem o candomblé na região do Cariri cearense faz 50 anos, mas os Orixás permeiam e predizem estas terras há mais tempo, tempo que a história não há de especificar.

O verdadeiro sincretismo é o negroíndio, porque sincretismo é plenitude de aceitação e reconhecimento de uma cultura pela outra. Roger Bastide, exaustivamente, mostra o forçoso sincretismo branco católico-negro, em que, na verdade, o africano e seus descendentes realmente foram obrigados a fazer para sobreviver, resistir e proteger seus Orixás. Salvo dizer ainda que as religiões africanas foram postas de lado na lei oficial do Brasil e só conseguiram ser preservadas com a "sincretização"; mas jamais deixariam morrer suas divindades. Bastide afirma ainda que o sincretismo é uma máscara simples posta sobre as divindades negras para o benefício dos brancos. Triste imposição de uma cultura pela outra. Por merecimento

Quando o negro, em busca do gado, adentrou e achou as fontes líquidas, os Orixás, em memória e corpo em performance, vieram junto com eles em alegorias ancestrais.

O que temos hoje são as inscrições silenciosas nos corpos dos cidadãos caririenses e de seus costumes, como Iemanjá e santo dividindo o mesmo altar. Muito se andou e muito há de se andar. Terra peregrina por excelência, o Cariri é negroíndio, visualmente e sentimentalmente. Esta memória cultural, bem vista, se faz frescor para as peles banhadas de luz.

O Cariri negro se faz índio, o Cariri índio se faz negro, junto com a paisagem do caju, em que o mais bonito deles é oferecido a Oxóssi. Que cada memória seja embalada na dança dos Orixás, que na memória perpetuam. A voz de Deus que canta e a voz de Deus no silêncio ecoa e ecoará enquanto houver memória.

Retratamos uma memória cultural de resistência, navegante, mar Atlântico diaspórico. Falamos de uma memória de segredos e silêncios, de beleza. Uma memória sagrada, bordada, por tempos imemoriáveis. Memória salvatória, traduzida em corpos dançantes tradutórios, somados a negroíndios em um Cariri oásis.

Precisamos, e muito antes foi preciso, falar destas naturezas históricas e somar um novo modo de ensino para perceber as linguagens e compreendê-las. É mais que dualidade de corpo e espírito. É complexa beleza.

significativo, o nome sincretismo é dado aos negros e índios em suas culturas que se envolveram em poética e alteridade religiosa e cultural.

| 151 | NASCIMENTO. *O genocídio do negro brasileiro*, p. 206.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, Autonomia Literária, 2016.

AJAYI. J.F. Ade. **África no início do século XIX:** problemas e perspectivas. In: HISTÓRIA Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880. Editado por J. F. Ade Ajayi. Brasília: UNESCO, 2010. p. 1-26.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Animistas fetichistas?** Dizem eles In: _____. Memórias ancoradas em corpos negros. 2. ed. São Paulo: Educ, 2015. p. 245-282.

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres:** a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

ATLÂNTICO Negro, documentário. Direção: Renato Barbiere. Distrito Federal: GAYA Filmes, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhilovitch. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 3-191.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil:** contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Tradução de Maria Eloisa e Olívia Krahenbuh. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira; Universidade de São Paulo, 1960.

BETHÔNICO, Mabe; GULDIN, R. **De como Mabe Bethônico percorreu a caatinga na Suíça, nos arquivos do autor viajante Edgar Aubert de la Rüe, e aprendeu francês, idioma da obra Brésil Aride (La viedansla caatinga), no processo de tradução deste relato geológico**

sobre o Nordeste do Brasil, visitando em missão da Unesco para a localização das riquezas minerais em 1953-54, que constitui um mapa das minas, com interesses pela geografia humana e por fotografia, revelando a paisagem, suas ocupações e modos de viver no Polígono das Secas. Rio de Janeiro: Capacete, 2014. v. 1000.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean Claude. **A profissão do sociólogo:** preliminares epistemológicos. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1961.

CARVALHO, Marcos de. **O que é natureza?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome:** o dilema brasileiro (pão ou aço). 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2002. COLOMBO, Fausto. Os arquivos imperfeitos: memória social e cultural eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DERIVE, Jean. **Oralidade, literarização e oralização da literatura.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010. (Edições Viva Voz)

DIDI-HUBERMAN, George. **Quando as imagens tocam o real.** Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2012.

FÉLIX. Ridalvo, RODRIGUES, Yaskara. **Afoxé Obá Orum: relato de experiência afrobrasileira no Cariri cearense.** Trabalho publicado no IV Colóquio Nacional de História Cultural, UFRN, Caicó, 2014.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadinhas da memória e outros ensaios.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Clio na Encruzilhada. In: MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera.** São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura é memória.** Revista USP, São Paulo, v. 24, p. 114-120, dez./fev. 1994/1995.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Um longe perto:** os segredos do sertão da terra. Légua & Meia, Feira de Santana, ano 3, n. 2, p. 25-39, 2004.

FERREIRA, Jerusa Pires; BERNARDINI, Aurora (Org.). **Mitopoéticas:** da Rússia às Américas. São Paulo: Humanitas, 2006.

FERRETTI, Sérgio F. **Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil:** modelos, limitações e possibilidades. Tempo, Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 6, n. 11, p. 13-26, 2001.

FRANCES AMELIA, Yates. **A arte da memória.** Tradução de Flavia Bancher. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução de Cid Knipel Moreira. 2. ed. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de estudos Afro- Asiáticos; São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édourard. **Introduction à une poétique du divers.** Paris: Gallimard, 1996. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

KILEUT, Odé; OXAGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado (Nação Bantu, Iorubá e Fon).** Organização de Marcelo Barros. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

LAPOUJADE, James. **Acreditar no mundo.** In: PELBART, Peter Pál. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições 2016. p. 347-370.

LÉVI-STRAUS, Claude. **O pensamento selvagem.** 12. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVI-STRAUS, Claude. **Raça e história.** Tradução de Inácia Canelas. 2. ed. Lisboa: Presença, 1952.

LÉVI-STRAUS, Claude. **Tristes trópicos.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Alexandre Mantovani de. **Memórias e identidades de um terreiro de candomblé:** Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman - Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias-RJ. 2015. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SãoPaulo, 2015.

LODY, Raul. **Coleção culto afro-brasileiro:** um documento do candomblé na cidade de Salvador. Rio de Janeiro: MinC/FUNARTE/INF; Salvador: Fundação Cultural do estado da Bahia, 1985.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera II:** Semiótica de la cultura, del texto, de laconducta y delespacio. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.

MAIA-SILVA, Camila et al. **Guia de plantas visitadas por abelhas na caatinga.** Fortaleza: Fundação Brasil Cidadão, 2012.

MALOWIST, M. **A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África.** In: HISTÓRIA Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Editado por Bethwell Allan Ogot. Brasília: UNESCO, 2010. p. 1-26.

MANNING, Erin. **Always more than One:** Individuation's Dance. Durham, NC: Duke University Press, 2013.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo e da memória:** os congados. O Percevejo: Revista de Teatro, Crítica e Estética. Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003.

MASSUMI, Brian. **Semblance and Event:** Activist Philosophy and the Occurrent Arts, Cambridge, Massachusetts and London: MIT Press, 2011.

MORAES, Juliana Kujawski Leite de. **Simbologia do corpo no ritual do candomblé.** África: Revista do Centro de Estudos Africanos, São Paulo, n. 29-30, p. 141-156, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** processos de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993

OGOT, Bethwell Allan. Apresentação do projeto. In: HISTÓRIA Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Editado por Bethwell Allan Ogot. Brasília: UNESCO, 2010. p. XXI- XXVIII-XXX.

PINHEIRO, Amálio (Org.). **O jornal e a cidade:** um Barroco de viés. São Paulo: Intermeios, 2015.

PINHEIRO. Amálio. **América Latina:** barroco, cidade, jornal. São Paulo: Intermeios, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas:** tempo, caos e as leis da natureza. Tradução de Roberto Leal Filho. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1996.

QUEIROZ, Ivan da Silva. **Região Metropolitana no Cariri cearense:** a metrópole fora de eixo. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 93-104, set./dez. 2014

QUEIROZ, Maria Isaura de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Dominus, Universidade de São Paulo, 1965.

REGIÃO do Cariri, no Ceará, guarda fósseis raros e preservados. **Globo,** Pernambura, 15 nov. 2013. Disponível em: www.g1.globo.com. Acesso em: 23 out. 2018.

RICOEUR, PAUL et al. **As culturas e o tempo:** estudos reunidos pela Unesco. Introdução de Paul Ricoeur. Tradução de Gentil Titton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1975.

SACKS, Oliver. **O rio da consciência.** Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?**. O Percevejo – Revista Teatro, Crítica e Estética, Rio de Janeiro: UNIRIO, ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Semiótica Russa** (Org.). São Paulo: Perspectiva, 1979.

SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha:** processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Maianga, 2006.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. In: PELBART, P.; COSTA, R. (Org.). **Cadernos de subjetividade:** O reencantamento do concreto. São Paulo: Hucitec. 2003. p. 97-118.

VERGER, Fatumbi Pierre. **Orixás deuses iorubás na África e no novo mundo.** Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. **Aspectos míticos da memória e do tempo.** In: _____. Mitos e pensamentos entre gregos: estudos de psicologia histórica. Tradução de Haiganuch Sarian. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 133-167.

VICELMO, Antônio. Região Metropolitana na área do "Crajubar". **Diário do Nordeste.** Disponível em: diariodonordeste.verdesmares.com.br. Acesso em: 13 jan. 2017.

VIDAL, Francisco Wilson Hollanda; CAMPOS, Diógenes de Almeida. **Explorando calcário e salvando fósseis na Chapada do Araripe.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ROCHAS ORNAMENTAIS, 3., Rio de Janeiro, 2007. Anais... Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2007. p. 306-316.

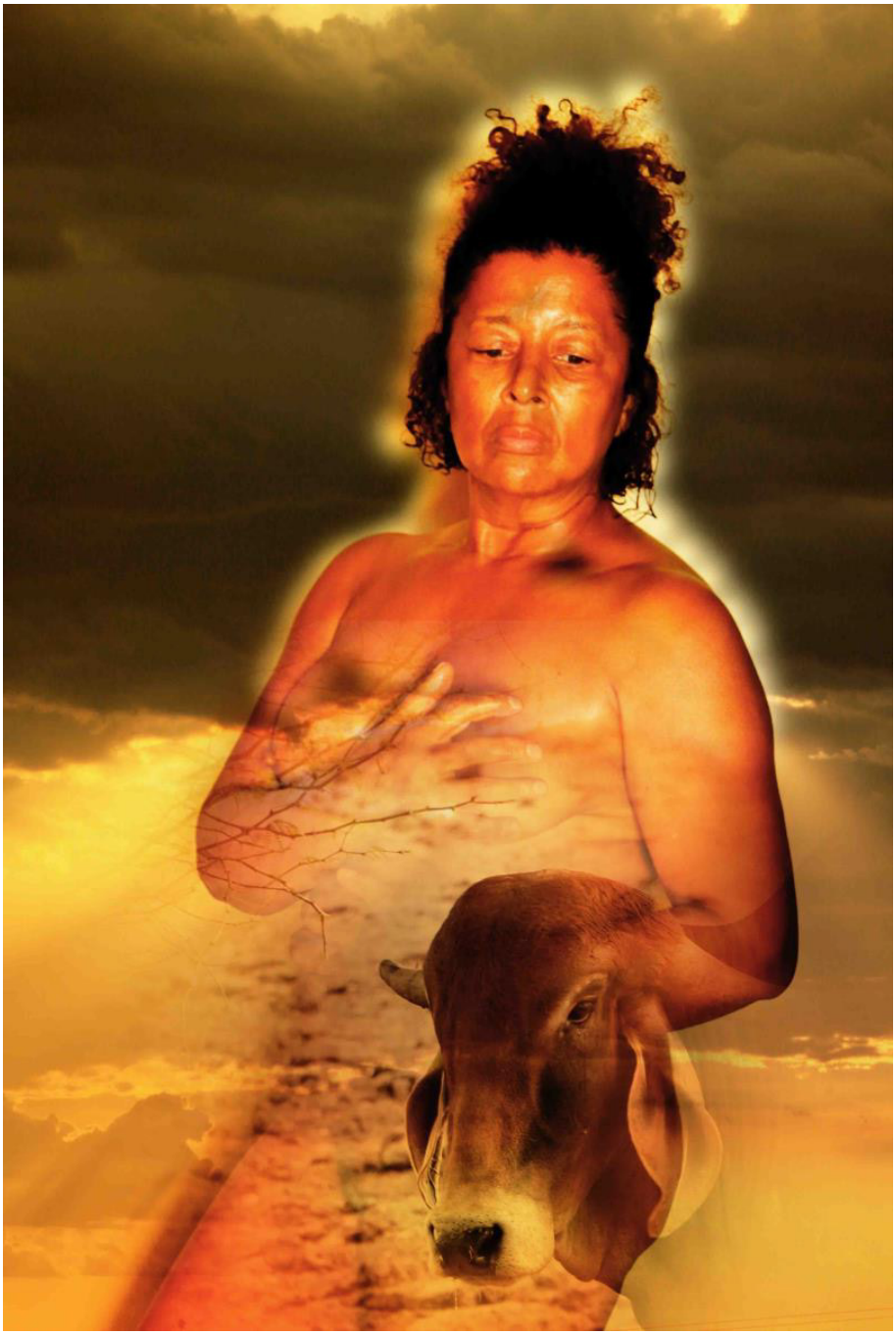
WALTER, Ronald. **Transferências interculturais:** notas sobre trans-cultura, multi-cultura, diásporas e encruzilhadas, UFPE, Recife, [s.d.].

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a "literatura" medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia, Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Apêndices e Anexos

Fotografia 58 – Representação da Orixá Iansã



Representação da Orixá Iansã em sobreposição de imagem com a paisagem, região do Cariri cearense, em um dia nublado. Esta imagem fez parte da exposição DeFauna, realizada pelo Centro Cultural Banco do Nordeste, Juazeiro do Norte, no ano de 2017, e faz parte da série Os pontos de força. Iansã, quando incorporada, dança rodando a saia longa vermelha, que representa o vento e as tempestades, lugar em que o Orixá reside e representa, como força da natureza. Carrega nas mãos a espada de Iansã, que representa a batalha. Esposa de Xangô, Iansã, juntamente com ele, que também carrega arma de batalha na incorporação, é sua esposa favorita e o acompanha frente às batalhas. Forte e avassaladora quanto aos ventos e às tempestades, Iansã dança rapidamente como vento que é. Sua coragem divinal pode ser notada na imagem pelo olhar intenso que apregoa. Epahei, Iansã!

Lista de publicações

Carne Preta, Pele Rara: contribuições para um Teatro Negro de Resistência

Álvaro Renê Oliveira de Sousa

As Peles que Dançam: pistas somáticas para outra anatomia

Marise Léo Pestana da Silva

Casa e Vizinhança: Modos de Engajamento. Cinema brasileiro contemporâneo e práticas moradoras

Érico Oliveira

A vida esculpida com os pés: memórias inacabadas de um poeta andarilho

Ethel de Paula

Memórias Brincantes: um experimento a partir do corpo e da poética do Maneiro Pau do Mestre Cirilo - Crato/CE

Izaura Lila Lima Ribeiro

Intelectuais no Sertão: o Club Romeiros do Porvir, a produção e circulação de representações em torno da intelectualidade, da cidade do Crato-CE e dos sertões (1900-1910)

Johnnys Jorge Gomes Alencar

A Experiência da Cia. Ortaet de Teatro no Centro-sul cearense: percurso pedagógico e processos criativos

José Brito da Silva Filho

"Rei de Paus na avenida de novo!": coprodução de personagens, objetos e lugares no maracatu cearense

Lais Cordeiro

Da Porcelana aos Trapos: bonecas e memórias femininas no processo de poiesis

Larissa Rachel Gomes Silva

Passa um filme na cuca: recepção de cinema no Cuca Barra do Ceará

Luciene Ribeiro de Sousa

Gênero na cena performativa-política de Fortaleza

Manoel Moacir Rocha Farias Júnior

Itinerários no acervo do Instituto de Antropologia da Universidade Estadual do Ceará (1958-1968): a coleção Arthur Ramos como discurso

Maria Josiane

Dos engenhos à usina: patrimônio e cultura material canavieira do Cariri cearense (anos 1930-1970)

Naudiney de Castro Gonçalves

Escritos de uma Guerra Planetária

Noá Araújo Prado

Do Museu Fonográfico ao Arquivo Nirez (1969 - 1983): o engajamento cultural de Nirez em prol do passado de Fortaleza e da música popular

Renato Araújo

Invocação para o fim: o Sertão como arquivo

Ridimuin

Corpos Precários: pedagogia e política na experiência do corpo

Renata Kely da Silva

Grupo Independente de Teatro Amador (GRITA): Resistência Cultural e Apropriação Artística no espaço de Fortaleza (1973-1985)

Thaís Paz de Oliveira Moreira

Entre a mangueira do fato e a corrente de ouro: um estudo antropológico sobre a memória e os espaços, a partir das narrativas fantásticas de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, Baturité-CE

José Wilton Soares de Brito Souza

Fotografia e memória no corpo divino: Orixá encarnado

Yasmine Moraes

Confira a coleção completa em:

arteurgente.com.br

A Coleção de Saberes, ação que integra o **Arte Urgente**, propõe a valorização de pesquisas acadêmicas, como forma de fortalecimento e incentivo a pesquisadores nos campos da arte e da cultura no Ceará. A iniciativa cria uma ponte entre estes trabalhos e um público diverso, expandindo os horizontes da aprendizagem e do conhecimento.

São 20 trabalhos que trazem reflexões contemporâneas em arte e cultura no estado, com temas relacionados às áreas de: artes visuais, audiovisual, circo, cultura popular, dança, teatro, literatura,música, performance, produção cultural, políticas culturais e patrimônio cultural.

Realização

Instituto BR · Quitanda · Soluções Criativas · Labs. Culturais

Prod. Executiva

Cinco Elementos Produções · Marco Zero

Apoio Institucional

Porto Dragão · Instituto Dragão do Mar · Universidade Estadual do Ceará

Apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020.

Lei Aldir Blanc · ceará cultura Secult · Ceará Governo do Estado Secretaria da Cultura · Secretaria Especial da Cultura · Ministério do Turismo · Patria Amada Brasil Governo Federal